

GEOVANE SOUZA MELO JUNIOR

STEFAN ZWEIG E SIGMUND FREUD: TRAJETÓRIA DE UMA AMIZADE



Geovane Souza Melo Junior

**STEFAN ZWEIG E
SIGMUND FREUD:
TRAJETÓRIA DE UMA AMIZADE**

1ª Edição



Uberlândia -MG

2019

Sumário

DO ALIENISTA À TRAGÉDIA DE ZWEIG E FREUD...5	
O OUVIDO DO ANALISTA E O OLHO DO CRÍTICO .9	
APRESENTAÇÃO	13
Capítulo I.....	17
DAS RELAÇÕES ENTRE CARTAS, SUBJETIVIDADE E PSICANÁLISE	17
1.1 Sobre selos, envelopes e firmas	17
1.2 O aparelho psíquico como uma máquina de escrever...23	
1.3. A subjetividade germânica.....	32
Capítulo II	41
A AMIZADE [Freu(n)dschaft] EPISTOLAR.....	41
2.1. O querido professor e o estimado escritor	41
2.2. A arte poética na psicanálise	51
2.3. Dostoiévski entre a epilepsia e a neurose	59
2.4. Alguns mal-entendidos	69
Capítulo III.....	75
O ESTRANGEIRO ENTRE SER HÓSPEDE E SER REFÉM	75
3.1. Prelúdio ao mal.....	75
3.2. Antissemitismo, exílio e tradição	82
3.3. Moisés e a história como trauma	92

Capítulo IV.....	101
O TRAUMA COMO FURO NA	101
REPRESENTAÇÃO	101
4.1. Literatura de teor testemunhal	101
4.2. O excesso inassimilável	106
Considerações finais.....	113
REFERÊNCIAS	123
APÊNDICE	137
ANEXOS.....	139

DO ALIENISTA À TRAGÉDIA DE ZWEIG E FREUD

Meu primeiro contato com Stefan Zweig aconteceu em conjunto com o fortuito encontro com aquela que, dentro em breve, seria minha orientadora de Mestrado e, no momento desta escrita, de Doutorado, Prof.^a Dr.^a Kenia Maria de Almeida Pereira, Doutora em Literatura Brasileira pela UNESP. Eram meados de 2014, havia eu chegado, há pouco tempo, à cidade de Uberlândia-MG. Apesar de minha formação em Psicologia, sentia que estudar a “letra” e suas vicissitudes seria de fundamental importância para minha formação, nomeadamente após o contato com os textos freudianos e lacanianos. Depois de uma troca de e-mails, obra do acaso, nos encontramos, Kênia e eu. Em minhas mãos, alguns impressos que continham um projeto de estudo da obra “O alienista”. Após o silêncio de minha fala, fui apresentado a Zweig, àquela altura nem mesmo sabia pronunciar este nome, um tanto quanto difícil para nós brasileiros, todavia, fiquei instigado a conhecê-lo. Assim, meu primeiro ato foi comprar a sua biografia escrita por Alberto Dines “Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig”. Alguns dias depois, ao ler o livro, fiquei ainda mais fascinado, ao descobrir durante a leitura daquele calhamaço que Stefan Zweig e Sigmund Freud eram amigos!

Nesse interim, comecei a frequentar o Grupo de Estudos “Laboratório de Estudos Judaicos – LEJ – coordenado pela Prof.^a Kênia e fui aprovado no Mestrado com a proposta de apresentar e discutir a correspondência entre Zweig e Freud. Percebi que esse material não se encontrava compilado em algum livro, até mesmo, muitas missivas eram inéditas em vernáculo. Após várias buscas, adquiri o livro em espanhol “Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler” e o livro em francês “Stefan Zweig Correspondance 1932- 1942”. Após a leitura de

centenas de epístolas, dezenas no que tange à amizade Zweig-Freud, estipulamos o recorte da pesquisa, tendo em vista o elevado número de cartas. Interessante que esta abundância provavelmente é fragmentada, devido ao período infausto da época. Profusão em meio a restos, clarões em meio ao perigo, fragmentos de recordações. O que nos remete, necessariamente, a Walter Benjamin e suas teses no livro “Sobre o conceito da História”, no qual o também intelectual judeu defende que a “imagem do passado” é fugaz. O clarão do conhecimento se dá em instantes, em pequenos fragmentos; por conseguinte, cada segundo pode ser a porta estreita na qual o Messias pode adentrar. Assim, com esse escopo traçado, nosso interesse maior seria: a) o desenvolvimento da amizade; b) trechos que dissertam sobre aspectos teóricos da psicanálise; c) comentários de Freud sobre obras de Zweig; e d) temáticas da Guerra, do Exílio e do Antissemitismo.

Paulatinamente a pesquisa foi tomando forma, organizamos os dados e obtivemos as primeiras considerações. Tínhamos 78 missivas trocadas entre os dois intelectuais, sendo 31 de Freud e 47 de Zweig, compreendendo o período de 1908 a 1930. Inclusive, esse tesouro epistolar somente se interrompeu com a morte de Freud, em setembro de 1939. Deste modo, temos 31 anos desta amizade que testemunhou eventos do século XX, que ainda serão estudados por muitos anos afincos, tais como: o nascimento da psicanálise; a ascensão do sionismo; guerras mundiais; nazismo alemão; fascismo italiano; salazarismo português e stalinismo russo. Ademais, sublinhamos que as cartas originais do estudo encontram-se em vários arquivos e bibliotecas, a saber: Cambridge University Library – Inglaterra; State University College – Nova York; Library of Congress – Washington D.C.; Jewish National and University Library – Jerusalém, dentre outros.

Entrementes, descobri que a casa na qual Zweig e sua segunda esposa, Lotte, moravam em Petrópolis-RJ atualmente é um Museu. Evidentemente não tardou muito para acontecer

minha visitação. A Casa Stefan Zweig foi inaugurada em 2006 e cont em alguns de seus pertences: alguns livros, seu xadrez, sua máscara mortuária... Não menos interessante, é que também existe um Memorial do Exílio, que divulga vários outros membros da intelligentsia judia que se refugiou no país do futuro e muito contribuiu nos campos da arte, ciência e tecnologia.

Não se sabe ao certo quando e como os dois pensadores se conheceram, porém Alberto Dines especula a possibilidade de terem se conhecido no momento que Zweig iniciava seus escritos biográficos e, então, solicitou ajuda a Freud para transitar no labirinto da psique. Por falar em subjetividade, devo sublinhar que, ao longo da apresenta o e análise do material, flagrei-me, em diversas ocasiões, de certa forma, sentindo-me “próximo” de ambos os intelectuais, ora sorrindo com suas trocas de elogios e formalidade; em outros momentos angustiando-me com suas pequenas desavenças; e, infelizmente, perplexo em face de todo o cenário de horror que foi sendo arquitetado em plena Europa, terra de Leonardo da Vinci, Friedrich Nietzsche, Jean-Paul Sartre, dentre inúmeros outros. O Iluminismo e sua falaciosa convic o no progresso ad eternum não sobreviveram por muito tempo, no entanto, não foi por falta de advertências, vide o livro “O mal-estar na cultura”.

Deste modo, esta investiga o \neg – quiçá, com certo qu  detetivesco amalgamado com uma pulsão voyeur, predicados que, acredito, são, se não necessários, no mínimo oportunos para apresenta o e análise de uma correspondência – demonstrou-me a importância do material missivo no campo científico. Isto posto, não é fortuito o aumento dantesco que essa modalidade textual vem auferindo no campo dos Estudos Literários contempor neos. Ao contrário do livro, por exemplo, a carta tem o poder de apresentar ao leitor, não somente o intelectual de terno, gravata e discurso elaborado, mas o sujeito em seu cotidiano, de bermuda, chinelo e fala vacilante. Por ventura, seja essa proximidade da epístola com

a vida diária, das pequenas sutilezas que a torna, não rara vezes, presente no universo psicanalítico. A guisa de exemplo, Freud teria escrito, aproximadamente, 15 mil cartas ao longo de sua vida, se acaso, este número hercúleo não cause assombro ao leitor, conjecturemos uma situação fictícia: se Freud houvesse escrito uma carta todos os dias de sua vida, sem trégua e desde o dia de seu nascimento, levaria cerca de 40 anos e nove meses para chegar ao número supracitado.

Enfim, após essa sucinta digressão sobre a amizade epistolar de Stefan Zweig e Sigmund Freud, sublinho que este e-book é uma adaptação de minha Dissertação de Mestrado intitulada: “Conversações entre Stefan Zweig e Sigmund Freud: um olhar sobre suas correspondências” defendida e aprovada na Universidade Federal de Uberlândia, em 2016, no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (ILEEL), sob a orientação da Professora Dr.^a Kenia Maria de Almeida Pereira.

O OUVIDO DO ANALISTA E O OLHO DO CRÍTICO

Todo trabalho dedicado ao registro biográfico de S. Freud se desdobra, inevitavelmente, para o campo de investigação histórica dos principais eventos que marcaram a primeira metade do século XX. Entre outros acontecimentos que atravessaram a vida de Freud (e de Stefan Zweig), poderíamos destacar: a exuberância cultural da cidade de Viena no fim do século XIX e início do XX, período que assistiu ao nascimento da psicanálise; a carnificina da primeira Grande Guerra e a expressão acabada de uma pulsionalidade mortífera; e, talvez, aquele que mais profundamente alterou a vida dos povos das mais diversas nacionalidades, a ascensão do nazismo e o levante antissemita que conduziu a Europa à catástrofe do holocausto.

O registro da vida de Freud é também uma expressão genuína do encontro entre grandes personalidades que moldaram a vida cultural do século passado: além do círculo imediato de psicanalistas e colaboradores que integraram o “movimento psicanalítico”, poderíamos citar o encontro com Albert Einstein, Thomas Mann, Lou Andreas-Salomé e o próprio Stefan Zweig. Talvez seja este o elemento fundamental que confere sentido à expressão de que Freud é um “homem do seu tempo”. O judeu vienense Stefan Zweig, por sua vez, através de seus livros, cartas e demais escritos, é uma testemunha não menos importante e legítima de uma época que assistiu a derrocada dos valores filosóficos, artísticos e éticos herdados do iluminismo europeu. Se a experiência desta derrocada civilizatória resultou no exílio de Freud e de sua família em Londres, Zweig e sua esposa Lotte¹ mergulharam

¹- Charlotte Elizabeth Altmann (mais conhecida como "Lotte").

numa luta interna sem volta: o suicídio de ambos no Brasil de Vargas representou o triunfo de Tânetos sobre Eros.²

O encontro entre Freud e Zweig acaba de ganhar uma bela contribuição através do olhar singular, elegante e preciso de Geovane Souza Melo Júnior. Um olhar (que é também escuta!) sobre a correspondência trocada entre esses dois grandes “personagens” do século XX. Trata-se de um acontecimento destacado no espaço aberto pela troca epistolar (“amizade epistolar”, ver Cap.2) entre Sigmund Freud e Stefan Zweig: mais do que os efeitos e conquistas do pensamento e da ciência, ou mesmo as grandes violências que assaltaram a vida de gerações de artistas e pensadores, se descobre no trabalho de Geovane a relação intrincada entre a literatura de Zweig e a psicanálise freudiana. Tal relação, vale lembrar, suscitou também o olhar da psicanalista francesa Elisabeth Roudinesco em livro publicado recentemente sobre a vida e obra de Freud: “Zweig costumava recorrer à técnica freudiana do deciframento dos sonhos, utilizando especialmente o procedimento narrativo da integração do relato principal em outro relato. (...) Freud gostou dessa novela [24 horas na vida de uma mulher], que, aliás, fazia pensar num caso clínico no qual o narrador, livrando uma paciente anônima do peso do seu passado, teria ocupado o lugar do terapeuta”.³

Geovane, contudo, vai além desta primeira aproximação entre a prática analítica e a expressão estético-literária. Ao pensar a vida e a obra de Freud e Zweig a partir do enfrentamento da noção de trauma (ver Cap.4), ele realiza um entrecruzamento do referencial psicanalítico com a investigação literária. Não se trata, aqui, de forma alguma, de

²- Em “O mal-estar na cultura”, ensaio de Freud publicado em 1930, a batalha entre os deuses do amor e da morte, Eros e Tânetos, realiza, também no plano da cultura, o conflito pulsional (pulsão de vida x pulsão de morte) que habita cada indivíduo.

³- Roudinesco, Elisabeth. Sigmund Freud – na sua época e em nosso tempo. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

um tipo de leitura viciada que insiste em apontar sob a obra o funcionamento inconsciente do autor ou personagem... O significado da experiência traumática é destacado no livro através de uma reflexão singular sobre o “teor testemunhal” que atravessa a linguagem literária. Pensa-se também, de forma delicada e original, a capacidade poética de dizer o indizível da experiência traumática, restos do visto e do ouvido, ou “excesso inassimilável”, nas palavras de Geovane. Cito, portanto, uma passagem do livro que é bastante elucidativa desta perspectiva abraçada pelo autor: “Com a ajuda da ficção, do poeta, devemos trabalhar as marcas deixadas pela cicatriz que não fecha e não cessa, na tentativa de dar suporte ao processo de significação do sujeito”.

Por fim, o livro de Geovane percorre com clareza e perspicácia os traços e as letras que num determinado momento aproximaram as vidas de Sigmund Freud e Stefan Zweig... As cartas trocadas, os afetos que transbordam as palavras, o mergulho sobre a trama aberta pela “amizade epistolar”, fazem deste trabalho uma verdadeira experimentação no espaço limiar que constitui “o ouvido do analista e o olho do crítico”⁴; espaço limiar entre os campos da psicanálise e da literatura.

João Paulo Ayub.

⁴- Expressão que dá nome ao livro de autoria do psicanalista Thomas Ogden e seu filho, crítico literário, Benjamin Ogden.

APRESENTAÇÃO

A vida de Sigmund Freud foi marcada por envios e recebimentos de cartas. Epístolas amorosas para sua noiva e futura esposa Martha Bernays; para personalidades importantes da época, tal como a princesa Marie Bonaparte e o físico Albert Einstein; para os então discípulos Carl Gustav Jung e Sándor Ferenczi, dentre tantos outros. Não diferente foi o universo epistolográfico de Stefan Zweig, àquela altura best seller em vários países e autor do popular Brasil um país do futuro [Brasilien ein land der Zukunft]. Este manteve correspondência com sua segunda esposa Lotte Zweig; com o ganhador do prêmio Nobel de Literatura em 1929, Thomas Mann; com o escritor Arthur Schnitzler, dentre outros.

Levando em consideração o tesouro epistolar que ambos mantiveram, nesta obra propomos nos debruçar sobre a correspondência trocada entre os dois intelectuais, que estão no livro: Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler, de 20041. Quanto ao método de eleição da apresentação e discussão de determinadas missivas, pautamos-nos em: analisar a formação e o desenvolvimento da amizade entre os dois pensadores; discutir trechos que nos chamaram a atenção por contemplar questões teóricas sobre a psicanálise e comentários de Freud sobre obras de Zweig; bem como focar em temáticas da Segunda Guerra, do exílio e também do antissemitismo. Ressaltamos que a correspondência, apesar de ser numerosa e rica em informações, provavelmente é fragmentária, afinal, devido ao nazismo, ambos os escritores foram exilados e tiveram suas obras queimadas e correspondências censuradas. Todavia, lembremos que é no material deixado de lado, por

¹- Todas as traduções foram feitas por mim e são de minha responsabilidade. Assim, optamos pelo seguinte modelo: nossas traduções estão no corpo do texto e os originais na lingual estrangeira estão em notas de rodapé.

vezes esquecido, que fragmentos de conhecimento aguardam para vir à luz do dia.

No primeiro capítulo, fazemos algumas considerações sobre o gênero epistolar, sumariamente, qual a relação do homem com a carta ao longo dos séculos? Em seguida, apresentamos o conceito de letra na obra freudiana, tratamos das relações do inconsciente e a escrita e as implicações destes apontamentos na obra de Lacan. Após estas considerações, discutimos a especificidade da formação de uma consciência, um eu na literatura de língua alemã, desde uma filosofia-literatura idealista até o romance de formação alemão.

No segundo capítulo, analisamos o desenvolvimento da amizade entre os pensadores através das missivas, verificamos quanta importância tinha para Zweig a divulgação da psicanálise. Trabalhamos a noção de obra e autor na psicanálise freudiana, suas intrínsecas relações com a fantasia no adulto e o brincar da criança; abordamos o quanto a literatura foi cara a Freud em suas formulações teóricas. Posteriormente, detemo-nos sobre algumas considerações presentes em um par de epístolas sobre o escritor russo Fiódor Dostoiévski, que anteciparam em anos a posterior investigação freudiana sobre o parricídio, o que nos faz refletir sobre o caráter “oracular” da missiva. Também discutimos alguns pequenos mal-entendidos presentes na correspondência, que não passaram de desacordos temporários face à amizade epistolar de décadas.

No terceiro capítulo, dedicamo-nos às diferenças entre antijudaísmo e antisemitismo; discutimos algumas cartas sobre o exílio e a estreita ligação – construída e legitimada ao longo dos séculos –, entre o judeu e o Mal. Também trabalhamos a concepção de exílio “positivo” forjada por Vilém Flusser, em sua crítica ao nacionalismo alemão. Além disso, novamente nos debruçamos sobre mais uma carta que antecipou a publicação de outro escrito freudiano, o texto sobre o homem Moisés e a religião monoteísta. Consideramos este escrito freudiano, tal como as constatações de Walter

Benjamin, como uma teorização já avançada de sua teoria da história como uma série de eventos traumáticos.

No quarto e último capítulo discutimos as cartas com comentários acerca do nazismo e do antissemitismo. Como arcabouço teórico, utilizamos a literatura de teor testemunhal. Não suficiente, discutimos as contribuições da psicanálise freudiana e laciana. Por fim, no final desta investigação, descrevemos todas as cartas analisadas, em sua versão integral e em espanhol.

CAPÍTULO I

DAS RELAÇÕES ENTRE CARTAS, SUBJETIVIDADE E PSICANÁLISE

1.1 SOBRE SELOS, ENVELOPES E FIRMAS

Cartas produzem memórias, que se desdobram em críticas, que desencadeiam cartas, que engendram memórias... É o grande circuito dos discursos, onde se pode observar a inscrição das trajetórias de leitor e autor, de remetente e destinatário (GALVÃO; GOTLIB, 2000, p. 339).

No que se refere à etimologia, o vocábulo “carta” provém do latim *charta, ae*, “folha de papiro preparada para receber a escrita; folha de papel”, empréstimo latinizado do termo grego *Khártés*, “folha de papiro, escrita, obra”. Já a palavra “épístola” vem do latim *epistŭla ou epistolā*, “carta, mensagem”, do grego *epistolê* derivado do verbo *epistellein* “mandar, enviar” composto por *epi* “a, para” mais *stellein* “enviar”. Por sua vez, a expressão “missiva” deriva do latim *mīssus*, particípio do passado do verbo latino *mittĕre*, “enviar, mandar” (VASCONCELLOS, 2008).

O uso de cartas, entendendo-as como mensagens escritas, enviadas a outrem, é quase tão antigo quanto o homem. Evidências históricas datam as primeiras missivas ao final do quarto milênio antes de Cristo, isto é, possivelmente bem próximo do advento da própria escrita pelos sumérios. As letras eram gravadas em pequenas tabuletas de argila, úmidas e, posteriormente, colocadas ao sol para secar, no formato de cunhas, daí a designação de escrita cuneiforme atualmente.

Na Sociedade Greco-romana, o ato de enviar cartas era uma prerrogativa, mormente de pessoas de posses, sobretudo

mercadores, magistrados e príncipes. Estes escreviam em lâminas ou tabletes de cera e confiavam a seus servos a sua entrega ao pretendido destinatário. Entretanto, “os gregos não transformaram a arte da correspondência num gênero literário, ao contrário dos romanos, para quem a epístola converteu-se numa de suas principais fontes de expressão e gênero [...]” (ZILBERMAN, 2008, p. 90). Dentre estes, podemos citar: Marco Túlio Cícero; Públio Ovidio Naso e Demétrio de Faleros. É sob a égide dos romanos e da língua latina que a missiva, paulatinamente, transformou-se em um gênero literário. Grandes poetas trabalharam suas obras nesta estrutura. Como podemos perceber, a carta, desde seus primórdios, foi e ainda é um objeto político, envolta em jogos de poder, conforme afirma Roland Barthes:

Entre os romanos, escrever era uma ocupação servil: o homem livre não escrevia, ditava a um escravo, ao menos (o sabemos pelo exemplo de Cícero) dava-lhe, imediatamente, seu projeto para que retornasse a copiar. Ainda hoje em dia, a máquina de escrever é um instrumento de classe, está ligada a um exercício de poder: esse exercício supõe uma secretária, substituto moderno do escravo antigo [...] (BARTHES, 2002, p. 115).¹

A relação muito próxima entre a letra e o poder nos é conhecida, não é mero acaso que, em alemão, uma das palavras para vocabulário é *Wortschatz*, traduzido ao pé da letra: tesouro de palavra, isto é, o léxico é um tesouro

¹- Entre los romanos, escribir era una ocupación servil: el hombre libre no escribía, dictaba a un esclavo, o al menos (lo sabemos por el ejemplo de Cicerón) le daba inmediatamente su borrador apresurado para que lo volviese a copiar. Aún hoy en día, la máquina de escribir es un instrumento de clase, está ligada a un ejercicio del poder: ese ejercicio supone una secretaria, substituto moderno del esclavo antiguo [...] (BARTHES, 2002, p. 115).

linguístico. Assim sendo, a letra agrega/segrega; inclui/exclui; saber ler/escrever é, quiçá, o primeiro meio de seleção social.

No século IV d.C, o teólogo e escritor Gregório Nazianzeno defendeu que a missiva deveria ter três qualidades, são elas: concisão, clareza e graça. Além disso, deveria ser pautada pelo objetivo a que se destinava, pela formosura da persuasão e pelo imediato entendimento do receptor. Em seguida, por volta do século V d.C, o orador Caio Júlio Victor, em sua obra *Ars rhetorica*, dedicou um capítulo às cartas: “[...] afirma que muitas das diretrizes do discurso oral podem ser aplicadas às missivas, divididas por ele como de negócios ou familiares” (CARDOSO; ULRICH, 2008, p. 415). Logo, por volta de cinco séculos depois de Cristo, já temos a carta relacionada a questões familiares, isto é, esta foi ganhando espaço no que tange à intimidade, instrumento de confidências, e não mais, única e exclusivamente, objeto de políticos, mercadores e príncipes.

Já na Idade Média, devido à maior formalidade dos negócios eclesiásticos, as missivas exigiam um rigor solene. Cada vez mais, tornaram-se objeto de estudo; ganharam mais espaço entre o clero e a nobreza que se formavam; conseqüentemente surgiram grandes manuais de retórica, especificamente para o gênero. Neste momento, alguns monges italianos, particularmente da cidade de Bolonha, tornaram-se célebres por seus trabalhos sobre cartas.

É digno de nota que a própria Igreja Católica Apostólica Romana, instituição hoje milenar, enquanto ainda dava seus primeiros passos, cerca de 50 anos d.C, também se utilizou das benesses de uma missiva, lembremos das Epístolas de Paulo de Tarso, conhecidas como Epístolas Paulinas. Paulo escrevia as cartas com sermões, pregando os preceitos cristãos a outros povos. A título de exemplo temos: Carta aos Romanos; Carta aos Gálatas; Carta aos Efésios e Carta aos Coríntios. Não suficiente, há na *Bíblia* outras cartas, tais como as dos Apóstolos Pedro e João. Interessante notar como foi através de epístolas que o Cristianismo consolidou-se e enraizou seus

princípios, instrumentalizando-a como meio de divulgação de seus ensinamentos.

Notemos que, além do Cristianismo, também a Mitologia e a Filosofia utilizaram-se da missiva em seu proveito. Vide as Epístolas creditadas ao filósofo Platão reunidas no livro *Platão Cartas e Epigramas*, obra que reúne treze cartas do pensador.

A carta tem uma longa história. Platão escreveu cartas memoráveis, assim como Cícero e São Paulo. Essas epístolas porém, diferiam radicalmente das cartas contemporâneas. Não que lhes faltasse sentimento; eram, no entanto, mais documentos sociais do que comunicações pessoais; dirigiam-se a um público interessado, por vezes às gerações vindouras (GAY, 1999, p. 339).

Por sua vez, foi na França do século XVII, com sua pomposa corte, palácios e salões, que a carta encontrou um território ideal para prosperar. Somado a esse contexto singular, é importante ressaltar que, neste momento, em sua maior parte, aquela já não era mais escrita à mão. Com o advento da imprensa, escrever tornou-se uma tarefa, no mínimo, mais fácil e rápida, o que ajudou em sua disseminação, principalmente entre os nobres. Algumas das correspondências deste momento ressoam ainda hoje, por exemplo: a correspondência da Marquesa Marie de Rabutin-Chantal, conhecida como Madame de Sévigné, trocadas com sua filha. Após o casamento desta e mudança para Provence, teve início o tesouro epistolográfico trocado entre ambas, postumamente publicado com o título de Cartas [*Lettres*]. Nesta ocasião, há o apogeu do romance epistolar, surgiu a obra mais conhecida: *As Ligações Perigosas* [*Les liaisons dangereuses*] do autor francês Pierre Choderlos de Laclos, livro que retrata as relações inescrupulosas de um pequeno grupo de aristocratas através das cartas trocadas entre si. Além

deste clássico da literatura epistolar francesa, podemos citar: *Nova Heloísa [La nouvelle Héloïse]*, de Jean-Jacques Rousseau; *Pamela: ou, a virtude recompensada [Pamela: Or, Virtue Rewarded]*, *Clarissa: ou a história de uma jovem [Clarissa: Or the History of a Young Lady]* e *A história de Sir Charles Grandison [The History of Sir Charles Grandison]*, todos do inglês Samuel Richardson, dentre vários outros. Acerca deste momento ímpar na sociedade burguesa em formação, afirma Barthes:

[...] a unidade ideológica da burguesia produziu uma escrita única [...] já não se sente a Literatura como um modo de circulação socialmente privilegiado, mas como uma linguagem consistente, profunda, cheia de segredos, dada ao mesmo tempo como sonho e como ameaça (BARTHES, 2004, p. 5).

O intelectual francês já ressaltava a relação entre burguesia, capitalismo e segredos, ora, qual é uma das principais funções da missiva a partir de então? Justamente confidências, confissões, declarações, contratos. “Nada mais indiscreto, em minha opinião, que ver alguém escrevendo: com maior motivo se o vejo ler movendo, suavemente, os lábios” (BARTHES, 2002, p. 128).² Não por acaso, é nesse contexto que o autor, enquanto agente criador de algo seu (seu livro como propriedade, criador-criatura), foi fomentado:

Com a assinatura, a escrita se *apropria*, quer dizer, se converte tanto em uma expressão de uma identidade como em marca de uma propriedade; garante ao que assina o gozo do seu produto, autentifica o compromisso da pessoa,

²- Nada más indiscreto, en mim opinión, que ver a alguien escribiendo: con mayor motivo se lo veo leer moviendo suavemente los labios (BARTHES, 2002, p. (128).

é uma peça maior do sistema econômico, mas também psicológico; nascida legalmente, ao alvorecer do capitalismo [...] a assinatura se desenvolve historicamente ao ritmo da ideologia burguesa (ideologia conjunta de pessoa e propriedade [...]) (BARTHES, 2002, p. 118).³

A burguesia, em seu afã em descortinar o eu e o início do capitalismo, teve como consequência, – não só o fomento à carta na lógica da propriedade privada, extensão da casa e seus segredos –, mas também da criação da figura do autor, aquele que afiança que o escrito é seu, portanto, temos também o próprio livro como propriedade privada.

Estamos acostumados, pelo peso dos valores democráticos (e talvez mais distante: cristãos), a considerar de forma espontânea a maior comunicação como um bem absoluto e a escritura como uma aquisição progressiva. Isso é esquecer, uma vez mais, o reverso do fenômeno: existe uma verdade negra da escrita: durante milênios, a escrita separou aqueles que estavam iniciados nela, pouco numerosos, daqueles que não estavam (a massa dos homens), foi a marca da propriedade (pela assinatura) e da distinção (há escritas primárias, vulgares, e escritas cultivadas), ainda hoje em dia, todo fenômeno de dominação, de secessão e, por assim dizer, de clandestinidade, passa pela posse de uma escrita (algoritmos da matemática, da química, da botânica, escrita musical, simbólica, astrológi-

³- Con la firma, la escritura se apropria, es decir, se convierte a la vez en la expresión de una identidad y en la marca de una propiedad; garantiza al que lo firma el goce de su producto, autentifica el compromiso de la persona; es una pieza mayor del sistema económico pero también psicológico; nacida legalmente al alba del capitalismo [...] la firma se desarrolla históricamente al ritmo de la ideología burguesa (ideología conjunta de la persona y la propiedad [...]) (BARTHES, 2002, p. 118).

ca, enquanto uma ciência tende a constituir-se, seus promotores inventam um hermetismo gráfico [...] quanto mais difícil de ler uma escrita, mais a reconhecemos como algo <<personal>>, remetendo ao estatuto impenetrável do indivíduo (BARTHES, 2002, p. 91).⁴

Portanto, novamente, torna-se claro a escrita e sua relação com o poder, algo que Zweig e Freud viveram na pele por meio da queima de seus livros nas universidades alemãs. Propriedade privada, casa, carta, livro, talvez, sejam a cadeia significativa desse momento histórico marcado pela emergente burguesia e a ascensão do capitalismo.

1.2 O APARELHO PSÍQUICO COMO UMA MÁQUINA DE ESCREVER

Como esquecer, de fato, que Freud sustentou com constância e até o fim a exigência primordial dessa qualificação [literária] para a formação dos analistas, e que apontou na *universitas litterarum* de sempre o

⁴- Estamos acostumbrados, por el peso de los valores democráticos (y tal vez más lejanamente: cristianos), a considerar de forma espontánea la mayor comunicación como un bien absoluto y la escritura como una adquisición progresista. Eso es olvidar una vez más el reverso del fenómeno: hay una verdad negra de la escritura: durante milenios, la escritura ha separado a los que estaban iniciados en ella, pouco numerosos, de los que no lo estaban (la massa de los hombres), ha sido la marca de la propiedad (por la firma) y de la distinción (hay escrituras primarias, vulgares, y escrituras cultivadas); aún hoy en día, todo fenómeno de dominio, de secesión y, por así decirlo, de clandestinidad, pasa por la posesión de una escritura (algoritmos de la matemática, de la química, de la botánica; escritura musical, simbólica, astrológica; en cuanto una ciencia tiende a constituirse, sus promotores inventan un hermetismo gráfico [...] cuanto más difícil de leer es una escritura, más se la reconoce como <<personal>>, remitiendo al estatuto impenetrable del individuo (BARTHES, 2002, p. 91).

lugar ideal para sua instituição?(LACAN, 1998, p. 497).

Podemos dizer que há uma teoria da escrita, da letra em Freud e Lacan; todavia, isto está implícito no que se refere a Freud, cabe a nós atermos aos pequenos detalhes. Vide a *magnum opus* freudiana *A interpretação dos sonhos* [*Die Traumdeutung*] que traz a proposta do sonho como uma escrita a ser traduzida.

[...] o conteúdo do sonho é como uma transcrição dos pensamentos oníricos em outro modo de expressão cujos caracteres e leis sintáticas é nossa tarefa descobrir, comparando o original e a tradução. [...]. O conteúdo do sonho, por outro lado, é expresso, por assim dizer, numa escrita pictográfica cujos caracteres têm de ser individualmente transpostos para a linguagem dos pensamentos dos sonhos. [...] O sonho é um quebra-cabeça pictográfico desse tipo [...] (FREUD, [1900] 2001, p. 277).

O sonho é comparado às escritas egípcias e chinesas, Freud exemplifica: “um elemento dessa espécie o conteúdo do sonho pode ser comparado aos determinantes empregados na escrita hieroglífica, que não visam a ser pronunciados, servindo meramente para elucidar outros sinais” (FREUD, [1900] 2001, p. 318). Algumas páginas à frente: “frequentemente, eles não possuem um significado único, podendo mesmo possuir inúmeros sentidos e, como ocorre com a escrita chinesa, a interpretação correta só pode ser alcançada, em cada ocasião, partindo-se do contexto” (FREUD, [1900] 2001, p. 348). Logo, o sonho deve ser pensado como da ordem de uma escrita, uma escrita simbólica.

A partir dessas considerações, ao longo de suas obras, Freud distinguiu dois campos: o consciente e o inconsciente. O último, por não estar acessível a qualquer momento, levamos à ideia de um arquivamento psíquico.

A hipótese de um sistema inconsciente criou a necessidade lógica de que o psíquico estivesse em algum lugar que não na consciência. Sendo o campo de consciência muito pontual, deve haver arquivo: entra-se aqui no par presença-ausência. Há algo ausente que pode se fazer presente. Este algo ausente está em estado vestigial - traço ou marca de uma presença, tanto na dimensão existencial de um sujeito em particular quando na história da espécie. Do ocorrido ficaram os vestígios (REGO, 2006, p. 17).

Deste modo, existem os pensamentos conscientes e pré-conscientes que podemos acessar facilmente; todavia, há de se ter um arquivamento no âmbito do inconsciente, de alguma forma, o inconsciente está inscrito no sujeito, pois estes arquivos estão e não estão lá. “A escritura é impensável sem o recalque. A sua condição é que não haja nem um contato permanente nem uma ruptura absoluta entre as camadas (DERRIDA, 2005, p. 221). Temos o aparelho psíquico como uma complexa máquina de escrita, no qual existem traços, rabiscos, apagamentos etc. Neste sentido, podemos dizer que o aparelho psíquico inscreve suas marcas e apagamentos no próprio sujeito.

Destarte, o psicanalista francês, Jacques Lacan, propôs o retorno à “coisa” freudiana, ou seja, a volta ao sentido de Freud que privilegia a palavra e seus efeitos: “[...] o inconsciente é uma linguagem [...]. A prova é que tudo se passa como se Freud traduzisse uma língua estrangeira, e mesmo a reconstituísse recortando-a” (LACAN, [1955-56] 2010, p. 21).

Sem dúvida a *Traumdeutung* é uma criação também. Por mais que se diga que já se tinham interessado pelo sentido do sonho, isso não tem absolutamente nada a ver com este trabalho pioneiro que é feito diante de nossos olhos. Isso não vai dar somente na fórmula de que o sonho diz alguma coisa para vocês, pois a única coisa

que interessa a Freud é a elaboração através da qual ele o diz – ele o diz como se fala. Isso jamais tinha sido visto. Tinha-se podido perceber que o sonho tinha um sentido, que se podia ler nele alguma coisa, mas não que o sonho fala. Mas admitamos que a abordagem do sonho por Freud tenha podido ser preparada pelas práticas inocentes que precederam sua tentativa. Em compensação, jamais houve nada de comparável ao modo como ele procedeu com Schreber. O que ele faz? Pega o livro de um paranóico, cuja leitura ele recomenda platonicamente no momento em que escreve a sua própria obra – não deixem de lê-lo antes de me lerem –, e dele nos dá uma decifração champollionesca, ele o decifra do modo como se decifram hieróglifos (LACAN, [1955-56] 2010, p. 19).

No artigo *A carta roubada* [*La Lettre volée*], Lacan analisou o texto homônimo do escritor americano Edgar Allan Poe, de 1844, introduzindo o conceito *lettre*. No conto, o narrador descreve um episódio, no qual ele e seu amigo Dupin recebem a visita do Sr. G., Prefeito da Polícia, que busca auxílio para solucionar o caso do desaparecimento de uma carta comprometedora dirigida à Rainha, aparentemente roubada por alguém do próprio círculo de amizade real, o Sr. Ministro D.

Após algumas investigações, Dupin, em pouco tempo, recuperou a carta, intrigando o Prefeito de Polícia, que não conseguiu desvendar o caso. Dupin parte do pressuposto que a carta estaria em algum lugar evidente, afinal, a polícia buscou exaustivamente e nada encontrou. Ele percebe que a carta roubada havia sido deixada à mostra, tendo o ministro modificado, ligeiramente, a sua forma, o selo e o destinatário, que não mais era a Rainha, mas o próprio ministro.

Deste modo, percebe-se, claramente, que a simples posse da carta roubada confere grande poder ao ministro. A representação desta missiva roubada, para cada personagem,

e as suas consecutivas implicações na trama engendram toda a narração. Assim, o desenrolar deste conto nos remete à afirmação de Derrida em seu livro *A escritura e a diferença* [*L'écriture et la Différence*]:

A letra, é sempre roubada. Sempre roubada. Sempre roubada porque sempre *aberta*. Nunca é própria do seu autor ou do seu destinatário e faz parte da sua natureza jamais seguir o trajeto que leva de um sujeito próprio a um sujeito próprio (DERRIDA, 2005, p. 121).

Assim, a partir deste conto, Lacan jogou com a homofonia das palavras *letter* e *litter*, uma carta, uma letra, um lixo. Lembrando que, *letter* significa tanto carta quanto letra. Logo, em sua análise, focalizou a outra natureza da missiva, além de sua função de transmitir mensagens.

A explicação de Lacan para o modo como Dupin recupera a carta roubada pelo ministro se apóia sobre sua capacidade de perceber a dupla essência de uma carta. Dupin é alguém que leva em consideração o fato de uma carta não estar inteiramente do lado da mensagem – que, aliás, não é revelada no conto –, possuindo também uma materialidade, e sendo portanto manuseável, passível de ser esquecida, rasgada, guardada, adulterada ou tratada como detrito. Será a partir da consideração da carta como pedaço de papel escrito – em termos joycianos, a *letter*, a *litter* – que Dupin orientará sua investigação, a ponto de poder recuperá-la sem que o ministro D. se dê conta (MANDIL 2003, p. 27).

Por conseguinte, Lacan enfatizou a dualidade da *letter* (letra, carta), a sua dimensão de mensagem, um elemento significante; todavia, também há o âmbito do objeto, um pedaço de papel rabiscado, selado. Barthes, contemporâneo

de Lacan, em seu escrito de 1973: *Variaciones sobre la escritura* [*Variations sur l'écriture*], aparentemente, dialogou com as constatações lacanianas:

A letra é *precisamente* o que não se parece com nada: sua natureza é escapar, inflexivelmente, de toda semelhança: todo o esforço da letra é contra-analógico. Esta é uma proposição ex-orbitante, pois tudo termina por parecer-se a algo (o que não se parece com nada termina por parecer-se com uma letra [...]) (BARTHES, 2002, p. 106).⁵

Ora, justamente por não levar em consideração essa dualidade, a polícia francesa não acha a epístola, eles a buscam enquanto mensagem enigmática e comprometedora da Rainha e esquecem do aspecto material, visível.

Essa dupla dimensão, função de transmissão de uma mensagem, *a letter*, mas com um destino que concerne à sua materialidade, *a litter*, é para Lacan, algo inerente a uma carta (ou a uma letra), esta não podendo ser concebida sem a simultaneidade das duas vertentes (MANDIL, 2003, p. 28).

Apesar de a *letter* ser constituída por preciosas mensagens, ordens, enigmas, declarações de amor, tal aspecto simbólico não retira sua dimensão de *litter*, dito em outras palavras, em sua materialidade, a carta é um resto de papel rabiscado. Nos termos de Barthes: “a escrita necessita do descontínuo, que é de certo modo, a sua condição orgânica de

⁵- La letra es precisamente lo que no se parece a nada: su ser mismo es escapar inflexiblemente de toda similitud: todo el esfuerzo de la letra es contra-analógico. Es ésta una proposición desorbitada, pues todo termina por parecerse a algo (lo que no se parece a nada termina por parecerse a una letra) [...] (BARTHES, 2002, p. 106).

aparição [...]” (BARTHES, 2002, p. 111). Por sua vez, Blanchot, também contemporâneo de Lacan, propôs a palavra como voz de uma ausência, é justamente este não estar lá, onde se supunha estar, tal como vimos no conto de Poe.

Como a palavra sagrada, o que está escrito vem não se sabe de onde, é sem autor, sem origem e, por isso, remete a algo mais original. Por trás da palavra do escrito, ninguém está presente, mas ela dá voz à ausência, assim como no oráculo onde fala o divino, o próprio deus jamais está presente em sua palavra, e é a ausência de deus, então, que fala (BLANCHOT, 2011, p. 55).

Em outro texto lacaniano, posterior ao da carta roubada, nomeado *Lituraterra*, neologismo forjado pelo psicanalista, temos, claramente, uma distinção entre os conceitos de significante e de letra:

O que inscrevi, com a ajuda de letras, sobre as formações do inconsciente, para recuperá-las de como Freud as formula, por serem o que são, efeitos de significante, não autoriza a fazer da letra um significante, nem a lhe atribuir, ainda por cima uma primazia em relação do significante (LACAN, [1971] 2003, p. 19).

Isto posto, ao longo de seus seminários, o conceito de letra foi se desenvolvendo. Num primeiro momento, podemos dizer que não há um distanciamento do conceito de significante; *a posteriori*, ele distancia conceitualmente os dois termos. Em síntese, o significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante, ou seja, é da ordem de uma representação; enquanto a letra é do âmbito de uma transmissibilidade, da rasura, do gozo. O significante é simbólico; já a letra real. E, nesse sentido, a letra está estreitamente ligada ao saber; a letra pode construir um sentido, por exemplo, por meio de uma ficção, ou pode simplesmente ser objeto de gozo, tal como

Barthes argumentou em seu ensaio *O prazer do texto*.

Logo, a escrita e a escrita do inconsciente são feitas por meio de traços, rastros. Como vimos até aqui, ambos perpassam por processos similares, constituídos de rasuras, apagamentos etc. “A teoria lacaniana do traço, da letra e da escrita aponta para: isso (se) escreve e o inconsciente é estruturado como uma escrita de traços que não cessa de não se ler, mas que, paradoxalmente, só revela sua estrutura pela escrita” (REGO, 2006, p. 177). Além do mais, tal como o psicanalista, Barthes também criticou a noção de escrita como imanentemente ligada a um entendimento, existe um para além da ordem simbólica na linguagem:

A história da escrita chinesa é um exemplo neste ponto: essa escrita foi *primeiramente* estética e/ou ritual (servia para dirigir-se aos deuses) e logo funcional (servia para comunicar, para registrar); a função de comunicação, que nossos lingüistas convertem em uma resposta para tudo, é posterior, derivada, secundária; portanto, a escrita chinesa não pôde ser no princípio uma cópia do falar, e nossos transcritores (que consideram a escrita como uma simples transcrição da linguagem) estão perdendo seu tempo. Não, não é evidente que a escrita sirva para comunicar; se atribuímos à escrita funções puramente práticas de contabilidade, comunicação, registro, e censuramos o simbolismo que move o signo escrito, é por um abuso de nosso etnocentrismo (BARTHES, 2002, p. 93).⁶

⁶- La historia de la escritura china es ejemplar en este punto: esa escritura fue primero estética y/o ritual (servía para dirigirse a los dioses) y luego funcional (servía para comunicar, para registrar); la función de comunicación, que nuestros lingüistas convierten en una respuesta para todo, es posterior, derivada, secundaria; por lo tanto, la escritura china no pudo ser al principio un calco del habla, y nuestros transcripcionistas (que consideran la escritura como una simple transcripción del lenguaje) están perdendo el tiempo. No, no es evidente que la escritura sirva para

Nossos estudiosos da língua que cometem o erro de encerrá-la em sua dimensão comunicacional e esquecem sua dimensão de engodo, de lixo, fazem o mesmo que os policiais do conto de Poe e nada encontram em sua busca.

Assim, dizendo, como a maioria dos historiadores ou dos arqueólogos, que a função original da escrita (aquilo para que foi inventada) foi com toda evidência a <<comunicação>> acarreta muitas dificuldades, muitos assombros: se se trata de <<comunicar>> – e, claro, o mais claro e rapidamente possível –, como explicar que alguns povos (os sumérios, os acádios) inventaram escritas <<abstratas, difíceis>> (o cuneiforme), quando o pictograma, que se considera anterior, era tão <<claro>>? (BARTHES, 2002, p. 96).⁷

Para Barthes, primeiramente, a língua esteve envolvida com assuntos religiosos, de culto ao divino; *a posteriori*, com a formação dos Estados Nações. Os regentes perceberam o caráter político de poder, de agregação/segregação contido nesse instrumento e fizeram esforços para unificar uma língua do Estado e controlá-la por meio de uma gramática oficial, laicizá-la.

comunicar; si atribuimos a la escritura funciones puramente prácticas de contabilidad, de comunicación, de registro, y censuramos el simbolismo que mueve el signo escrito, es por un abuso de nuestro etnocentrismo (BARTHES, 1973, p. 93).

⁷- Así, decir, como la mayoría de los historiadores o de los arqueólogos, que la función original de la escritura (aquello para que se inventó) fue con toda evidencia la <<comunicación>> acarrea muchas dificultades, muchos asombros: si se trata de <<comunicar>> - y, por supuesto, lo más clara y rápidamente posible –, ¿cómo explicar que algunos pueblos (los sumerios, los acadios) inventaran escrituras <<abstractas, difíciles>> (el cuneiforme), cuando el pictograma, que se considera anterior, era tan <<claro>>? (BARTHES, 2002, p. 96).

[...] indica que a escrita, historicamente, é uma atividade continuamente contraditória, articulada sobre uma dupla pretensão: de um lado, é um objeto estritamente mercantil, um instrumento de poder e de segregação, tomado na realidade mais crua das sociedades; e, por outro lado, é uma prática de gozo, ligada às profundezas pulsionais do corpo e às produções mais sutis e mais felizes da arte.⁸

Portanto, para Barthes, tal como para a psicanálise, a escrita está ligada, além de suas questões de mercadoria, de poder, à sexualidade, às fruições do prazer e ao gozo: “a escrita é isto: a ciência das fruições da linguagem, o seu kamasutra (desta ciência, existe um só tratado: a própria escrita)” (BARTHES, 1983, p. 39). Por fim, todos os intelectuais citados ao longo deste capítulo se esforçaram para compreender as sutilezas da escrita, suas relações e até mesmo semelhanças com a constituição da vida anímica.

1.3. A SUBJETIVIDADE GERMÂNICA

Há entretanto, uma variante de romance que é alemã, tipicamente alemã, legitimamente nacional, e tal variante é precisamente o romance de formação e de desenvolvimento, impregnado pela autobiografia (MANN citado por MAZZARI, 2010, p. 118).

⁸- [...] indica que la escritura, históricamente, es una actividad continuamente contradictoria, articulada sobre una doble pretensión: por una parte, es un objeto estrictamente mercantil, un instrumento de poder y de segregación, tomado en la realidad más cruda de las sociedades; y, por otra parte, es una práctica de goce, ligada a las profundidades pulsionales del cuerpo y a las producciones más sutiles y más felices del arte (BARTHES, 2002, p. 88).

Especificamente em relação à língua alemã, quais as vicissitudes de todo esse contexto burguês ávido por aventuras no terreno da subjetividade? Ora, podemos começar por citar o livro *Os sofrimentos do jovem Werther* [*Die Leiden des jungen Werthers*], do gênio alemão Johann Wolfgang Goethe. Obra sobre uma paixão devastadora, escrita através de cartas. A razão de todo o sofrimento é Charlotte, mulher já prometida a outro homem. Esse romance epistolar causou tamanha identificação aos jovens leitores, iniciando uma onda de suicídios na Europa.

Escrito em forma epistolar, o *Werther* se nos apresenta como um monólogo, interrompido no final apenas pela intervenção do narrador, o qual nos fornece uma visão bastante distanciada dos eventos que antecederam a morte de Werther. A forma em si não é uma novidade; entre as obras anteriores, cuja presença se faz perceptível aqui, a *Nova Heloísa* de Rousseau tinha sido redigida nesses moldes. A diferença em relação ao *Werther*, contudo, é que não conhecemos as respostas às cartas de Werther e só temos uma vaga idéia das respostas dos destinatários pelas cartas seguintes da própria personagem. Por conseguinte, durante a leitura estamos praticamente sozinhos ao lado do herói, o que torna a nossa concordância com os acontecimentos quase uma imposição. O efeito é notável, pois a subjetividade de Werther, local onde efetivamente desenrola toda a trama, torna-se onipresente. Podemos supor o efeito que teria a intervenção de uma segunda voz: ela imediatamente deslocaria a nossa atenção para um distanciamento crítico e ponderado, rompendo a força gravitacional dessa esfera hermeticamente fechada que é a interioridade da personagem (TOLLE, 2006, p.12).

O gênero epistolar surgiu com o intuito de conferir maior veracidade aos romances; estes eram sempre escritos em primeira pessoa e continham elementos psicológicos marcantes, era passado ao leitor o âmago da alma dos personagens, seus conflitos internos e aspirações. No âmbito da epopeia, temos um protagonista lutando contra as intempéries advindas do exterior, o herói deveria subjugar seres fantásticos, forças da natureza, vide Ulisses. No romance, ao contrário, o foco foi nos acontecimentos interiores do protagonista, suas ideias, emoções, sentimentos, a formação do herói. “Goethe encontrou no romance epistolar [...] a forma apropriada para exprimir, de maneira a mais direta e espontânea possível, a exarcebada sensibilidade de sua personagem” (MAZZARI, 2010, p. 299). Como se deu este nascimento do eu frente à tradição, à religião nos países germanófonos? Segundo Hannah Arendt, na Europa, a reforma protestante propiciou a ascensão do indivíduo à cultura. A exploração da consciência, da autorreflexão foi provocada.

Não havia mais uma autoridade à qual fazer confissões (para o catolicismo a instituição da Igreja e para o protestantismo, o próprio Deus), e a autorreflexão religiosa se tornou simples reflexão sobre a vida pessoal, esvaziada do elemento religioso. [...] O conceito de graça cedeu lugar ao conceito de autodesenvolvimento autônomo, e temos o ponto culminante dessa mudança em Goethe, que concebia a história pessoal como uma imagem moldada em constante e viva transformação (ARENDE, 2008, p. 57).

A sombra do teocentrismo recuou na Europa e temos um momento antropocêntrico europeu. Durante o século XVIII, na Alemanha, surge o movimento literário-filosófico *Tempestade e Ímpeto* [*Sturm und Drang*], em reação ao excessivo racionalismo divulgado pelo Iluminismo [*Aufklärung*] francês, logo, lutava-se por um resgate da

subjetividade, do devaneio e da emoção. Entre seus principais representantes temos o próprio Goethe com seu livro *Werther*, Friedrich Schiller com a obra *Ode à Alegria [An die Freude]* e Johann Gottfried von Herder com o volume *Extrato da correspondência sobre Ossian e as canções dos povos antigos [Auszug aus einem Briefwechsel über Ossian un die Lieder alter Völker]*.

O movimento Tempestade e Ímpeto, iniciado por volta de 1768 e que contava entre os seus integrantes Herder, Klingler, Lenz, Stilling e Wagner, além do jovem Goethe, denunciava no mundo ocidental – cada vez mais afeito aos ideais do Iluminismo – a obsessão pela razão a concepção fria e mecânica da realidade e certa indiferença em relação aos valores humanos propriamente ditos, como os sentimentos, a fantasia e as relações sociais para além das meras atribuições sociais e econômicas. Em suma, nas palavras de Herder, tratava-se de uma época em que predominava a separação entre coração e cabeça (TOLLE, 2006, p.13).

Portanto, o movimento Tempestade e Ímpeto é um pré-romantismo alemão, pois as concepções românticas já estavam lançadas neste movimento questionador da razão. Em seu livro *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: O coração Desvelado [The Bourgeois Experience: Victoria to Freud: The Naked Heart]*, Peter Gay defendeu que a cultura do século XIX, nomeadamente a burguesa, tendo como embasamento os românticos, aventurou-se como nunca no secreto e oculto universo do *eu*, da subjetividade: “[...] gradualmente o chamado burguês comum juntou-se em massa à peregrinação ao mundo interior – com diários íntimos, confissões escritas, cartas confidenciais, missivas de amor e rumações religiosas” (GAY, 1999, p. 13). Gradativamente, a pintura, a música, a literatura etc., difundiram entre os cidadãos o culto à subjetividade, à introspecção [*Innerlichkeit*].

Além do mais, o Romantismo influenciou outra grande corrente literária-filosófica, o Idealismo Alemão, que terá como seu principal expoente o filósofo Johann Gottlieb Fichte. Este se dedicou ao estudo do *eu*, pois o idealismo alemão vai na contramão dos filósofos realistas, tais como: David Hume e John Locke, que apregoavam uma realidade objetiva, independente de uma consciência capaz de conhecê-la. Fichte acreditava que era necessário uma subjetividade, uma consciência para conhecer algo, afinal, o *eu* é a realidade primeira, dito em outras palavras, para os realistas o mais importante é o objeto a ser observado. Já para os idealistas, o principal é o observador que observa. Logo, é interessante notar como os alemães, paulatinamente, preocupavam-se com os estudos da subjetividade humana, com seus movimentos literários, artísticos, filosóficos. A consciência de um universo interior, particular vai sendo construída.

Com este cenário de verdadeira alforria da subjetividade frente às amarras da tradição, na Alemanha, surgiu o Romance de Formação [*Bildungsroman*]. Este tem como seu núcleo a narrativa da trajetória de um protagonista que se inicia imaturo, ignorante, até um determinado grau de maturidade, sabedoria. O leitor acompanha, durante a passagem das páginas, o próprio processo civilizatório de emancipação do homem frente às intempéries da vida.

No centro do romance está a questão da formação do indivíduo, do desenvolvimento de suas potencialidades sob as condições históricas dadas. Dessa forma, o *Wilhelm Meister* aparece como a primeira manifestação alemã significativa do romance social burguês (*Gesellschaftsroman*), na época já amplamente desenvolvido na França e na Inglaterra. [...]. O desenvolvimento posterior da literatura alemã sofreu, de maneira poderosa, o influxo dessa obra de Goethe. Os vários romances de formação que surgem no decorrer da primeira metade do século XIX, têm como modelo inequívoco o *Wilhelm Meister* (MAZZARI, 1999, p. 68).

O livro citado por Mazzari é *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* [*Wilhelm Meister Lehrjahre*], novamente do gênio Goethe, tido por vários críticos literários como expoente, tanto obra quanto autor, do *Bildungsroman*, conceito também traduzido como romance de aprendizagem, devido ao seu caráter de busca pela sabedoria, tornar-se um mestre. Observemos a importância de Goethe no cenário alemão, com relação às revoluções provocadas por sua Literatura. Pela segunda vez, o pensador foi referência, de certo modo, de conceber o mundo.

No romance *Os anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*, a expansão plena e harmoniosa das capacidades do herói, a realização efetiva de sua totalidade humana é projetada no futuro e sua existência apresenta-se assim como um estar a caminho rumo a uma maestria ou sabedoria de vida, a qual é representada menos como meta a ser efetivamente alcançada do que como direção ou referência a ser seguida. (MAZZARI, 1999, p. 73).

Neste livro, temos um jovem comum de seu tempo, com suas inclinações, dúvidas, amizades, amor e vários conflitos que o levam a um amadurecimento frente à realidade. Já no século XX, outro grande romance de formação alemão é *A montanha mágica* [*Der Zauberberg*], de Thomas Mann. Neste, acompanhamos a história do jovem Hans Castorp, que, ao visitar seu primo em um sanatório para tuberculosos nas montanhas suíças, permanece no local por anos, amadurecendo por meio das interações com os demais personagens.

Destarte, o Romance de Formação, quiçá, foi uma tentativa de representação literária de um ideal de homem a ser construído. Goethe navegou por mares até então desconhecidos, buscando discutir a sociedade de seu tempo, por meio do romance de formação. Por conseguinte, o quão

fértil foi o território de língua alemã para se pensar acerca das vicissitudes de uma subjetividade diante de uma sociedade plural e uma cultura como fonte de desafios. Os mais diversos campos do saber dedicaram-se a estudar a subjetividade e problematizaram-na. Não é por acaso que a psicanálise vai ser constituída neste território.

Sigmund Freud foi um verdadeiro herdeiro da tradição filosófica e literária de seu tempo, porém, não se contentou em ser apenas um herdeiro, consumiu vorazmente os pensadores de sua época, mas, em muitos pontos, divergiu dos mesmos. Ele deixou claro, em sua obra, o quanto admirava esses intelectuais que fundaram as bases do conhecimento universal, tais como: Goethe; Leonardo da Vinci; Shakespeare etc. Além de citar estes durante vários momentos de suas obras, também escreve artigos sobre estes mestres. A respeito de Leonardo da Vinci, temos o artigo: *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância [Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci]*. Já com relação a Goethe, temos: *Uma recordação de infância em Poesia e Verdade [Eine Kindheitserinnerung aus Dichtung und Wahrheit]*.

Inclusive, o único prêmio que Freud ganhou em vida é o Prêmio Goethe de Literatura [*Goethepreis der Stadt Frankfurt*], no ano de 1930. Prêmio criado para prestar honras a obras dignas da memória do gigante do pensamento ocidental. Na ocasião, ele estava debilitado e solicitou à sua filha Anna que fosse em seu lugar e falasse em seu nome. Este trecho do discurso salienta a ampla influência de Goethe na psicanálise:

Acho que ele [Goethe] não rejeitaria inamistosamente a psicanálise, como fazem tantos de nossos contemporâneos. Achava-se próximo dela em vários pontos, discerniu muitas coisas que desde então pudemos confirmar, e várias concepções que atraíram sobre nós a crítica e o escárnio são por ele defendidas com naturalidade. Assim, por exemplo, conhecia muito bem

a força incomparável dos primeiros vínculos afetivos humanos. [...]. E explicou para si mesmo a mais forte atração amorosa que experimentou quando adulto, dizendo à amada: “Ah, em tempos idos foste minha irmã ou esposa” (FREUD, [1930] 2010, p. 359).

É justamente em meio a essa atmosfera, que Freud começou seus trabalhos acerca do *eu* e o complexo de Édipo (família). “Freud não foi um romântico, mas a autoanálise que criou em meados da década de 1890 parece uma realização tardia do programa romântico” (GAY, 1999, p. 54). Por fim, apresentamos o espírito da época [*Zeitgeist*] que pairou sobre a Europa, precedendo e dando forma no momento da correspondência entre Stefan Zweig e Sigmund Freud.

CAPÍTULO II

A AMIZADE [FREU(N)DSCHAFT]¹

EPISTOLAR

2.1. O QUERIDO PROFESSOR E O ESTIMADO ESCRITOR

Se a obra publicada era o escritor vestido e calçado, as cartas particulares mostravam o homem, ou a mulher, de pijama e chinelo, falando espontaneamente (GAY, 1999, p. 357).

Neste segundo capítulo, pautamo-nos em analisar o desenvolvimento da amizade entre os dois pensadores, Zweig e Freud, através de suas correspondências. Afinal, “as cartas de uma pessoa compõem preciosas frações que manifestam a subjetividade de quem as escreve, o lugar e as conjunturas que abarcaram a sua feitura” (D’ANGELO; SANTOS, 2009, p. 96). O estudo de correspondências tem o intuito de enriquecer investigações acerca de obras artísticas, literárias. Muitas vezes, trazendo à luz conhecimentos até então desconhecidos, tal como é o caso de algumas constatações que estamos tomando conhecimento neste livro.

Não se sabe ao certo quando e como os dois pensadores se conheceram, contudo, Alberto Dines,² principal biógrafo

¹ - Jogo de palavras com o termo alemão equivalente à amizade *Freundschaft* com o nome Freud.

² - O jornalista e escritor Alberto Dines é presidente da Casa/Museu Stefan Zweig, inaugurada em maio de 2006, onde Zweig viveu e suicidou-se com sua esposa, em Petrópolis-RJ. No processo da escrita da dissertação tive o privilégio de visitar o Museu, tendo seu acervo constituído de: livros do escritor, alguns pequenos pertences pessoais, sua máscara mortuária, seu tabuleiro de xadrez, etc. Além dos pertences de Zweig, a casa possui um Memorial do Exílio, que divulga vários intelectuais judeus que se

brasileiro de Stefan Zweig, especula que tenham se conhecido quando Zweig iniciava seus escritos biográficos e, então, solicitou ajuda de Freud nessas novas empreitadas. No início de suas correspondências, as missivas são de Freud agradecendo o envio de determinado escrito de Zweig, o qual responde com elogios e críticas à escrita do primeiro. Temos então um diálogo mais protocolar, formal. “Já Freud, elogiava o escritor em termos mais sóbrios, porém não menos elogiosos” (PONTALIS; MANGO, 2014, p. 201), o que, claro, reflete a própria diferença etária dos intelectuais, Freud é vinte e quatro anos mais velho que Zweig.

4-7-08³

Viena, IX, Berggasse, 19

Estimado senhor:

Muito obrigado pelo seu *Balzac*, que li inteiro de uma só vez: o turbilhão que o senhor descreve é contagiante. O homem encaixa bem com o senhor [...]. Parece-me muito bonito de sua parte que se incomode em enviar-me suas obras e me pergunto se eu poderia fazer o mesmo, oferecendo-lhe alguns textos de minha produção (claro que de um valor completamente diferente).

Seu cordialmente afetuoso,

Freud (FREUD, [1908] 2004, p. 14).

refugiaram no Brasil e contribuíram com o nosso país.

³- 4-7-08

Viena, IX, Berggasse, 19

Estimado señor:

Muchísimas gracias por su *Balzac* [Balzac. Sein Weltbild aus den Werken]⁴³, que leí de un tirón: el torbellino que usted describe lo arrastra a uno. El hombre encaja bien con usted [...]. Me parece muy bonito por su parte que se moleste en enviarme sus obras y me pregunto si podría tomarme la revancha ofreciéndole algún que otro texto de mi producción (claro que de un valor completamente distinto).

Viena, 27-X-22⁴

Querido senhor,

Recebi seu belo livro [*Amok*], que irei ler <<com deleite>>. As palavras escritas à mão em seu interior são imerecidamente excessivas.

Cordialmente seu,

Freud (FREUD, [1922] 2004, p. 22).

Viena, IX, Berggasse, 19⁵

14-IV-25

Querido senhor:

Muito obrigado pelo seu esplêndido livro! [*A luta contra o demônio*] O primeiro artigo, o dedicado a Hölderlin é verdadeiramente mais exitoso, eu o li inteiro de uma só vez, fazendo alguns intervalos para recobrar o fôlego e refletir.

[...] Seu Freud (FREUD, [1925] 2004, p. 24).

Portanto, percebemos por estas primeiras epístolas uma relação simbólica de pai-filho. Zweig envia seus escritos tal como um filho que pede comentários, sugestões a um

⁴- Viena, 27-X-22

Querido señor,

Recibido su bello libro [*Amok. Novellen einer Leidenschaft*], que leeré <<con deleite>>. Las palabras manuscritas que hay en su interior son inmerecidamente excesivas.

Cordialmente suyo,

Freud (FREUD, 2004, p. 22).

⁵- Viena, IX., Berggasse, 19

14-IV-25

Querido señor:

¡Muchísimas gracias por su espléndido libro! [*Der Kampf mit dem Damon*] El primer artículo, el dedicado a Hölderlin y verdaderamente más conseguido, lo leí de un tirón, haciendo alguna pausa para recobrar el aliento y reflexionar.

[...] Suyo, Freud (FREUD, 2004, p. 24).

pai. Todavía, as cartas, apesar de formais (senhor, estimado), também contêm traços de proximidade, (querido, seu Freud). “Ainda que se fale das correspondências entre cientistas, vemos que elas expressam, na maior parte das vezes, alguma forma de emoção que tem pelo menos como base uma relação de admiração e respeito” (BERNARDES; TAVARES; MORAES, 2014, p. 23). Duas palavras que, indubitavelmente, podemos aplicar a esta correspondência, pois é muito claro a admiração e respeito que ambos intelectuais mantinham um pelo outro. Basta uma olhada na maneira respeitosa pela qual se tratavam e ler algumas de suas missivas para perceber os vários elogios tecidos.

Com o passar dos anos, é notável que Zweig, movido pelo seu desejo de divulgação da psicanálise, iniciou uma série de “visitas filosóficas”, compromissos com personalidades da época. É por intermédio dele que Freud conheceu pessoalmente os escritores franceses Romain Rolland e Jules Romains, o escritor britânico H.G. Wells e, já próximo de seus últimos dias, o expoente do surrealismo, o espanhol Salvador Dalí.

Provisoriamente em Viena, IX., Garnisons-
gasse, 10⁶
(Princípios de maio de 1924)
Apreciado professor:

⁶- Provisionalmente en Viena, IX., Garnisonsgasse, 10
(principios de mayo de 1924)

Muy apreciado profesor:

Romain Rolland, que pasa unos días en Viena, me pidió que le transmitiera su deseo de visitarle y le preguntara cuándo sería bienvenido en el caso de que usted no tuviera inconveniente. Para mí es um honor, estimado profesor, hacerle llegar esta petición y espero que nada se oponga al ardiente deseo de Rolland de poder conocerle personalmente. [...]. Aprovecho gustosamente la ocasión, estimado profesor, para expresar le nuevamente mi cariño y mi profundo respeto.

Suyo sinceramente afectísimo,
Stefan Zweig (ZWEIG, 2004, p. 22).

Romain Rolland, que passa uns dias em Viena, pediu-me para transmitir seu desejo de visitar-lhe e pergunta quando seria bem-vindo no caso de o senhor estar de acordo. Para mim é uma honra, estimado professor, fazer chegar ao senhor este pedido e espero que nada se oponha ao desejo ardente de Rolland de poder conhecê-lo pessoalmente. [...]. Aproveito, de bom grado, a ocasião, estimado professor, para expressar-lhe novamente meu carinho e meu profundo respeito.
Seu sinceramente afetuoso,
Stefan Zweig (ZWEIG, [1924] 2004, p. 22).

Hôtel-Château Saint-Georges⁷
Route de Fréjus – Cannes, 18-III-1927
[...] Romains irá a Viena devido ao Festival Beethoven e a ideia de poder vê-lo lhe faria muito feliz. Espero que sua saúde o permita dedicar-lhe meia hora.
Minha admiração e meus pensamentos afetuosos, frequentemente, são dirigidos ao senhor. Fielmente seu,
Stefan Zweig (ZWEIG, [1927] 2004, p. 32).

Salzburgo, junho de 1933⁸
Apreciado professor: o senhor conhece (além de minha estima) o quanto respeito seu tempo

⁷- Hôtel-Château Saint-Georges
Route de Fréjus – Cannes, 18-III-1927
[...] Romains irá a Viena con motivo del Festival Beethoven y la idea de poder verle la haría muy feliz. Espero que su salud le permita dedicarle media hora.
Mi admiración siempre y mis pensamientos a menudo quedan afectos a usted.
Fielmente suyo,
Stefan Zweig (ZWEIG, 2004, p. 32).

⁸- Salzburgo, junio de 1933
Muy apreciado profesor: usted conoce (además de mi estima) cuánto respeto su tiempo y que nunca osaría llevar a su casa a um simple curioso. Pero el gran escritor inglés H.G Wells, que mantiene em estricto secreto

e que nunca ousaria levar à sua casa um simples curioso. Mas o grande escritor inglês H.G Wells, que mantém em sigilo sua estadia em Viena, alimenta o fervente desejo de ver somente o senhor.

[...] Com fiel respeito e afeto.

Seu sincero,

Stefan Zweig (ZWEIG, [1933] 2004, p. 50).

49, Hallam Street⁹

Londres, W. 1.

Langham 3693

(Aproximadamente 10-7-1938)

Estimado professor: Savalдор Dalí, o grande pintor, que é um admirador fanático de sua obra, gostaria de ver-lhe e não me ocorre qual outra pessoa poderia lhe interessar mais. Eu aprecio extraordinariamente sua obra e ficaria muito feliz se o senhor passasse um momento com ele.

Com respeito e fielmente seu,

Stefan Zweig (ZWEIG, [1938] 2004, p. 60).

su estancia en Viena, al único que alimenta el ferviente deseo de ver es a usted.

[...] Com fiel respeto y afecto.

Suyo sinceramente,

Stefan Zweig (ZWEIG, 2004, p. 50).

⁹- 49, Hallam Street,

Londres, W. 1.

Langham 3693

(aproximadamente del 10-7-1938)

Estimado profesor: a Savalдор Dalí, el gran pintor, que es un admirador fanático de su obra, le gustaría verle y no se me ocurre quién podría interesarle a usted más. Yo aprecio extraordinariamente su obra y estaría muy contento si pasara usted un rato con él.

Respetuosa y fielmente suyo,

Stefan Zweig (ZWEIG, 2004, p. 60).

No caso específico de Salvador Dalí, este tentou por três vezes encontrar com o criador da Psicanálise, contudo, todas foram em vão. No entanto, por meio de um amigo em comum, um mecenas da arte, Edward James, solicitou que Zweig conseguisse algumas horas com ele. Após três cartas de Zweig a Freud (a carta citada acima é a primeira), o encontro é marcado para o dia 19 de julho de 1938, na casa de Freud, em Londres. Porém, Freud não fala muito; primeiro, porque Dalí não falava alemão ou inglês; segundo, porque o câncer em sua mandíbula lhe torturava diariamente com fortes dores e dificuldades na fala, como se não fosse o bastante, ele sofreu uma crise de surdez naqueles dias. Mas, tal como combinado, Dalí mostrou seu novo quadro a Freud, *A metamorfose de Narciso*. Enquanto Zweig e James conversam com Freud sobre a pintura, o pintor sacou seu caderno de desenhos, às escondidas, e fez rapidamente um esboço da cabeça do psicanalista. Zweig, ao ver o desenho de notória estranheza, conseguiu evitar a tempo que ele o visse. Segundo o expoente surrealista, o segredo morfológico de Freud é que seu crânio era no formato de um caramujo (BROWN, 2014).

Como é de conhecimento, Freud não demonstrava muito interesse pelas vanguardas artísticas de sua época, ao contrário, seu interesse maior estava nos clássicos universais, como vimos ao longo desse livro, isto é: Goethe, Leonardo da Vinci, Shakespeare, etc. Porém, mesmo com este aparente desinteresse, a partir da Primeira Guerra Mundial, movimentos de vanguarda literária e artística fizeram referências à psicanálise. Em 1924, o escritor francês, André Breton, que havia iniciado o curso de Medicina e conhecido a obra freudiana, publicou seu *Manifesto do Surrealismo [Manifeste du surréalisme]*.

O projeto central do surrealismo era investir em uma nova relação entre sonho e vigília, no qual o primeiro não fosse apagado frente ao segundo. Isto posto, os conceitos freudianos de inconsciente, automatismo, associação livre, dentre outros, foram caros aos surrealistas. Além do mais, o automatismo

psíquico já era um conceito muito difundido na França, através dos estudos do psiquiatra e psicólogo Pierre Janet. “O método da associação livre proposto por Freud como meio de driblar a censura interessa enormemente a Breton. A escrita automática se inspira na associação livre na medida em que ela visa recuperar o que foi afastado (recalcado) do discurso consciente pela censura” (SANTOS, 2002, p. 235). Para Breton, tal como para Zweig, a psicanálise iria além de um método de tratamento de enfermidades psíquicas, a ciência psicanalítica com suas descobertas deveria transformar nossa forma de conceber a arte, a literatura, a psiquiatria etc.

Apesar de todo esse apoio e interesse das vanguardas, Freud não mostrou grande interesse pelos trabalhos surrealistas, pois, para o psicanalista, os conceitos estavam sendo deturpados. Não havendo razão para se pensar as imagens oníricas em obras literárias ou artísticas, o valor do sonho está no relato do sonhador, em sua associação, em seus atos falhos. Contudo, é importante ressaltar que: “Breton usava como podia o que ele conhecia do pensamento de Freud”, que “[...] ainda não era traduzido para o francês” (SANTOS, 2002, p. 235). Vejamos que um dos primeiros movimentos que manifestou apoio aos estudos psicanalíticos não surgiu da medicina, mas das vanguardas artísticas, literárias da terra de Napoleão. Destarte, após o encontro com Dalí, Freud enviou a seguinte carta:

20-07-1938¹⁰
39 Elsworthy Road

¹⁰- 20-07-1938

39 Elsworthy Road
Londres. N, W. 3

Querido señor:

De verdad, debo darle las gracias por la iniciativa de traer a casa a los visitantes de ayer [Dalí e James], pues hasta ese momento había tendido a tener a los surrealistas por absolutamente (digamos en un noventa y cinco por ciento, como el alcohol) locos. El joven español, con sus ojos ingénuos

Londres. N, W. 3

Querido senhor:

Verdadeiramente, devo agradecer-lhe pela iniciativa de trazer à minha casa os visitantes de ontem. [Dalí e James], pois até este momento eu tomava os surrealistas, em sua maioria (digamos que uns noventa e cinco por cento, como o álcool) loucos. O jovem espanhol, com seus olhos ingênuos e fantásticos e sua inegável maestria técnica, mereceu de minha parte uma avaliação diferente. De fato, seria muito interessante investigar psicanaliticamente o nascimento de um quadro assim.

[...] Disseram-me que esqueceram algo ao ir embora, umas luvas ou algo do tipo. Já sabe, isso é uma promessa de voltar.

Cordialmente, seu Freud (FREUD, [1938] 2004, p. 63).

Nesta carta, o psicanalista, apesar de sua manifestada preferência pelo clássico, reconheceu o gênio Salvador Dalí e afirmou que o campo da arte deveria ser mais explorado pela psicanálise. Com o transcorrer dos anos, as correspondências evidenciam que a amizade entre os intelectuais foi se desenvolvendo. “O fundamental na escrita epistolar, segundo Lopes, estaria no facto de sua escrita ser suportada imediatamente por uma amizade, ou idéia de amizade [...]” (LOPES apud ANDRADE, 2008, p. 63). Ora, para se manter durante décadas, face às mais cruéis intempéries, como é uma guerra, o diálogo tão íntimo *eu-tu*, somente podemos concluir sobre uma profunda amizade. Ao contrário do que

y fantásticos y su innegable maestria técnica, me mereció una valoración diferente. De hecho, sería muy interesante investigar psicoanalíticamente el nacimiento de un cuadro así.

[...] Me dicen que se olvidó algo al macharse, unos guantes o algo así. Ya sabe, eso es una promesa de volver.

Cordialmente suyo, Freud (FREUD, 2004, p. 63).

algumas metodologias dos estudos literários do século XX apregoavam, o exame da correspondência de Zweig-Freud nos revela o contexto da criação teórico-artística e indica as influências de outros pensadores etc.

Talvez a maior riqueza que se depreende do exame das cartas de escritores advenha do fato de os teóricos da literatura poderem colocar em questão, desconstruir os métodos analíticos e interpretativos que fizeram a glória dos estudos literários no século 20. Ao analisar as relações entre autor e obra literária, os estudiosos negaram aquele e isolaram a esta, cercaram-na de arame farpado, fetichizaram-na, para dela fazerem seu único e exclusivo objeto de estudo. Só o texto literário conta. Estou me referindo a sucessivas metodologias de leitura: a “literariedade” dos formalistas russos, a “close Reading” da nova crítica norte-americana, a leitura estilística dos espanhóis e germânicos, a análise estrutural francesa etc. (SANTIAGO, 2006, p. 62).

Diferentemente de um passado não muito longínquo, no contemporâneo, vários pensadores percebem a importância do estudo de correspondências em face das mais diversas demandas possíveis (LOPES, 2003, p. 137). Logo, neste subcapítulo, o que nos chamou a atenção foi o fato de que as missivas evidenciam a aproximação e o amadurecimento da amizade dos pensadores ao longo dos anos. A forma pela qual se tratavam, seus compartilhamentos de informações e experiências, dentre várias outras nuances.

2.2. A ARTE POÉTICA NA PSICANÁLISE

Freud se lançou como desafio tentar elucidar os bastidores obscuros dos sintomas que nos habitam. Neste percurso, ele sempre se manteve muito próximo dos artistas, por acreditar que estes funcionam como faróis, com suas luzes intermitentes que indicam desvios em nossas travessias. Os artistas cumpririam, portanto, a função de antenas do seu tempo, captando as fantasias de uma determinada época [...] (SOUZA, 2015, p. 318).

Um segundo aspecto nas missivas que nos chamou a atenção é que, em vários momentos, Freud utilizou da carta para tecer considerações psicanalíticas sobre os textos de Zweig, ou mesmo apontar a tênue relação entre o fazer psicanalítico e o que nomeia de *Dichter*, termo que designa, de maneira geral, o poeta, o escritor, o criador de obras literárias. “A maior parte das numerosas novelas e o único romance de Stefan Zweig [...] atestam uma acuidade psicológica e uma vontade insistente de expressar os conflitos interiores, o que não deixa de impressionar Freud [...]” (PONTALIS, MANGO, 2014, p. 205). Observemos:

7 dez. de 11¹¹

Viena, IX, Berggasse, 19

Apreciado senhor:

Aceite meus mais encarecidos agradecimentos pelo envio de suas histórias para crianças [Este livro ainda não foi traduzido para o português,

¹¹- 7 dic. del 11

Viena, IX., Berggasse, 19

Muy apreciado señor:

Acepte mis más encarecidas gracias por el envío de sus historias para niños [Ertes Erlebnis. Vier Geschichten aus kinderland, 1911], tan sensibles y llenas de significados psicológicos.

[...] Respetuosamente suyo afectísimo,

Freud (FREUD, 2004, p. 18).

seu título seria algo como: *As primeiras experiências: Quatro histórias infantis*, 1911], tão sensíveis e plenas de significados psicológicos. [...] Respeitosamente seu afetuoso, Freud (FREUD, [1911] 2004, p. 18).

19 oct. de 20¹²

Viena, IX, Berggasse, 19

Estimado senhor:

[...] Interessa-me, em especial, a forma acumulativa e gradual em que suas frases se aproximam cuidadosamente da essência íntima do descrito. É como a acumulação de símbolos que se produz nos sonhos fazendo que o oculto seja desvendado com progressiva claridade [...].

Freud (FREUD, [1920] 2004, p. 19).

Semmering¹³

¹²- 19 oct. del 20

Viena, IX., Berggasse, 19

Muy estimado señor:

[...] Me interesa en especial la forma acumulativa y gradual en que sus frases se aproximan cuidadosamente a la esencia íntima de lo descrito. Es como la acumulación de símbolos que se produce en los sueños haciendo que lo oculto entreluzca con progressiva claridade [...].

Freud (FREUD, 2004, p. 19).

¹³- Semmering

Viena, IX., Berggasse, 19

4 sept. 26

Querido señor:

[...] Creo realmente que estas tres narraciones – o, más estrictamente, dos de ellas – son obras maestras [Verwirrung der Gefühle. Drei Novellen]. La primera ya la conocía y ya puse reparos entonces a algún que otro detalle que ahora no he vuelto a encontrar. Si despertó mi interés fue sobre todo porque admitía, incluso exigía, una interpretación psicoanalítica, y al hablar con usted me convencí de que no sabía nada de este sentido oculto, a pesar de haberlo expresado bajo um disfraz impecable. Probablemente no admita usted la posibilidad de semejante interpretación, quizá le resulte detestable, pero yo no puedo descartarla

Viena, IX, Berggasse, 19

4 set. 26

Querido senhor:

[...] Creio realmente que estas três narrações – ou, mais especificamente, duas delas – são obras primas [*Confusão de sentimentos: Três novelas*]. A primeira já a conhecia e já fiz comentários, então, há um ou outro detalhe que agora não encontrei novamente. Se despertou meu interesse foi sobretudo porque admitia, inclusive exigia, uma interpretação psicanalítica, e ao conversar com o senhor me convenci de que você não sabia nada deste sentido oculto, apesar de tê-lo expressado sob um disfarce impecável. Provavelmente, o senhor não admitia a possibilidade de semelhante interpretação, talvez, esta lhe pareça detestável, mas eu não posso descartá-la e desta vez, inclusive, a assumo completamente. A psicanálise nos permite supor que a grande riqueza aparentemente inesgotável, dos problemas e situações que os escritores tratam, pode remeter-se a um pequeno número de <<motivos primitivos>> que procedem, em sua grande maioria, das vivências reprimidas da infância, de modo que as ficções são reedições disfarçadas, embelezadas, sublimadas daquelas fantasias infantis [...].

Seu,

Freud (FREUD, [1926] 2004, p. 28).

y esta vez incluso la assumo más completamente. El psicoanálisis nos permite suponer que la gran riqueza, aparentemente inagotable, de los problemas y situaciones que los literatos tratan puede remitirse a un pequeño número de <<motivos primitivos>> que proceden en su gran mayoría de las vivencias reprimidas de la infancia, de modo que las ficciones son reediciones disfrazadas, embelezadas, sublimadas de aquellas fantasias infantiles [...].

Suyo,

Freud (FREUD, 2004, p. 28).

O psicanalista encontrou em Zweig um grande apoiador e promovedor dos conceitos psicanalíticos. Ele percebeu que seus maiores apoiadores não eram médicos, mas sim escritores, artistas: “na França, o interesse na psicanálise partiu dos homens das belas-lettras” (FREUD, [1925] 2011, p. 151). Porém, não entendemos esse diálogo como um fato bizarro, pois devemos recordar que: “com *A Interpretação dos sonhos*, a psicanálise ultrapassou os limites de um assunto puramente médico” (FREUD, [1925] 2011, p. 151). Freud intuiu que o *Dichter* era capaz de antever o inconsciente por meio da Literatura. Embora usem caminhos diferentes, o poeta e o psicanalista partem do mesmo lugar, ou seja, trabalhar a complexidade da alma humana. Segundo Rivera: “o poeta ou escritor de ficção é admirado por Freud como detendo um saber sobre o homem muito mais direto que aquele arduamente obtido pelo analista na busca de conhecimento [...]” (RIVERA, 2005, p. 8).

Ao identificar um dos conceitos mais famigerados da psicanálise, o Complexo de Édipo, Freud buscou exemplos nas leituras da tragédia grega de Sófocles, *Édipo Rei*; na literatura inglesa de William Shakespeare, *Hamlet*; e na literatura russa de Fiódor Mikhailovich Dostoievski, *Os Irmãos Karamassovi*. Conforme afirma Andrade (2008, p. 28) “[...] o interesse apaixonado de Freud pela literatura, [...] fica evidenciado pela disseminação de citações e alusões literárias ao longo de seus livros e cartas”. Afinal, ele foi na contramão de seus colegas médicos, pois os artigos clínicos sobre pacientes, geralmente, utilizam de um jargão científico que os separa, e muito, dos casos clínicos romanceados, com estilo literário do psicanalista vienense. Todavia, não se trata somente do caso de um médico que escreveu bem, mas sim de: “alguém que tem um amor sensual inato pela palavra, e a união com a poesia e a vida cotidiana da linguagem” (ANDRADE, 2008, p. 30). Freud percebeu as várias possibilidades de enriquecimento mútuo entre a criação literária e a psicanálise. Conforme afirma Willemart:

A literatura, plural por excelência, contém todos os outros discursos, do político ao filosófico, passando pelo psicanalítico e o histórico e revela um saber sobre o ser falante que as outras ciências levaram muito tempo para descobrir ou teorizar (WILLEMART, 2000, p. 19).

Na última carta citada, de 4 de setembro de 1926, Freud retomou, em alguns parágrafos, sua interpretação sobre a escrita literária já trabalhada em seu artigo de 1908-09, O poeta e o fantasiar [Der Dichter und das Phantasieren]. Comparou o trabalho do escritor criativo ao brincar; afirmando que a criança fantasia por meio do lúdico e não se constrange por tal, sendo o brincar algo constrangedor na vida adulta. Neste sentido, a literatura é uma das formas que os adultos se permitem fantasiar.

Não deveríamos procurar os primeiros indícios da atividade poética já nas crianças? A atividade que mais agrada e a mais intensa das crianças é o brincar. Talvez devêssemos dizer: toda criança brincando se comporta como um poeta, na medida em que ela cria seu próprio mundo, melhor dizendo, transpõe as coisas do seu mundo para uma nova ordem, que lhe agrada. Seria então, injusto pensar que a criança não leva a sério esse mundo, ao contrário, ela leva muito a sério suas brincadeiras, mobilizando para isso grande quantidade de afeto. O oposto da brincadeira não é a seriedade, mas a realidade [Wirklichkeit] (FREUD, [1908] 2015, p. 54).

A obra literária, assim como o devaneio, é um substituto do que um dia fora o brincar para a criança. O universo lúdico e o devaneio tornam-se estratégias que visam à construção de um mundo próprio, ou seja, são atividades que permitem o rearranjo da realidade, conforme o desejo do autor.

Alguém que está crescendo deixa de brincar, renunciando claramente ao ganho de prazer que a brincadeira lhe trazia. Mas quem conhece a vida psíquica das pessoas sabe que nada é mais difícil do que renunciar a um prazer que um dia foi conhecido. No fundo, não poderíamos renunciar a nada, apenas trocamos uma coisa por outra; o que parece ser uma renúncia é, na verdade, uma formação substitutiva ou um sucedâneo. Assim, quando alguém que está crescendo deixa de brincar, nada mais faz a não ser esse empréstimo aos objetos reais; em vez de *brincar*, agora *fantasia* (FREUD, [1908] 2015, p. 55).

Homens e crianças criam e moldam, por meio da fantasia, suas próprias construções, buscando prazer nas realizações de desejos insatisfeitos de maneira aceita socialmente. Podemos observar um paralelo entre o trabalho onírico e o devaneio, pois ambos operam de tal forma que a repulsa advinda do encontro com desejos inconscientes é evitada e o desprazer superado, conseguindo assim atingir o prazer por meio das fantasias. “Talvez, até mesmo não contribua pouco para este êxito o fato de o poeta nos colocar na situação de, daqui em diante, gozarmos com nossas fantasias sem censura e vergonha” (FREUD, [1908] 2015, p. 64). Nesse sentido, o artista é um exemplo maior, de um verdadeiro transgressor, um fora da lei que permite que todos nós, fiadores do pacto social, possamos gozar, escondidamente, na segurança de nossas leituras em nossos lares burgueses.

Não suficiente, o psicanalista comparou o ato criativo do *Dichter* ao processo neurótico, os dois percorrem caminhos semelhantes. “Deve-se dizer que quem é feliz não fantasia, apenas o insatisfeito. Desejos insatisfeitos são as forças impulsionadoras [Triebkräfte] das fantasias, e toda fantasia individual é uma realização de desejo, uma correção da realidade insatisfatória (FREUD, [1908] 2015, p. 57). Ao

que parece, por vias outras, Maurice Blanchot e Roland Barthes também chegaram a assertivas semelhantes: “A arte é, em primeiro lugar, a consciência da infelicidade [...]” (BLANCHOT, 2011, p. 74) e:

Todas as análises sócio-ideológicas se pronunciam pelo carácter deceptivo da literatura [...] finalmente a obra seria sempre escrita por um grupo socialmente desiludido ou impotente, fora de combate por situação histórica, econômica, política; a literatura seria a expressão dessa decepção (BARTHES, 1983, p. 81).

Nessa perspectiva, o impulso fundamental para o escritor criar seus romances, poemas, é uma insatisfação frente à realidade, sem essa angústia, enquanto força motora, não há processo criativo.

Como vimos anteriormente, não foram escassos os momentos nos quais Freud cumprimentou Zweig pela sua escrita magistral, com toques psicológicos. Assim, em face dessas elogiosas cartas freudianas, Zweig, em 08 de setembro de 1926, também não mediu palavras e esforços ao se referir à psicanálise:

Kapuzinerberg, 5¹⁴

¹⁴- Kapuzinerberg, 5

Salzburgo, 8 de septiembre de 1926

Apreciadísimo profesor:

[...] Deje que le diga claramente por qué yo y muchos otros tenemos que darle las gracias: por el coraje que há aportado a la psicología. Usted ha eliminado las inhibiciones de toda una época, así como las de innumerables escritores en particular. Gracias a usted muchos vemos, gracias a usted muchos decimos cosas que, de no ser por usted, jamás se hubieran visto ni dicho. Si aún hay quien no se da cuenta de lo que acabo de afirmar, es porque aún no contempla nuestra literatura historicamente, en sus formas matrices (dentro de una o dos décadas se descubrirá qué dio de repente una audácia psicológica diferente a un Proust em Francia,

Salzburgo, 8 de setembro de 1926

Apreciadíssimo professor:

[...] Permita-me dizer claramente por que eu e muitos outros temos que agradecer-lhe: pela coragem que trouxe à psicologia. O senhor eliminou as inibições de toda uma época, assim como as de inumeráveis escritores, em particular. Graças ao senhor muitos veem, graças ao senhor muitos dizem, coisas que, se não fosse pelo senhor, jamais seriam vistas ou ditas. Se ainda há alguém que não se dá conta do que acabo de afirmar, é porque ainda não contempla nossa literatura historicamente, em sua forma matriz (dentro de uma ou duas décadas se descobrirá que, subitamente, surgiu uma audácia psicológica, diferente a um Proust na França, a um Lawrence e um Joyce na Inglaterra, a alguns poucos alemães: seu nome). E nós nunca negaremos a grandeza deste homem que nos abriu o caminho que deveríamos seguir. Para mim, a psicologia é hoje a paixão de minha vida (ninguém melhor que o senhor para compreender o que eu digo), e por esta razão desejo aplicá-la, se sou capaz disso, ao objeto mais difícil de todos: eu mesmo [...].

Seu fiel e afetuosamente,

Stefan Zweig (ZWEIG, [1926] 2004, p. 31).

Zweig afirmou, em outras palavras, que a psicanálise vai muito além de uma ciência médica. Conforme Lacan:

a un Lawrence y un Joyce en Inglaterra, a unos pocos alemanes: su nombre). Y nosotros nunca negaremos la grandeza de este hombre que nos abrió el camino que deberíamos seguir. Para mí, la psicología es hoy la pasión de mi vida (nadie como usted comprenderá lo que digo), y por esta razón deseo aplicarla, si soy capaz de ello, al objeto más difícil de todos: a mí mismo [...].

Suyo fielmente afectísimamente,

Stefan Zweig (ZWEIG, 2004, p. 31).

“para interpretar o inconsciente como Freud, seria preciso, como ele, ser uma enciclopédia das artes e das musas [...]” (LACAN, [1957] 1998, p. 526). A correspondência demonstra-nos que Zweig foi um dos primeiros a perceber o alcance da teoria psicanática, inclusive utilizando-se da mesma em suas próprias obras. Lembremos que Zweig foi um escritor mundialmente conhecido, com obras traduzidas para dezenas de idiomas e também adaptadas para o cinema. Ora, tal apoio por parte do escritor, certamente auxiliou na divulgação da psicanálise, nessa época, ainda uma jovem ciência. Por sua vez, Freud colocou o escritor, o poeta, como o portador de potência criativa em nossos tempos, enquanto o restante da sociedade se dedica a seguir todas as normas, regras e leis; o *Dichter* é o responsável pelas nossas transgressões prazerosas em face de uma escrita.

2.3. DOSTOIÉVSKI ENTRE A EPILEPSIA E A NEUROSE

Aqui está o ponto fraco da grande personalidade. Dostoiévski não quis se tornar um mestre e um libertador dos homens, ele se associou ao seu carcereiro; ele pensou muito pouco sobre o futuro cultural dos homens. Isso provavelmente pode mostrar que ele, por sua neurose, foi condenado a tal treva (FREUD, [1928] 2015, p. 284).

Há uma carta de algumas páginas, um tanto quanto extensa em comparação às demais, na qual Freud discutiu com Zweig sua leitura do eminente escritor russo, Fiódor Dostoiévski. Zweig havia enviado o manuscrito de seu livro *Três mestres [Drei Meister]*, no qual escreveu sobre Balzac, Dickens e o autor russo. A seguir, um conteúdo rico para análise que somente as cartas podem desnudar para nós, ávidos leitores de correspondências:

19 out. de 20¹⁵

Viena, IX, Berggasse, 19

Estimado senhor:

[...] Se me permite julgar sua obra com um critério particularmente estrito, diria que seu domínio de Balzac e Dickens é total, mas isso não é muito difícil, já que se tratam de personalidades simples e diretas. No entanto, com o russo, tão complicado, a coisa não poderia ser igualmente satisfatória: nota-se que restam lacunas e enigmas sem resolver. Deixe-me contribuir, até onde minha condição de profano me capacita, algum material sobre ele que disponho a esse respeito. Pode ser que aqui tivesse alguma vantagem o psicopatologista, cuja competência refere-se a Dostoievski.

Creio que o senhor não deveria ter se contentado com a suposta epilepsia de D. (Dostoievski). É muito improvável que ele tenha sido um

¹⁵- 19 oct. del 20

Viena, IX., Berggasse, 19

Muy estimado señor:

[...] Si me permite juzgar su obra con un criterio especialmente estricto diría que su dominio de Balzac y Dickens es total, pero eso no es demasiado difícil, ya que se trata de personalidades sencillas y directas. Sin embargo, con el ruso, tan enrevesado, la cosa no podía ser igual de satisfactoria: se nota que quedan lagunas y enigmas sin resolver. Deje que le aporte, hasta donde mi condición de profano me capacita, algún material del que dispongo al respecto. Pudiera ser que aquí tuviera alguna ventaja el psicopatólogo, a cuya competencia remite Dostoievski.

Creo que no debería usted haberse contentado con la supuesta epilepsia de D. (Dostoievski). Es muy improbable que fuera un epiléptico. La epilepsia es una afección cerebral orgánica externa a la constitución psíquica y se asocia, por regla general, a una reducción y simplificación del rendimiento psíquico. Sólo se conoce un único ejemplo en que esta enfermedad se manifestara em un hombre de gran dotación espiritual (Helmholtz), un gigante del intelecto cuya vida emocional es poco conocida. Todos los otros grandes personajes a los que posteriormente se há calificado de epiléticos eran em realidad históricos. [...].

Freud (FREUD, 2004, p. 19).

epilético. A epilepsia é uma afecção cerebral orgânica externa à constituição psíquica e se associa, geralmente, a uma redução e simplificação do rendimento psíquico. Só se conhece um único exemplo em que esta enfermidade se manifestou em um homem de grande dotação espiritual (Helmholtz), um gigante do intelecto cuja vida emocional é pouco conhecida. Todos os outros, grandes personagens que posteriormente foram diagnosticados como epiléticos, eram em realidade histéricos [...].
Freud (FREUD, [1920] 2004, p. 19).

Freud elogiou os escritos de Zweig sobre Balzac e Dickens, todavia criticou o texto sobre Dostoiévski, defendendo que aquilo que na verdade estava se tratando como epilepsia era um sintoma neurótico. Curiosamente, ao contrário de Freud, Thomas Mann escreveu uma carta a Zweig, no dia 28 de julho de 1920, elogiando seu texto sobre Dostoiévski. Segundo o autor de *A montanha mágica*: “Seu Dostoiévski é com certeza o mais audaz e sábio que sobre este grande filho do século XIX (século XIX tão insolentemente depreciado hoje) tentou-se desde Merechkowski” (MANN *apud* BERLIN; LINDKEN; PRATER, 2004, p. 71).¹⁶ Ora, o texto freudiano *Dostoiévski e o parricídio* [*Dostojewski und die Vätertötung*] só foi publicado em 1928, a carta acima é de 1920, isto é, oito anos antes de seu escrito, Freud refletiu sobre o mesmo. As missivas antecipam o texto teórico em quase uma década, o que nos remete à relação entre a linguagem e sua origem profética que Blanchot defendeu em seu livro *Uma voz vinda de outro lugar* [*Une voix venue d’ailleurs*]. Segundo o intelectual, a linguagem tem uma afinidade muito peculiar

¹⁶- “Su Dostojewski es com seguridad el más audaz y sabio que sobre este gran hijo del siglo XIX (siglo XIX tan insolentemente depreciado hoy) se há intentado desde Merechkowski” (MANN citado por BERLIN; LINDKEN; PRATER, 2004, p. 71).

com um *porvenir*, pois nos impulsiona sempre para um lugar outro:

Toda palavra iniciante, ainda que seja o movimento mais suave e mais secreto, é, porque nos empurra infinitamente para adiante, aquela que abala e mais exige: tal como o mais brando raiar do dia no qual se declara toda a violência de uma primeira claridade [...] (BLANCHOT, 2011, p. 64).

Em seu artigo de 1928, o psicanalista seguiu a mesma linha de raciocínio sobre a análise do russo, aprofundando ainda mais em sua apreciação.

Por meio de que, então, num sentido rigoroso, a neurose é justificada? Dostoiévski chamava a si mesmo, e o era também pelos outros, de epilético, devido aos seus graves ataques com perda da consciência, convulsão muscular, seguida simultaneamente de um desânimo. É bem provável que essa conhecida epilepsia fosse apenas um sintoma de sua neurose, devendo, portanto, ser classificada como epilepsia histérica, ou seja, como histeria grave (FREUD, [1928] 2015, p. 286).

Um pouco mais adiante, esmiuçou a diferença entre o escritor ser histérico ou epilético.

Temos então toda razão em diferenciar entre uma epilepsia orgânica e uma afetiva. O significado prático disso é o seguinte: quem tem uma é um doente do cérebro, quem tem a outra, um neurótico. No primeiro caso, a vida anímica sucumbe a uma perturbação de fora que lhe é estranha, no outro, a perturbação é uma expressão da própria vida anímica (FREUD, [1928] 2015, p. 289).

Freud afirmou que o vício pelos jogos de azar, por parte do autor russo, seria uma forma de materializar sua culpa, assim, era incapaz de parar. O jogo era uma autopunição. “Ele nunca descansava, antes que tivesse perdido tudo. O jogo também era para ele o caminho da autopunição” (FREUD, [1928] 2015, p. 300). Assim, podemos nos perguntar: culpa de quê? Autopunir-se por quê? Freud é enfático, o escritor não conseguiu elaborar seu complexo de Édipo, restando assim a maior culpa de todas em sua psique, isto é, a culpa de querer assassinar o pai e desejar a mãe. No âmbito do inconsciente, não existe diferença entre pensar e agir. Ainda na mesma missiva de 1920, “Que *Os irmãos Karamazov [Die Brüder Karamasow]* aborde o problema mais pessoal de D., a saber, a morte do pai, e que seu fundo seja a tese psicanalítica da equivalência entre ato e intenção inconsciente, seria apenas um exemplo deste” (FREUD, [1920] 2004, p. 20).¹⁷

Não suficiente, Freud chegou à conclusão por meio de biografias e relatos que o pai do escritor russo era muito severo e, assim sendo, Dostoiévski havia desenvolvido um dualismo afetivo pela figura paterna, amor-ódio, introjetando essa figura punitiva como seu supereu tirânico que ensinava por ser punido. Uma posição masoquista frente ao *eu*. Novamente, na mesma epístola lemos:

Por mais preponderante que seja o fator da disposição constitucional em uma histeria como a de D., é curioso como também em seu caso pode se identificar um outro fator sobre o qual nossa teoria ressalta. Um fragmento de uma biografia de D. me fez ver algo que pode relacionar sua doença posterior com um castigo muito rigoroso que, quando criança, seu pai lhe im-

¹⁷- Que Los Hermanos Karamazov trate del problema más personal de D., a saber, la muerte del padre, y que su trasfondo sea la tesis psicoanalítica de la equivalencia de acto e intención inconsciente sería solo ejemplo de ello” (FREUD, 2004, p. 20).

pôs, em circunstâncias muito sérias (trágico é a palavra que me vem – não sei se acertadamente – a memória. Por <<discrição>> não se dizia, naturalmente, do que se tratava. [...]. A partir de então, toda a vida de D. foi dominada por uma postura ambígua frente a seu pai (a autoridade): uma voluptuosa submissão masoquista e uma rebelião indignada contra a mesma (FREUD, [1920] 2004, p. 20).¹⁸

Neste caso, a culpa é anterior ao crime. O crime, na verdade, é uma maneira de dar forma a essa culpa disforme, confusa.

Ele sofre de uma forte pressão da consciência de culpa de desconhecida proveniência, e após ter começado o ato proibido [algum crime] esta pressão diminui. [...]. Deveríamos caracterizar estas pessoas, com razão, como criminosas por consciência de culpa [*Schuldbewusstsein*] (FREUD, [1916] 2015, p. 254).

Assim sendo, é necessário aceitar todo tipo de punição paterna. Seu supereu introjetado com o pai rigoroso, totêmico, implora por castigo.

¹⁸- Por muy preponderante que sea el factor de la disposición constitucional en una histeria como la de D., es curioso cómo también en su caso puede identificarse el outro factor sobre el que nuestra teoría hace hincapié. Un fragmento de una biografía de D. me hizo ver algo que puede relacionar su dolencia posterior con un castigo muy riguroso que, de niño, le impuso su padre en unas circunstancias muy serias (trágicas es la palabra que me viene – no sé si con acierto – a la memoria). Por <<discreción>> no se decía naturalmente de qué se trataba. [...]. A partir de entonces toda la vida de D. estuvo dominada por una postura ambigua ante su padre (la autoridad): una voluptuosa sumisión masoquista y una rebelión indignada contra la misma. (FREUD, 2004, p. 20).

Se a informação de que Dostoiévski estava livre dos ataques na Sibéria [preso] procede, então isso apenas confirma que seus ataques eram punições. Ele não precisou destas, uma vez que já estava sendo punido de outra maneira. [...]. Antes, essa necessidade de punição para a economia anímica de Dostoiévski esclarece por que ele atravessou inquebrantável esses anos de miséria e humilhações. Só que isso é injustificável. A condenação de Dostoiévski como criminoso político foi injusta, ele deveria saber disso, mas aceitou a punição imerecida do paizinho czar como substituta da punição, que seus pecados contra o pai real teriam merecido. Em lugar da autopunição, ele se deixa punir por substitutos do pai (FREUD, [1928] 2015, p. 295).

Desta forma, apenas após certos períodos de autopunição ou de castigos paternos, em completa angústia e solidão, ele iniciou seu processo primoroso de escrita.

[...] a produção literária, nunca caminhava melhor do que quando ele perdia tudo e seu último bem tivesse sido penhorado. [...]. Se o sentimento de culpa de Dostoiévski era satisfeito por meio da punição que ele próprio lançara contra si, sua inibição para o trabalho diminuía e então ele se permitia dar alguns passos no caminho rumo ao êxito (FREUD, [1928] 2015, p. 301).

Em seu artigo *Alguns tipos de caráter a partir do trabalho psicanalítico* [*Einige Charaktertypen aus der Psychoanalytischen Arbeit*], Freud teorizou sobre certos tipos de caráter que, contrariamente ao esperado, adoeciam não frente à derrota, ao insucesso, mas diante do êxito, da fortuna. Claramente, este é o caso de Fiódor D. Devido aos seus conflitos edipianos, o escritor rogava a si mesmo severas

punições. Como um pecador, um parricida e amante da mãe poderia merecer fortuna em vida?

O trabalho psicanalítico ensina que as forças conscientes, que se deixam adoecer devido ao êxito em vez de, como antes, na renúncia, estão intimamente relacionadas com o complexo de Édipo, com as relações com o pai e a mãe, como talvez, em geral, nossa consciência de culpa (FREUD, [1916] 2015, p. 253).

Em resposta à carta de Freud, sobre sua análise da patologia de Dostoiévski, Zweig escreveu alguns dias depois:

03 nov. 1920¹⁹

Salzburgo, Kapuzinerberg, 5

Apreciado professor: se somente pude agradecer, hoje, sua carta, tão profunda e valiosa para mim, foi porque ontem eu voltei a Salzburgo depois de uma série de conferências de três semanas. Já pode imaginar o quão interessante parece-me sua maneira de interpretar a patologia de Dostoiévski, pois é evidente que, diferente da minha, a sua tem o valor do conhecimento teórico. Acredito que Dostoiévski, que

¹⁹- Muy apreciado profesor: si he esperado hasta hoy para darle las gracias por su carta, tan profunda y valiosa para mí, ha sido unicamente porque ayer volví a Salzburgo después de una gira de conferencias de tres semanas. Ya puede imaginarse lo interesante que me ha parecido su forma de interpretar la patologia de Dostoiévski, pues es evidente que, a diferencia de la mía, tiene el valor del conocimiento teórico. Me consta que a Dostoiévski, que sabía de todo, tampoco le resultaba extraña esta epilepsia ficticia (la recreó en su Smerdiaekov [personagem do livro Os irmãos Karamazov], dejando entrever que hay personas que hasta un cierto punto poseen la capacidad de reproducir más o menos conscientemente la enfermedad a voluntad. Pues bien, creo que él mismo, por una misteriosa sensación de placer, sentía el deseo de sufrir cierto tipo de ataques: he aquí sin duda uno de los misterios más sugestivos para un psicopatólogo (FREUD, 2004, p. 21).

sabia de tudo, a ele muito menos, era estranho esta epilepsia fictícia (ele a recriou em seu Smerdiaekov [personagem do livro *Os irmãos Karamazov*], deixando entrever que existem pessoas que até um certo ponto, possuem a capacidade de reproduzir, mais ou menos conscientemente, a doença de interesse. Pois bem, acredito que ele mesmo, por uma misteriosa sensação de prazer, sentia *desejo* de sofrer certos tipos de ataques: e aqui, sem dúvida, temos um dos mais sugestivos mistérios para um psicopatologista (FREUD, [1920] 2004, p. 21).

Zweig deixou claro sua apreciação pela teoria psicanalítica e seu alcance como ciência da psique, todavia, apesar de sua paixão, ele não era psicanalista e, como explica, não teria como ter chegado a esse tipo de conclusão. Apesar de compartilharem de concepções da “alma” humana, os caminhos do escritor e do analista têm suas nuances.

É salutar que Freud, em certo momento do artigo sobre Dostoiévski, utilizou justamente um livro de Stefan Zweig, *24 Horas na vida de uma mulher [Vierundzwanzig Stunden aus dem Leben einer Frau]*, para finalizar sua análise da compulsão ao jogo. Observemos: “é fácil conjecturar qual fragmento da vida infantil, há muito soterrado, se extorquiou na repetição compulsiva do jogo, apoiando-se em uma novela de um jovem escritor. Stefan Zweig, que, aliás, dedicou um estudo ao próprio Dostoiévski [...]” (FREUD, [1928] 2015, p. 301). O psicanalista desenvolveu então, com a ajuda da novela zweigueriana, sua interpretação do jogo como um possível retorno à masturbação infantil. No livro, as mãos, que jogam/masturbam, têm um papel de destaque nada casual.

Mas já naquele tempo eu achava pouco encanto nesses rostos indiferentes, até que meu marido, cuja paixão privada era a quiromancia, a leitura das mãos, me ensinou um modo bem especial de assistir, muito mais interessante, mais excit-

ante e tenso do que ficar por ali parada e indiferente, e era: nunca olhar os rostos mas apenas o retângulo da mesa e, nesse retângulo, apenas as mãos das pessoas e seu comportamento particular. [...] Nessa perspectiva, a única coisa que muda são as mãos – as muitas mãos claras, móveis, expectantes em torno da mesa verde, cada uma brotando de outra cavidade da manga, cada uma um animal predador pronto para saltar, cada uma com outro formato e outra coloração, muitas nuas, outras como anéis e pulseiras tilintantes, muitas peludas como de animais selvagens, algumas úmidas e sinuosas como enguias, mas todas tensas e vibrando de uma gigantesca impaciência (ZWEIG, [1927] 2007, p. 36).

Ora, Freud não poderia encontrar um contexto melhor para sua teoria dos jogos como retorno à masturbação na infância. Em uma carta de 1926, Freud retomou o assunto Dostoiévski, explicando, mais uma vez, pelo viés psicanalítico, a obra prima de metáforas sobre questões inconscientes que Zweig criou:

Semmering²⁰
Viena, IX., Berggasse, 19
4 set. 1926
Querido senhor:

²⁰- Semmering

Viena, IX., Berggasse, 19

4 sept. 1926

Querido señor:

[...] La primera denominación que se encontro para el onanismo en la infancia fue la de <<juego>> (un juego peligroso, se le decía al niño: uno se vuelve loco o se muere) y el acento que usted tan magistralmente pone en las manos y en la actividad de las mismas es verdaderamente revelador. En la masturbación las manos ejercen su función genital (FREUD, 2004, p. 29).

[...] A primeira denominação que se encontrou para o onanismo na infância foi a do <<jogo>> (um jogo perigoso, dizia-se que a criança: ou se torna louco ou morre) e o foco que o senhor, tão magistralmente, põe nas mãos e na atividade destas é verdadeiramente revelador. Na masturbação as mãos exercem sua função genital (FREUD, [1926] 2004, p. 29).

Portanto, Freud finalizou seu artigo e essas duas cartas citadas anteriormente explicando que a mania dos jogos de azar e sua inevitável proximidade com a derrota estão intrinsecamente ligadas à autopunição que, por sua vez, é uma repetição da compulsão onanista. E, para esclarecer este estudo, como de praxe, Freud buscou ajuda na literatura, mais especificamente, em seu amigo Stefan Zweig.

2.4. ALGUNS MAL-ENTENDIDOS

Zweig encontrou, frequentemente, a ocasião de chamar publicamente a atenção sobre a obra e a personalidade de Freud (não sempre para felicidade deste) em toda uma série de felicitações de aniversários e artigos e, sobretudo, no ensaio sobre Freud [...] (BERLIN; LINDKEN; PRATER, 2004, p. 73).

Além dos aspectos teóricos, como o de Dostoiévski, dediquemo-nos, neste instante, a alguns poucos momentos das correspondências que surgiram pequenos desentendimentos. O primeiro atrito aconteceu quando Freud descobriu, por meio de um folhetim, que Zweig havia apoiado Charles Maylan, um rico americano que se tornou um crítico ferrenho da psicanálise e de seu criador.

4-XII-1929²¹

Viena, IX, Berggasse, 19

Estimado senhor:

Tome conhecimento de meu assombro. Hoje, enquanto dava meu passeio de costume, chamou-me a atenção um grande cartaz no qual um tal senhor Ch. Maylan anunciava com todos os meios dos anúncios publicitários uma conferência que pronunciará contra mim, no dia 7 de dezembro.

[...] Neste cartaz, haviam três recomendações de seu livro. A do alto era de C. G. Jung; a embaixo, anônima, extraída de um periódico berlinense; a do meio, era do senhor. Como pode ser? O senhor leu o livro? Não percebeu a intenção do mesmo? Como o senhor se deixou enganar? Ou, acaso, esta é realmente sua opinião?

Posto que temos uma relação próxima, desejaría saber através do senhor mesmo.

Seu cordial e afetuoso, Freud (FREUD, [1929] 2004, p. 34).

Dois dias depois, Zweig respondeu, por meio de uma carta extensa, da qual trazemos um trecho:

²¹- 4-XII-1929

Viena, IX, Berggasse, 19

Muy estimado señor:

Le hago partícipe de mi asombro. Hoy, mientras daba mi paseo habitual, me há llamado la atención un gran cartel en el que un tal señor Ch. Maylan anunciaba con todos los medios de los anuncios publicitarios una conferencia que tiene previsto pronunciar en mi contra el día 7 de diciembre.

[...] En ese cartel se reproducían tres recomendaciones de su libro. La de más arriba era de C. G. Jung; la de más abajo, anônima, extraída de um periódico berlinés; la de em medio, de usted. ¿Como puede ser? ¿Há leído usted el libro? ¿Se le há escapado la intención del mismo? ¿Cómo es que se há dejado usted enganar? ¿O acaso es ésa realmente su opinión?

Puesto que nuestras relaciones son estrechas, desearía saberlo por usted. Suyo cordialmente afectísimo, Freud (FREUD, 2004, p. 34).

Salzburgo, 6-XII-1929²²

Kapuzinerberg, 5

Apreciado professor:

O que o senhor me diz em sua atenta carta deixou-me muito triste. Não conheço o tal senhor Maylan nem publiquei nenhuma resenha de seu livro, que me enviou em algum momento junto com uma carta. Eu o folheei um pouco, sem grande profundidade e somente porque havia um retrato seu na primeira página, sendo assim, entendi que o tema principal era o senhor. Depois, escrevi a Maylan dizendo-lhe que, naquele momento, dado que eu mesmo estava redigindo um volumoso trabalho sobre o senhor, o livro me parecia importante [...]. Agradeço-lhe, estimado professor, sinceramente, que o senhor não tenha acreditado, nem por um momento, que eu sabia algo desta maquinação. Nunca tive mais interesse em sua obra e no senhor que precisamente agora e por isso uma interpretação tão ruim de sua obra

²²- Salzburgo, 6-XII-1929

Kapuzinerberg, 5

Muy apreciado profesor:

Lo que me cuenta en su atenta carta me resulta lamentable en extremo. No conozco al tal señor Maylan ni he publicado ninguna reseña de su libro, que me envió en algún momento junto con una carta. Lo hojeé un poco, sin gran profundidad y sólo porque había un retrato suyo en la primera página que me dio a entender que el tema principal era usted. Después escribí a Maylan diciéndole que en aquel momento, dado que yo mismo estaba redactando un extenso trabajo sobre usted, el libro me parecía importante [...]. Le agradezco, estimado profesor, sinceramente que no haya creído usted ni por un momento que yo sabía algo de esta maquinación. Nunca he sido más afín a su obra y a usted que precisamente ahora, y por eso una interpretación tan mala y zafia de su obra tenía que interesarme también a mí en el momento que la leí (ahora me propongo leer el libro a fondo).

[...] Con ferviente respeto.

Su siempre afectísimo,

Stefan Zweig (ZWEIG, 2004, p. 36).

teria que interessar-me também, no momento que a li (agora me proponho ler o livro profundamente)

[...] Com muito respeito.

Seu sempre afetuosamente,

Stefan Zweig (ZWEIG, [1929] 2004, p. 36).

Fica claro que Zweig tentou se desculpar, apresentando seu lado nesta confusão, entretanto, uma coisa é certa, o primeiro não leu, em momento algum, nem mesmo folheou, como sugere, a obra de Maylan, pois o seu antifreudismo é tácito já no título. Mas Freud relevou o incidente, pois sabia que tinha em Zweig um grande admirador e amigo, disse que tudo poderia se esperar de um canalha como Maylan.

Dois anos depois, novo conflito, Zweig escreveu o livro *A cura pelo espírito [Die Heilung durch den Geist. Mesmer – Mary Baker-Eddy - Freud]*, em homenagem ao psicanalista e o comparou a outros dois “intelectuais”.

17-2-1931²³

Viena, IX, Berggasse, 19

Estimado senhor:

Recebi sua última obra e a li novamente, desta vez, naturalmente, com um interesse pessoal

²³- 17-2-1931

Viena, IX., Berggasse, 19

Muy estimado señor:

He recibido su última obra y la he leído de nuevo, esta vez, naturalmente, con un interés personal mayor que en el caso de otras producciones tuyas igualmente fascinantes. Si me permite ser crítico en mis impresiones, le diré que la parte de Mesmer me parece la más armoniosa, fundada y elegante. [...] Por lo que respecta a Mary E. B., me molesta que haya resaltado usted tanto su intesidad. En cambio, en su descripción no se resalta lo que de demencial y desaforado tiene el caso Mary B.E. así como tampoco la tristeza indecible de su pasado americano.

[...] Deseando que pase unas buenas vacaciones y saludándole cordialmente,

Suyo, Freud (FREUD, 2004, p. 41).

maior que no caso de outras produções suas igualmente fascinantes. Se me permite ser crítico em minhas impressões, eu lhe direi que a parte de Mesmer parece-me a mais harmoniosa, fundamentada e elegante. [...] Já com relação a Mary E. B., incomoda-me que o senhor tenha ressaltado tanto sua intensidade. Ao contrário, em sua descrição não se ressalta o que de demencial e desaforado tem o caso Mary B. E. assim como, nem mesmo, a tristeza indizível de seu passado americano.

[...] Desejo que passe boas férias e cumprimentos-o cordialmente,

Seu Freud (FREUD, [1931] 2004, p. 41).

Como podemos ver, a comparação entre Mesmer e o psicanalista foi elogiada por Freud, todavia, ele ficou deveras incomodado com uma comparação um tanto quanto escabrosa entre a psicanálise e sua pessoa com Mary Baker, apóstola da cura pela fé e conhecida como fundadora da *Christian Science*. De acordo com Pontalis e Mango (2014, p. 202): “Mesmer, ainda vá lá! Mas Freud não pode admitir ver o seu nome ao lado do daquela mulher; a psicanálise não é objeto de uma crença, não tem o que fazer com os crédulos, e, se cura, decerto não é pela fé, mas pela fala livre”.

Além do mais, Freud sempre foi crítico quanto ao gênero biográfico, nunca flertou com esse tipo de escrito, apesar de suas várias biografias, inclusive, realizadas e publicadas ainda durante sua vida. Em carta a outro Zweig, Arnold Zweig, em 31 de maio de 1936, ele confessa:

[...] somente hoje [...] encontro tempo para escrever-lhe uma carta, provocada pela ameaça de que o senhor deseja tornar-se meu biógrafo. O senhor, que tem tantas coisas mais atraentes e importantes para fazer, que pode nomear reis e vistoriar a brutal loucura da humanidade do alto de uma torre de observação! Não, eu gosto

muito do senhor para permitir que tal aconteça. Qualquer pessoa que se torne biógrafo compromete-se com mentiras, subterfúgio, hipocrisia, lisonja, e até com o ocultamento da sua própria falta de compreensão, pois a verdade biográfica não pode ser conseguida, e ainda que pudesse não poderia ser usada (FREUD apud ANDRADE, 2008, p. 18).

Apesar do posicionamento de Freud, Stefan Zweig conseguiu consentimento do mesmo para realizar sua biografia e, não suficiente, comparou-o com outros “intelectuais” da época. O biografado, como vimos, apreciou, especificamente, seu retrato; o problema está nas comparações feitas por Zweig, na intenção, como de praxe, de promover a psicanálise, na ânsia de acertar, cometeu pequenos deslizes.

Pelo nosso estudo das missivas, podemos afirmar que esses eventos supracitados são os que mais se aproximam de serem classificados como causadores de pequenos incômodos na relação Zweig-Freud. Nada como brigas ou rompimentos, mas apenas divergências pontuais que se fizeram presentes nas cartas.

CAPÍTULO III

O ESTRANGEIRO ENTRE SER HÓSPEDE E SER REFÉM

3.1. PRELÚDIO AO MAL

Em suma, na longa história do mundo medieval, o judeu é ao mesmo tempo o diabo e a feiticeira, o assassino do pai e o esposo da mãe, mas também um sexo e o outro, isto é, aquele que reúne os dois em um
(ROUDINESCO, 2010, p. 16).

Mais uma vez, na tentativa de esmiuçar o *zeitgeist* da correspondência aqui discutida, é importante não confundirmos o conceito de antissemitismo com antijudaísmo. Incurrer no erro simplista de tomar as perseguições aos judeus, – tal como foi o caso de Zweig, Freud, que tiveram suas casas invadidas pela Gestapo, dentre outras consequências – como algo antigo e deveras natural na história da humanidade.

A explicação tipo bode expiatório escamoteia, portanto, a seriedade do antissemitismo e da importância das razões pelas quais os judeus foram atirados ao centro dos acontecimentos. Igualmente disseminada é a doutrina do eterno antissemitismo, na qual o ódio aos judeus é apresentado como reação normal e natural, e que se manifesta com maior ou menor virulência segundo o desenrolar da história. Assim, as explosões do antissemitismo parecem não requerer explicação especial, como consequências

naturais de um problema eterno. É perfeitamente natural que os antissemitas profissionais adotassem essa doutrina: é o álibi possível para todos os horrores. Se é verdade que a humanidade tem insistido em assassinar judeus durante mais de 2 mil anos, então a matança de judeus é uma ocupação normal e até mesmo humana, e o ódio aos judeus fica justificado, sem necessitar de argumentos (ARENDDT, 2012, p. 31).

É certo que a perseguição aos judeus data de séculos, quiçá milênios, porém, não foi baseada nos mesmos argumentos, crenças, nem mesmo os judeus foram os mesmos durante todo esse tempo.

A noção de que foram ininterruptamente contínuas as perseguições, expulsões e massacres dos judeus desde o fim do Império Romano até a Idade Média, e, depois, sem parar, até o nosso tempo, frequentemente conjugada com a ideia de que o antissemitismo moderno nada mais é senão uma versão secularizada de populares superstições medievais, não é menos preconceituosa (embora seja, naturalmente, menos nociva) que a noção antissemita de uma secreta sociedade judaica, que dominou ou procurou dominar o mundo desde a Antiguidade (ARENDDT, 2012, p. 17).

O antissemitismo é uma ideologia profundamente racista que surge no final do século XIX, ancorado em uma visão imperialista dos países europeus e amparado pelo *modus operandi* burocrático da máquina estatal.

É provável que esse racismo tivesse desaparecido a tempo, juntamente com outras opiniões irresponsáveis do século XIX, se a corrida para a África e a nova era do imperialismo não houvessem exposto a população da Europa

ocidental a novas e chocantes experiências. O imperialismo teria exigido a invenção do racismo como única explicação e justificativa de seus atos, mesmo que nunca houvesse existido uma ideologia racista no mundo civilizado (ARENDDT, 2012, p. 266).

Já o antijudaísmo se desenvolveu, ao longo dos séculos, no Ocidente cristão, a partir do momento que o cristianismo se tornou religião oficial do Estado, inclusive, com apoio de reis e papas (DELUMEAU, 1989, p, 673). Este pensamento vinha se formando na Europa Católica, fundamentalmente não visava exterminar os judeus, mas sim convertê-los, agrupá-los num certo espaço ou expulsá-los. Além disso, pretendia transformar o *outro* em um *eu*, pois, para o antijudaísmo, ser judeu se refere a uma questão religiosa e o único Deus é o Católico.

Mas antissemitismo é inadequado e anacrônico. [...]. Será preciso esperar o século XIX para que as teorias raciais pseudocientíficas façam germinar mentalidades e sensibilidades racistas, antissemitas. [...]. Mas essa concepção e essa prática, enfim, essa política antijudaica preparou o terreno para o antissemitismo posterior (ROUDINESCO, 2010, p. 22).

Por sua vez, o antissemitismo buscou aniquilar este outro que é o judeu. Não somente na Alemanha, mas em todo o mundo, o judeu transformou-se em uma questão racial, logo, não importava se renegasse sua crença, dever-se-ia exterminar a raça judia da face da Terra, pois era uma raça inferior, conspiratória etc. Assim sendo, é aqui que surgiram as câmaras de gás, os crematórios e todo o maquinário de extermínio. Em sua obra *Estado de exceção* [*Stato di Eccezione*], Giorgio Agamben defende:

O totalitarismo moderno pode ser definido, nesse sentido, como a instauração, por meio do estado de exceção, de uma guerra civil legal que permite a eliminação física não só dos adversários políticos, mas também de categorias inteiras de cidadãos que, por qualquer razão, pareçam não integráveis ao sistema político (AGAMBEN, 2004, p. 13).

Logo, o racismo é uma forma de ódio direcionado ao estranho que é apresentado ao meu olhar, trata-se de uma característica própria de nosso psiquismo que, para se constituir enquanto *eu*, deve excluir *outrem*. “A criação do outro, ou a atribuição de certas características ao outro, provém da necessidade de proteger a coerência da própria imagem” (CEREIJIDO, 2008, p. 63). Na inferioridade do outro, cada sociedade reafirma e legitima sua superioridade, seu conceito de justiça.

Na correspondência, percebemos que o terror chegou a tal ponto que Zweig afirma a Freud que achou melhor sua mãe falecer antes de presenciar esta catástrofe em toda sua profundidade.

24 de ago. de 1938¹
49, Hallam Street,
Londres, W. 1
Langham 3693
[...] minha mãe, que tinha oitenta e cinco anos,

¹ - 24 de ag. de 1938
49, Hallam Street,
Londres, W. 1
Langham 3693

[...] mi madre, que tenía ochenta y cinco años, murió en Viena. Qué tiempos vivimos; noto que apenas siento pena sino más bien consuelo por el hecho de que mi madre no tenga que seguir viviendo en ese infierno que es Viena, sin poder unírseos.
Respetuosa y fielmente suyo,
Stefan Zweig (ZWEIG, 2004, p. 65).

morreu em Viena. Que tempos vivemos; noto que não sinto apenas pena, mas, mais ainda conforto pelo fato de minha mãe não ter que seguir vivendo neste inferno que é Viena, sem poder se juntar a nós.

Respeitosa e fielmente seu,
Stefan Zweig (ZWEIG, 2004, p. 65).

Afinal, a situação era tão absurda, que leis estapafúrdias foram sendo criadas para humilhá-los: não podiam sentar em bancos públicos, nem estar em um mesmo espaço que um ariano etc. Essa carta acima, quiçá, seja emblemática para refletirmos sobre a situação antissemita nesses tempos de catástrofe. Chegar ao ponto de um filho preferir a morte da própria mãe a vê-la viva nesse mundo de terror é uma situação que choca. A leitura deste trecho causa uma mistura de espanto, horror e indignação. Não diferente foi para Zweig, afinal, o escritor comunica esse pensamento ao psicanalista, compartilhando a experiência traumática por meio da correspondência, Zweig tentou elaborar esse sentimento confuso; o prazer diante da morte de sua mãe, tendo como contexto uma Europa sendo destruída por dentro. Como foi possível tamanha barbárie?

Algo semelhante, uma figura sem nenhuma cobertura jurídica, é o *homo sacer* no direito Romano. Essa figura está incluída no ordenamento jurídico, justamente enquanto exceção, ou seja, sua inserção se dá pela supressão, pela negatividade. Assim, essa figura legal é desprovida de direitos, logo, sua morte não deveria ser encarada dentro de prerrogativas jurídicas que definem as condições em que ocorre um homicídio de praxe.

Observemos agora a vida do *homo sacer*, ou aquelas, em muitos aspectos similares, do bandido, do *Friedlos*, do *acque et igni interdicuts*. Ele foi excluído da comunidade religiosa e de toda vida política: não pode participar dos ritos de sua gens, nem (se foi declarado *infamis et*

intestabilis) cumprir qualquer ato jurídico válido. Além disso, visto que qualquer um pode matá-lo sem cometer homicídio a sua inteira existência é reduzida a uma vida nua despojada de todo direito, que ele pode somente salvar em uma perpétua fuga ou evadindo-se em um país estrangeiro. Contudo, justamente por ser exposto a todo instante a uma incondicionada ameaça de morte, ele encontra-se em permanente relação com o poder que o baniu. Ele é pura zoé [vida nua], mas a sua zoé é capturada como tal no bando soberano e deve a cada momento ajustar contas com este, encontrar o modo de esquivá-lo ou de enganá-lo. Neste sentido, como o sabem os exilados e os bandidos, nenhuma vida é mais política do que a sua (AG-AMBEN, 2002, p. 189).

O primeiro passo para a completa anulação do sujeito é sua morte legal, transformando-se em um cadáver andante (ARENDRT, 2012, p. 598). Primeiramente, mata-se juridicamente o sujeito, posteriormente, aniquila seu ser moral, por fim, só resta um cadáver.

O judaísmo transformou-se em um incômodo particular para os estadistas, uma vez que os judeus não eram pagãos, bárbaros, ao contrário, eram mais um dentro que um fora do cristianismo, afinal, o cristianismo surge do judaísmo. O judeu ocupa uma posição que, no mínimo, causa estranheza. Sua figura está ligada ao diabo, ao dinheiro e ao sexo; três temas que envolvem uma mística ao seu redor e causam, ao mesmo tempo, espanto, horror e admiração. O historiador francês Jean Delumeau, em seu livro *História do medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada [La peur em Occident (XIV – XVII siècles): une cité assiégée]*, analisou o judaísmo e percebeu que o judeu ocupou, durante séculos, o lugar de um agente de satã, representante do mal absoluto, da estrangeiridade (DELUMEAU, 1989, p. 674). Temos aí uma questão de parricídio, uma vez que o cristianismo tenta

“assassinar” o judaísmo. A religião do filho atentando sobre a vida da religião do pai.

Como a Alemanha, um país altamente desenvolvido aderiu ao discurso racista, fundamentalista de Hitler? Nesse sentido, são interessantes as afirmações dos franceses Labarthe e Nancy, em seu livro *O mito nazista: o espírito do nacional-socialismo e o seu destino* [*Le mythe nazi: L'esprit du national-socialisme et son destin*]. Para esses pesquisadores, o fundamento basal que sustentava o discurso nazista está na identificação mítica de uma cultura germânica refinada, legítima herdeira da cultura áurea grega.

O específico da Alemanha consiste, segundo os autores, na sua identificação com uma Grécia mítica/mística que teria sido descoberta por autores alemães no final do século XVIII (em oposição à Grécia clássica italiana e francesa) como o tipo a ser imitado (LABARTHE; NANCY, 2002, p. 40).

Os nazistas utilizaram o mito como instrumento mimético por excelência. Hitler utilizou-se de toda uma simbologia para corroborar este mito primordial: a arquitetura era baseada na estética greco-romana, os arianos como representantes do bem e o judaísmo como mal absoluto. Havia uma atmosfera criada para fomentar uma ideia de pureza, harmonia, beleza. “Desse ponto de vista, a Alemanha foi, com efeito, o local de um *Kulturkampf* [*luta cultural*] radicalizado no qual, como sabemos, ocorreu uma antiguidade totalmente outra – uma Grécia totalmente outra” (LABARTHE; NANCY, 2002, p. 88). Logo, no regime nazista, temos o apogeu da estetização da política, calcada em uma identificação com uma Grécia mítica.

Nas palavras do filósofo tcheco naturalizado brasileiro, Vilém Flusser: “o patriotismo é sobretudo o sintoma de uma doença estética (FLUSSER, 2007, p. 234). Interessante que o livro no qual o filósofo discutiu o conceito de pátria, chama-

se *Bodenlos*, o que significa algo como “sem chão”, ora, na vida do filósofo que era versado em quatro idiomas e morou em diversos países, nenhum título seria mais alusivo. Zweig e Flusser eram ligados pelo idioma alemão, pela condição de apátrida e pela judeidade, porém, com visões totalmente diferentes com relação à pátria e essa divergência custará a vida do primeiro.

3.2. ANTISSEMITISMO, EXÍLIO E TRADIÇÃO

[...] cada apátrida, pelo menos potencialmente, é a consciência desperta daqueles que têm pátria, e é também um mensageiro do futuro (Flusser, 2007, p. 236).

Após a ascensão de Hitler ao comando da Alemanha, anos 1930, podemos dizer que este é o período de grandes provações para ambos os pensadores. Em resumo, Freud perdeu irmãs nos campos de concentração e sua filha Anna Freud foi presa pelas Tropas de Hitler. O psicanalista chegou ao ponto de trocar publicações de artigos por alimentos. No final de sua vida, devido à política antissemita de Hitler, mesmo face ao seu frágil estado de saúde, com dificuldades na fala e no andar, pois já era um octogenário, Freud se viu obrigado a abandonar seu país e recomeçar. Assim, em 1938, mudou-se com alguns membros da família, com a ajuda da Princesa Marie Bonaparte, para a cidade de Londres. Sua correspondência com Zweig é marcada por este evento:

49, Hallam Street²
Londres, W.1 (princípios de junho de 1938)

²- 49, Hallam Street,
Londres, W.1 (princípios de junio de 1938)
Langham 3693

Querido, respetado profesor; aunque la mano y el corazón me lo exigían ardientemente, no le escribí a Viena, pero todos mis pensamientos

Langham 3693

Querido, respeitado professor, embora a mão e o coração me exijam ardentemente, não lhe escrevi a Viena, mas todos meus pensamentos estavam, diariamente, com o senhor. Agora respiro com a sensação de que aqui [Inglaterra] o senhor está a salvo. ¡Incipit vita nuova!⁹¹

[...] Cumprimentos cordiais aos seus,

Seu fiel e afetuoso,

Stefan Zweig (ZWEIG, 2004, p. 59).

Esta missiva anterior nos mostra o quanto a situação na Europa era degradante, a ponto de Zweig enviar-lhe uma correspondência agradecendo a atitude do psicanalista de finalmente abandonar as terras alemãs. Zweig, desde cedo, percebeu a gravidade da situação europeia e, como disse em seu livro autobiográfico, devido a esta “premonição”, sofreu por duas vezes: uma anterior no que se refere ao pensamento que antecipou ao terror; a segunda com todos os acontecimentos catastróficos tomando forma. O “profeta” Zweig premonizou sobre a ruína europeia. Alguns dias depois, Freud responde:

10-6-1938³

39 Elsworthy Road

estaban a diario con usted. Ahora respiro com la sensación de que aqui [Inglaterra] está usted a salvo. ¡Incipit vita nuova!⁹⁰

[...] Muchos saludos cordiales a los suyos,

Suyo fielmente afectísimo,

Stefan Zweig (ZWEIG, 2004, p. 59).

³- 10-6-1938

39 Elsworthy Road

Londres, N W 3

Querido señor:

¡ Qué enorme montón de impresiones, peticiones y compromissos em estos primeros días! Predominan las amabilidades: saludos y felicitaciones de amigos, adeptos y conocidos (pero en buena parte de desconocidos que no quieren sino expresar su simpatía y alegría sin

Londres, N W 3

Querido senhor:

Quantas várias impressões, solicitações e compromissos nestes primeiros dias! Predominam as amabilidades: cumprimentos e felicitações de amigos, adeptos e conhecidos (mas também há desconhecidos que não querem mais do que expressar sua simpatia e alegria sem exigir nada em troca). Além disso, naturalmente, enviaram-me muitas extravagâncias, tratados e evangelhos e me pediram autógrafos, solicitaram entrevistas para periódicos e me convidado a escrever artigos que aparentemente são bem pagos. Resta alguma consulta médica, mas não muitas: não parece que será possível viver muito bem da minha profissão médica.

Até logo.

Cordialmente seu,

Freud (FREUD, 2004, p. 60).

Em seus primeiros meses na Inglaterra, Freud ficou admirado com sua popularidade em terras inglesas, recebeu vários cartões e saudações devido ao seu aniversário. O psicanalista comentou com o amigo que, ao contrário da Alemanha nazista, nessa nova terra, seus artigos eram realmente valorizados.

Zweig, por sua vez, começou uma série de viagens. Paulatinamente, abandonou suas coleções de escritos, livros, iniciando, assim, sua eterna peregrinação, um judeu errante.

exigir nada a cambio). Además, naturalmente, me han enviado todo un contingente de extravagancias, tratados y evangelios y me han pedido autógrafos, solicitado entrevistas periodísticas e invitado a escribir artículos presuntamente bien pagados. Hasta alguna consulta médica, pero no muchas: no parece que vaya a poder vivir demasiado bien de mi profesión médica.

Así pues, hasta muy pronto.

Cordialmente suyo,

Freud (FREUD, 2004, p. 60).

Em uma carta em francês, a seu amigo e confidente Romain Rolland, o escritor desabafa e demonstra uma esperança. Há de se achar um sentido para todo esse sofrimento moral:

A Romain Rolland⁴

[...] Salzbourg, o 10 jun 1933

Eu hesitei por um longo tempo. Mas, agora, eu decidi por deixar tudo, minha casa, meus livros, minhas coleções. Eu não tenho mais a antiga felicidade dessas coisas, eu sinto que tudo isso que se possui tem o poder de diminuir a liberdade intelectual e pessoal. Eu só não sei ainda onde me estabelecer. Eu preferiria Roma, mas infelizmente, a política! Eu não gostaria de me estabelecer na Suíça, principalmente na Suíça alemã, e perto de Paris eu temo ser um caos. Tudo é difícil de decidir e, talvez, viverei um ou dois anos sem lugar fixo (Thomas Mann se estabeleceu em Bâle, mas essa cidade é muito burguesa para meu gosto). [...] Talvez fazendo isso, eu esteja fazendo um bem a mim mesmo.

⁴- A Romain Rolland

[...] Salzbourg, le 10 juin 1933

J'ai hésité longtemps. Mais maintenant je suis décidé à quitter tout, ma maison, mes livres, mes collections. Je n'ai plus l'ancienne joie de ces choses, je sens que tout ce qu'on possède a le pouvoir de diminuer la liberté intellectuelle et personnelle. Je ne sais seulement pas encore où m'installer. J'aurais préféré Rome, mais hélas, la politique! Je n'aimerais pas m'installer en Suisse, surtout pas en Suisse allemande, et près de Paris je crains d'être trop mêlé à la foire sur la place. Tout est difficile à décider et peut-être que je vivrai une année ou deux sans place fixe (Thomas Mann s'installe à Bâle, mais cette ville est trop bourgeoise pour mon goût). [...] Peut-être que je fais avec cela un bien à moi-même. Peut-être que cela amène un rafraîchissement de l'énergie vitale et créatrice. Peut-être que cela ne sera qu'un épilogue. Qui sait? Et je ne veux même pas savoir. D'un jour à l'autre le monde entier peut être en flammes – impossible de prévoir, impossible de prévenir. Seul espoir, pouvoir être encore un peu utile avec son existence, trouver un sens ou un symbole pour toute cette souffrance morale (ZWEIG, 2008, p. 71).

Talvez, isso conduza a uma atualização da energia vital e criativa. Talvez, isso não passe de um epílogo. Quem sabe? E eu nem quero saber. De um dia a outro, o mundo inteiro pode estar em chamas – impossível de prever, impossível de prevenir. Única esperança poder ser ainda um pouco útil com sua existência encontrar um sentido ou um símbolo para todo este sofrimento moral (ZWEIG, 2008, p. 71).

Nesta epístola, Zweig apontou a relação entre “bens” e sua liberdade, isto é, toda sua rede de hábitos (amigos, locais, etc.) e suas coleções (livros, autógrafos, partituras, etc.), apesar de causarem um prazer para o colecionador, em um momento crítico como o da Segunda Guerra, quanto mais questões para se fixar, ligar, mais difícil torna-se a tarefa de conquistar sua liberdade. Em tempos de guerras, o fixo torna-se um fardo pesado, abre-se espaço para o efêmero.

Por fim, em 1942, fixou residência em Petrópolis, no Rio de Janeiro, cidade na qual, juntamente com sua segunda esposa, Lotte Zweig, suicidou-se após ter notícias de um submarino brasileiro que havia sido abatido por nazistas. O fato foi noticiado por jornais do mundo todo; a imprensa brasileira tentou achar respostas para o fatídico fim do escritor. O sonhador que, ao fugir de Alemanha nazista de Hitler, caiu em pleno Estado Novo de Getúlio Vargas...

O povo judeu, em sua “eterna errância”, como vimos nas páginas anteriores, fundou-se em uma tradição essencialmente baseada na escrita, na leitura. “A única pátria do escritor de verdade é sua biblioteca, uma biblioteca que pode estar em estantes ou na memória” (BOLAÑOS, 2004, p. 3). Para o escritor Roberto Bolaños, não se deve falar em exílio quando tratamos de assuntos literários. Nesse sentido, Hitler, ao queimar os livros de Zweig e Freud, além de tantos outros, não só estava tentando apagar os rastros de uma religião judia da Terra, mas também queimar sua verdadeira pátria, não deixar nenhum canto do mundo que esses possam

chamar de lar, nem mesmo seus escritos. A íntima relação entre o judaísmo e a tradição do estudo, da escrita, é nítida. Lembremos da efervescente *intelligentsia* judia na Viena de nossos autores pesquisados; analisemos o número de judeus ganhadores do Prêmio Nobel; recordemos que o livro mais vendido de todos os tempos foi “escrito” por judeus.

O mundo existe porque o livro existe [...] O livro é a obra do livro. [...] O livro multiplica o livro. Ser é ser-no-livro [...]. O próprio Deus surge no livro que liga assim o homem a Deus e o ser a si. Se Deus existe, é porque está no livro [...] (DERRIDA, 2005, p. 69).

Zweig e Freud foram obrigados a criar pontes em terras distantes. Baseado nesta fatídica apatricidade térrea e na contínua ascensão do vestimento intelectual do povo judeu, Flusser, dissertou sobre as várias potencialidades de não se ter uma pátria. “Flusser propõe que devemos abandonar as nossas concepções de pátria. Ele nos convida a despir a roupa da nação e a contemplarmos nosso corpo sem o mistério que, como ele percebe, sustenta toda ideia de pátria” (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 29). Fazendo assim, obviamente, uma crítica ao nacionalismo nazista.

Nesta perspectiva, a atual noção de patriotismo, com todas suas deturpações, nasceu na Revolução Francesa, uma ideia sedentária de pátria, de propriedade privada, que desqualifica e desmotiva o deslocamento. O que para o filósofo se mostrou um contrassenso, pois aqueles que se deslocam, os migrantes, devem ser tidos como vanguardas do futuro.

Nós, os inúmeros milhares de migrantes (sejam trabalhadores estrangeiros, expatriados, fugitivos ou intelectuais em visitas frequentes a seminários) nos reconhecemos então não como marginais mas sim como vanguarda do futuro. Os vietnamitas na Califórnia, os turcos na Alemanha, os palestinos nos países do

Golfo Pérsico e os cientistas russos em Harvard surgem não como vítimas dignas de compaixão que devem receber ajuda para retornar à pátria perdida, mas sim como modelos a serem seguidos por sua suficiente ousadia (FLUSSER, 2007, p. 223).

Ao abandonar os laços da pátria, há uma conquista do indivíduo frente ao cotidiano, aos hábitos e não uma perda. Ao se criar uma apatricidade criativa, supera-se o poder do regime político estado-nação fundamentado no nacionalismo, no patriotismo (FLUSSER, 2007, p. 223). O filósofo desconstruiu em seus escritos a sacralidade da pátria, o conceito de nacionalismo desenvolvido pelos nazistas. O que é importante não é a pátria, qualquer ser humano vive sem pátria, como os vários migrantes nos demonstram a todo o momento, o importante e necessário é a moradia.

Em geral, considera-se a pátria como um ponto de referência relativamente permanente e a habitação, como um ponto de referência mutável, apto a ser migrado. O oposto disso é correto: pode-se mudar de pátria ou então simplesmente não tê-la, mas é sempre preciso morar, não importa onde. Os mendigos parisienses moram sob pontes, os ciganos, em caravanas, os agricultores brasileiros, em cabanas, e por mais horrível que isso possa soar, morou-se também em Auschwitz. Pois sem moradia literalmente morre-se (FLUSSER, 2007, p. 232).

Seguindo essa linha de raciocínio da pátria como ideologia fomentada por nações nacionalistas, esse tipo de pensamento atrela homens e coisas. No nacionalismo, temos o homem sacralizando uma coisa, um erro ontológico de tomar um *isso* (*Es*) por um *you* (*Du*). Os profetas nomeavam esse tipo de sacrilégio de paganismo, tal como o bezerro citado na Bíblia. Para o filósofo, esse tipo de ligação tão forte entre

homem/coisa deveria ser estudado, pois oculta raízes de algo inconsciente.

Quase sempre existem fios secretos que atam os domiciliados aos homens e às coisas da pátria, e eles vão além da consciência do adulto, chegam a regiões infantis e provavelmente até mesmo fetais e transindividuais, alcançando assim uma memória mal articulada [...] Aquele que se autoanalisa reconhece então em que medida o seu enraizamento secreto na pátria ofuscou o seu olhar desperto para a cena (FLUSSER, 2007, p. 224).

O homem do futuro é aquele capaz de abandonar a rede dos hábitos que nomeamos habitação, pátria, e transformar o exílio em potência criativa. Sair de uma perspectiva que privilegia o sedentarismo e saudarmos os pontífices, aqueles que constroem pontes mesmo em situações adversas. Aspecto que Zweig, aparentemente, não compartilhou.

Entre os graves problemas de que tratamos aqui, existe aquele do estrangeiro que, desajeitado ao falar a língua, sempre se arrisca a ficar sem defesa diante do país que o acolhe ou que o expulsa; o estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade, o direito ao asilo, seus limites, suas normas, sua polícia, etc. Ele deve pedir a hospitalidade numa língua que, por definição, não é a sua, aquela imposta pelo dono da casa, o hospedeiro, o rei, o senhor, o poder, a nação, o Estado, o pai, etc. Este lhe impõe a tradução em sua própria língua, e esta é a primeira violência (DERRIDA, 2003, p. 15).

Temos a passagem do estrangeiro como hóspede para o estrangeiro como vítima de sacrifícios, pois ele profana a

sagrada ordem. Conforme afirma Derrida (2003), a hostilidade é o outro lado da moeda da hospitalidade, é o hóspede se tornando refém. Em latim, *Hostis* significa tanto hóspede como hostil, inimigo. Na correspondência de Zweig, tornou-se nítido as dificuldades de publicação de seus livros, outrora *best-sellers*. O antissemitismo desejou, sistematicamente, apagar da história todos os judeus, vivos ou mortos; afinal, deve-se apagar os rastros judeus do livro da história.

A Enrico Rocca⁵

(Cadenabbia, não datado; provavelmente 27 de abril 1933)

[...] meus livros são boicotados, e como todas as produções <<estrangeiras ao povo>> [conceito utilizado pelos nazistas] eles serão queimados solenemente, em meados de maio, em todas as universidades alemãs [...] Além disso, evidentemente, as pessoas procuram liquidar-nos sistematicamente, inclusive no estrangeiro... [...]. A campanha antissemita é organizada com uma sistematicidade alemã, cujo exemplo não temos nenhum na história... (ZWEIG, [1933] 2008, p. 63).

Os livros deveriam ser queimados, as pegadas apagadas, pois, como afirma Derrida (2003), a língua não se limita a operações linguísticas, existe algo da ordem do *ethos*. Não por acaso, no vernáculo, damos o nome de língua materna àquela que aprendemos com nossos pais.

⁵ (Cadenabbia, non datée; vraisemblablement 27 avril 1933)

[...] mes livres sont boycottés, et comme toutes les productions <<étrangères au peuple>>, ils seront solennellement brûlés à la mi-mai dans toutes les universités d'Allemagne [...] En outre, évidemment, les gens cherchent à nous liquider systématiquement à l'étranger aussi... [...] La campagne antisémite est organisée avec une systématité tout allemande dont il n'est aucun exemple dans l'histoire... (ZWEIG, [1933] 2008, p. 63).

Há algo aí da ordem de uma hospitalidade, de uma proteção imanente. Na mesma linha de raciocínio, de uma dualidade imanente hospitalidade/hostilidade, hóspede/refém, Freud, em seu artigo, *O inquietante [Das Unheimliche]*, (em algumas traduções, *O estranho*), analisou alguns contos do escritor alemão Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann, principalmente *O homem de areia [Der Sandmann]*. A partir de Hoffmann, o psicanalista vienense percebeu que o material infantil, de alguma forma, atualiza-se como *Unheimliche*. “O sufixo *un*, nessa palavra, é a marca da repressão” (FREUD, [1919], 2010, p. 365). Assim como temos a aparente e paradoxal dualidade, inclusive no sentido etimológico, nas palavras hospitalidade e hostilidade, em alemão, a dupla estranho e familiar também segue a mesma lógica.

Segundo Cereijido: “No trabalho de Freud sobre *O estranho* aparecem elementos sobre como aquilo que é rejeitado no outro corresponde a algo próprio não admitido como tal pelo sujeito” (CEREIJIDO, 2008, p. 63). O material que foi recalçado transforma-se em algo estranho, mas um estranho-familiar para o sujeito. Assim, o inquietante é justamente aquele material já deveras familiar, que deveria ser mantido oculto e, por não o sê-lo, causa-nos angústia, terror.

Desta maneira, o judeu/judaísmo ocupa exatamente este lugar de um estranho-familiar, estranho devido ao imaginário, ao mito construído em torno de sua figura enigmática e íntima. Não se percebe que o estrangeiro está dentro de nós, somos nós mesmos, uma vez que estamos fundamentalmente divididos, não somos senhores em nossa própria casa, como afirmou Freud. Em seu livro: *Moisés e o Monoteísmo [Der Mann Moses und die monotheistische Religion]*, esse estranho-familiar tornou-se mais palpável, pois o psicanalista defendeu a tese de que Moisés foi um egípcio. A própria religião judaica seria fruto de um estranho que, ao mesmo tempo, é familiar, afinal, viveu entre os judeus.

3.3. MOISÉS E A HISTÓRIA COMO TRAUMA

É sem dúvida sob as circunstâncias altamente traumáticas de sua saída forçada de Viena que Freud reflete sobre a partida histórica de Moisés do Egito e articula sua inovadora e perspicaz teoria da história como trauma, exemplificada por sua análise do impacto tardio e da repetitiva e traumática história da fundação do monoteísmo (FELMAN, 2014, p. 31).

Moisés sempre chamou a atenção de Freud. No ano de 1914, escreveu o artigo *O Moisés, de Michelangelo [Der Moses des Michelangelo]*, no qual confidenciou a sua profunda estranheza [Unheimlichkeit] frente à estátua do arauto “judeu”, esculpida por Michelangelo para o sepulcro do Papa Júlio II. “Pois nunca antes experimentei um efeito tão forte quanto diante dessa estátua (FREUD, [1914] 2015, p. 186). Em síntese, no referido texto, trabalhou a ideia de que o artista italiano esculpiu um Moisés divergente da tradição, que, apesar de irritadiço, não teria quebrado as Tábuas da Lei. Freud chegou a esta conclusão, a partir do pressuposto de que a estátua, ao ser criada, passou por um processo imaginário de sequências de movimentos. Deste modo, para acessar esta “verdade oculta”, é necessário analisá-la, desde seu repouso até a ação deflagrada, e não apenas o produto final já esculpido.

Pouco mais de vinte anos após este estudo, em 1935, Freud apresentou a Zweig um audacioso esboço sobre o homem Moisés e sua ligação com o judaísmo. Ele foi um dos primeiros, senão o primeiro, a saber sobre o polêmico escrito publicado somente em 1939. Mais uma vez, temos a correspondência de Freud-Zweig antecipando questões teóricas, dando-nos pista do caminho que seria percorrido pela então jovem ciência. Temos os rastros da psicanálise, nesse conjunto de missivas. Novamente, remetendo-nos à

íntima relação entre linguagem e “oráculo”, explorada por Blanchot: “Ela [a linguagem] anuncia, porque começa. Indica o futuro, porque ainda não fala: linguagem do futuro, pelo fato de ser ela mesma uma espécie de linguagem futura, que sempre se antecipa, não tendo sentido e legitimidade senão adiante de si mesma [...]” (BLANCHOT, 2011, p. 59). Em um de seus encontros, Freud confidência a Zweig a intenção do escrito:

5-XI-19356

Viena, IX, Berggasse, 19

Querido, respeitado senhor:

[...] Depois de sua visita de 15 de set. recri-
mei-me por ter estendido tanto sobre o con-
teúdo de meu Moisés, em vez de deixar o sen-
hor falar sobre seus trabalhos e projetos. Meu
Moisés nunca verá a luz pública.

Agradecimentos e saudações cordiais,

Seu,

Freud (FREUD, [1935] 2004, p. 51).

Sentia-se inseguro diante desta obra polêmica em uma época deveras antissemita. Ao que parece, após o encontro, Freud temia que Zweig, em sua ânsia de divulgar a psicanálise, promovesse a obra sobre Moisés, discursando sobre a mesma na imprensa europeia. Ainda não era o momento, o psicanalista ainda não se sentia preparado,

⁶ - 5-XI-1935

Viena, IX, Berggasse, 19

Querido, muy respetado señor:

[...] Después de su visita del 15 de sept. me hice serios reproches por haberme extendido tanto sobre el contenido de mi Moisés, en vez de dejar que me hablase usted de sus trabajos y proyectos. Mi Moisés nunca verá la luz pública

Gracias cordiales y saludos

Suyo,

Freud (FREUD, 2004, p. 51).

pressentia que receberia críticas tanto de antissemitas, afinal, era uma obra judia, quanto de judeus, pois o livro dissertava sobre um Moisés “diferente”.

Em uma carta à sua primeira esposa, Zweig deixa claro o contexto do momento:

A Friderike Maria Zweig⁷
(Montreux103, não datado, carimbo postal:
9.3.1933)
[...] Entre os intelectuais, o pânico está realmente forte, parece que a cada dia surgem novas críticas contra os escritores judeus, sempre mais violentas, e se diz, que há bem mais coisas do que isso que se lê nos jornais (ZWEIG, [1933] 2008, p. 54).

Destarte, mesmo os jornais mais pessimistas não refletiam a real situação de terror que se abateu sobre a Europa. Hitler e seu regime nazista surpreenderam a todos; não se esperava tamanha barbaridade. Porém, apesar do referido contexto, três anos depois, Freud publicou o livro. Zweig, ao saber, enviou-lhe seus cumprimentos.

Estoril (Portugal) por breve tempo⁸

⁷ - A Friderike Maria Zweig
(Montreux, non datée; cachet de la poste: 9.3.1933)
[...] Chez les intellectuels, la panique est vraiment forte, il paraît chaque jour de nouvelles diatribes contre les écrivains juifs, toujours plus violentes, et à ce qu'on dit, il se passe bien plus de choses que ce qu'on lit dans les journaux (ZWEIG, 2008, p. 54).

⁸ - Estoril (Portugal) por breve tiempo
[Enero/febrero de 1938]
Estimado profesor: me dan la alegre noticia desde Londres de que su Moisés (o lo que enseña de él al mundo) se ha publicado. Dentro de cuatro semanas estaré de vuelta y entonces podré darle las gracias adecuadamente. [...]
Respetuosa y fielmente suyo,
Stefan Zweig (ZWEIG, 2004, p. 58).

[Janeiro/fevereiro de 1938]

Estimado professor: recebi a alegre notícia, de Londres, que seu Moisés (ou o que ensina dele ao mundo) foi publicado. Dentro de quatro semanas estarei de volta e então poderei agradecer-lo de forma adequada. [...]

Respeitosa e fielmente seu,

Stefan Zweig (ZWEIG, [1938] 2004, p. 58).

Como estamos percebendo, ao longo deste estudo, Zweig admirava a coragem do psicanalista, sua bravura em desnudar conflitos inconscientes sobre os quais a maioria preferia calar-se. A publicação sobre Moisés, em uma época antissemita, foi algo particular de Freud, não foi por acaso; foi a maneira pela qual ele conseguiu falar sobre o antissemitismo naqueles tempos. Desabafa: “privar um povo do homem de quem se orgulha como o maior de seus filhos não é algo a ser alegre ou descuidadamente empreendido, e muito menos por alguém que, ele próprio, é um deles” (FREUD, 1939, p. 19). Após alguns meses depois da última carta, Zweig leu a referida obra e enviou-lhe uma correspondência parabenizando-o pela coragem.

2, março de 1938⁹

⁹- 2, marzo de 1938

49, Hallam Street,

Londres, W. 1

Mi muy apreciado profesor:

Después de mi regreso de Portugal lo primero que hice fue leer su estudio sobre Moisés y, sinceramente, admiro la franqueza con que defiende una hipótesis que en su exposición resulta absolutamente convincente. Las ideas no tienen ninguna patria verdadera en la Tierra. [...]. Una proeza no tiene por qué perder su valía a causa de que otro la haya sonado antes. Que Moisés, el real, el corporal, fuera de esta o aquella estirpe no empequeñece ni la figura del creador que há transmitido a la humanidad el monoteísmo como problema ni la del pueblo que partiendo de su lengua y su espíritu lo há convertido en una idea de vigencia mundial. Para mí, esta obra, aparentemente secundaria, está estrechamente asociada a su ser y a su obra y es una de las pruebas más bellas de su osadía espiritual

49, Hallam Street,
Londres, W. 1

Meu apreciado professor:

Depois de meu regresso de Portugal, o que fiz primeiro foi ler seu estudo sobre Moisés e, sinceramente, admiro a franqueza com que defende uma hipótese que em sua exposição resulta absolutamente convincente. As ideias não têm nenhuma pátria verdadeira na Terra [...]. Uma proeza não tem por que perder sua validade devido ao fato de outro a ter sonhado antes. Que Moisés, o real, o corporal, tenha sido desta ou daquela estirpe não empequenece nem a figura do criador que transmitiu a humanidade o monoteísmo como problema nem a do povo que, a partir de sua língua e seu espírito, o converteu em uma ideia de vigência mundial. Para mim, esta obra, aparentemente secundária, está estreitamente associada a seu ser, sendo uma das provas mais belas de sua ou-sadia espiritual e de sua firmeza humana [...].
Stefan Zweig (ZWEIG, [1938] 2004, p. 59).

Freud fez uma “escavação” do passado histórico do homem Moisés e, – a partir de certos indícios: o nome de origem egípcia, a tradição da circuncisão também egípcia e o monoteísmo do faraó egípcio Aquenáton –, concluiu que o arauto judeu deveria ter sido, obviamente, um estrangeiro. Ele percebeu que há furos nos relatos bíblicos, supôs a existência de dois Moisés: o primeiro é o egípcio legislador, irritadiço; o segundo o midianita, o feiticeiro que é aquele que ouve a voz na sarça ardente.

Não podemos discutir a impressão de que esse Moisés de Cades e Madiã, a quem a tradição

y de su firmeza humana [...].
Stefan Zweig (ZWEIG, 2004, p. 59).

podia realmente atribuir o erguimento de uma serpente de metal como um deus da cura, é alguém inteiramente diferente do aristocrático egípcio por nós inferido, que apresentou ao povo uma religião em que toda a magia e todos os encantamentos eram proscritos nos termos mais estritos. Nosso Moisés egípcio não é menos diferente, talvez, do Moisés madianita do que o deus universal Aten ou do demônio Javé em sua morada no Monte de Deus. (FREUD, [1939] 1996, p. 22).

Na análise freudiana, os dois Moisés eram um só. Tal como no sonho, a história de Moisés foi deslocada e condensada para esconder um saber que não deveria ser revelado. O primeiro Moisés foi assassinado pelos seus fiéis.

Moisés, o fundador da religião dos judeus, encontrou um final violento num levante de seu povo refratário e obstinado, ao mesmo tempo que a religião por ele introduzida era repudiada. [...] Ao fim do cativeiro babilônico, surgiu entre o povo judeu a esperança de que o homem que fora tão vergonhosamente assassinado retornasse dentre os mortos e conduzisse seu povo cheio de remorso, e talvez não apenas esse povo, para o reino da felicidade duradoura (FREUD, [1939] 1996, p. 22).

Desta forma, ele diferenciou dois tipos de tradições: a primeira é advinda da memória consciente de um povo; a segunda, mais reveladora, seria a tradição herdada inconscientemente, na qual ele encontrou a força da tradição judaica.

Freud põe em jogo esta descoberta até nas suas consequências últimas e para lá da psicanálise do indivíduo. Na sua opinião, a história da cul-

tura deve confirmá-la. [...] a eficácia do retardamento e da extemporaneidade cobre amplos intervalos históricos [...]. O problema da latência comunica aí, alias de maneira muito significativa, com o da tradição oral e da tradição escrita [...] (DERRIDA, 2005, p. 189).

O judaísmo é uma religião com mais de dois mil anos, sendo transmitido através de seus “restos inconscientes” deste trauma herdado, juntamente com o conseqüente sentimento inconsciente de culpa compartilhado.

Refletindo mais, tenho de admitir que me comportei, por longo tempo, como se a herança de traços de memória da experiência de nossos antepassados, independentemente da comunicação direta e da influência da educação pelo estabelecimento de um exemplo, estivesse estabelecida para além de discussão. Quando falei da sobrevivência de uma tradição entre um povo ou da formação do caráter de um povo, tinha principalmente em mente uma tradição herdada desse tipo, e não uma tradição transmitida pela comunicação. Ou, pelo menos, não fiz distinção entre as duas e não me dei claramente conta de minha audácia em negligenciar fazê-lo (FREUD, [1939] 1996, p. 63).

Neste escrito, assim como em *Além do Princípio do Prazer*, Freud trabalhou um conceito caro à psicanálise e também aos estudos literários atuais: o trauma. Interessante que o pensador Walter Benjamin também sugere uma teoria da história como trauma. Ambos foram contemporâneos.

[...] a obra de Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*, e a teoria psicanalítica de Freud são, para Benjamin, os dois grandes modelos da

tentativa de estabelecer uma nova relação com o passado e com a memória, não só no que diz respeito ao passado individual e singular, mas também ao passado histórico de um povo ou de uma nação, e até da própria humanidade (GAGNEBIN, 2014, p. 238).

Assim como para o psicanalista, para Benjamin, a história é formada por vários eventos traumáticos, e não por narrativas racionais, exaustivamente transmitidas conscientemente. “A tradição dos oprimidos ensina-nos que o estado de exceção em que vivemos é a regra. Temos de chegar a um conceito de história que corresponda a essa ideia” (BENJAMIN, 2013, p. 13). O fator basal que Benjamin atribuiu para a perda da capacidade de narrar é a Primeira Guerra, da qual os soldados voltavam vazios de experiências para contar. “Onde é que se encontram ainda pessoas capazes de contar uma história como deve ser? Haverá ainda moribundos que digam palavras tão perduráveis, que passam como um anel de geração em geração? (BENJAMIN, 2013, p. 85). Ao analisar o quadro *Angelus Novus* do pintor suíço Paul Klee, Benjamin esclarece a dimensão das catástrofes na história:

Há um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece preparar-se para se afastar de qualquer coisa que olha fixamente. Tem olhos esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Voltou o rosto para o passado. A cadeia de fatos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e lhas lança aos pés. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstituir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já

não as consegue fechar. Esse vendaval arrasta-o imparavelmente para o futuro, a que ele volta as costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até o céu. Aquilo a que chamamos o progresso é este vendaval (BENJAMIN, 2013, p. 14).

Assim como Freud percebeu que o traumático é da ordem de um excesso que não pode ser assimilado naquele exato momento, Benjamin também fez esta análise através de seus escritos, como pudemos ver anteriormente. Afinal, os soldados voltavam do *front* vazios de experiência. Enfim, as cartas escolhidas para serem analisadas neste capítulo levaram-nos ao conceito de trauma na psicanálise e suas implicações.

CAPÍTULO IV

O TRAUMA COMO FURO NA REPRESENTAÇÃO

4.1. LITERATURA DE TEOR TESTEMUNHAL

Se os gregos inventaram a tragédia, os romanos a epístola e a Renascença o soneto [...] nossa geração inventou uma nova literatura, aquela do testemunho (FELMAN, Shoshana, 2000, p. 18).

Vários foram os atos, em grande escala, de violência no século XX. A título de exemplo: Primeira Guerra Mundial; Segunda Guerra Mundial; Ditaduras Militares; Revolução Russa, Cubana e Chinesa; Guerra do Vietnã; dentre tantas outras atrocidades. Como salienta Ginzburg: “o genocídio não é uma exceção da política moderna, é uma de suas práticas ordinárias” (GINZBURG, 2012, p. 14). Logo, em face dessas circunstâncias, a literatura de teor testemunhal indaga sobre a representatividade dessa violência na escrita. Questiona-se sobre os limites da palavra.

Se o século XX foi nomeado como a era das catástrofes, com grandes populações sendo aniquiladas, várias revoluções armamentistas, o século XXI também pode ser caracterizado como a era da violência. Violência praticada em nome de uma ideologia religiosa; até mesmo a arte é colocada em cena e atacada neste cenário – basta lembrarmos do episódio do jornal francês Charlie Hebdo, ocorrido em Paris no ano de 2015. Não suficiente, quantas mulheres e crianças são mutiladas e mortas nos governos autoritaristas africanos? Não acaba por aí, lembremos da ditadura norte-coreana e suas constantes ameaças nucleares. Para sairmos um pouco do

“lá”, lembremos do “aqui”; quantos jovens negros são mortos no Brasil? Quantas mulheres são mortas pelos seus próprios “companheiros”? Essa é nossa cultura atual, conforme afirma Seligmann-Silva: “ao lado do conceito de alienação, o trauma se tornou indispensável para entender o indivíduo moderno” (SELIGMANN-SILVA, 2015, p. 47).

Assim, esse tipo de literatura aposta em uma via alternativa de história, isto é, posto que os metadiscursos estejam falidos desde o século XX, por que não creditar os pequenos relatos? Dar voz às minorias, a história não deve mais ser compreendida como um grande livro escrito por grandes gênios e conquistadores, mas uma imensa e complexa teia de pequenos testemunhos.

Se a dimensão antropológica da narração, a necessidade de narrar, persiste na contemporaneidade, sua realização se torna, porém, cada vez mais problemática. [...] A ‘literatura do trauma’, sobretudo depois da Shoah, é o exemplo máximo de tal aporia, pois nela coexistem a premência do relato, a necessidade da transmissão daquilo que não pode ser esquecido, e a impossibilidade de conseguir dizê-lo (GAGNEBIN, 2014, p. 226).

A narração está intrinsecamente ligada à memória individual-coletiva e a questões políticas, de poder. “É natural e óbvio que o material mais consistente para a reconstrução da verdade sobre os campos seja constituído pelas memórias dos sobreviventes. À parte a piedade e a indignação que suscitam, elas devem ser lidas com olho crítico” (LEVI, 1990, p. 4). Afinal, emudecer o oprimido sempre foi uma das principais formas de violências praticadas pelo opressor. A pesquisadora e coordenadora do Laboratório dos Estudos Judaicos, Kênia Maria de Almeida Pereira, afirma:

Para o autor (Zweig e seu livro autobiográfico: *O mundo que eu vi*), narrar sua existência atribulada e ter sido testemunha das atrocidades da I e II Guerras Mundiais, representam mais que registrar um triste passado. Para Zweig, registrar suas memórias é colocar-se na posição de porta voz de uma geração inteira que foi irremediavelmente marcada pela tragédia (PEREIRA, 2011, p. 1).¹

Segundo Primo Levi (1998), um dos oficiais nazistas dizia jocosamente: mesmo no caso de derrota na Guerra, ninguém acreditará no que vocês dirão. Assim, o sobrevivente do encontro traumático encontra-se em uma situação paradoxal: narrar como dever, não deixar o algoz triunfar em meio ao silêncio e a impossibilidade de narração perante o trauma produzido. Neste sentido, Seligmann-Silva defende:

É preciso que cada documento da barbárie seja recuperado, estudado, criticado, entendido, conservado, arquivado, publicado e exposto, de forma a tornar a história uma forma presente de resistência e de registro digno dos mortos, muitos sem nome conhecido e sem túmulo (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 16).

Não devemos nos esquecer que aqueles que viveram inteiramente a violência dos campos de concentração, das ditaduras e das revoluções não puderam testemunhar, isto é, o testemunho que nos chega é sempre parcial, incompleto, faltoso em todos os sentidos. Conforme

¹- Para el autor (Zweig e seu livro autobiográfico: *O mundo que eu vi*), narrar su existencia atribulada y el haber sido testigo de las atrocidades de la I e la II Guerras Mundiales, representa más que registrar un triste pasado. Para Zweig, registrar sus memorias es colocarse en la posición de porta voz de una generación entera que fue irremediabilmente marcada por la tragedia (PEREIRA, 2011, p. 1).

afirma Levi (1990, p. 47): “Repito, não somos nós, os sobreviventes, as autênticas testemunhas”. Vários “sobreviventes” da *Shoah*,² em seus testemunhos, colocam a mesma questão: a impossibilidade de se falar sobre suas vivências traumáticas. Primo Levi diz: “pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem” (LEVI, 1998, p. 25).

Em uma das cartas de Zweig a Freud, ele disse sobre a não possibilidade de representação deste Mal em si mesmo:

Langham 3693³
15 de nov. de 1937

²- “Holocausto é a transcrição douda do latino *Holocaustum*, que por sua vez, traduz o termo grego *Holókaustos* (um adjetivo que significa literalmente todo queimado; o substantivo grego correspondente é *holokaústoma*). A história semântica do termo é essencialmente cristã, pois os padres da Igreja serviram-se dele a fim de traduzirem – na verdade sem muito rigor e coerência – a complexa doutrina sacrificial da Bíblia (especialmente dos livros do Levítico e dos Números). [...]. Da vulgata, o termo *Holocaustum* passa aos padres latinos, que usam o termo, nos numerosos comentários do texto sagrado, sobretudo para indicar os sacrifícios dos Hebreus [...]. Importa aqui sobretudo chamar a atenção para dois fatos. O primeiro, de que o termo, no sentido próprio, é precocemente usado pelos padres como arma polêmica contra os Hebreus, a fim de condenarem a inutilidade dos sacrifícios cruentos [...]. O segundo, de que o termo é extensivo, por metáfora, aos mártires cristãos, com o objetivo de equiparar o seu suplício a um sacrifício. [...] no caso do termo holocausto, estabelecer uma vinculação, mesmo distante, entre Auschwitz e o olah [correspondente ao termo *Holocaustum*] bíblico, e entre a morte nas câmaras de gás e a entrega total a causas sagradas e superiores não pode deixar de soar como uma zombaria. O termo não só supõe uma inaceitável equiparação entre fornos crematórios e altares, mas acolhe uma herança semântica que desde o início traz uma conotação antijudaica” (AGAMBEN, 2008, p. 40).

³- Langham 3693
15 de nov. de 1937
49, Hallam Street

49, Hallam Street
Londres, W. 1

Querido e respeitado professor:

[...] Não consigo dizer ao senhor o sofrimento que estes tempos que vivemos me provocam. Um deus terrível me concedeu o dom de prever muitas coisas, e o que agora está acontecendo, meus nervos já o sentiam há quatro anos. Se eu não estivesse vivendo aqui [Londres], não teria podido trabalhar [...] (ZWEIG, [1937] 2004, p. 56).

Assim como já ressaltamos em uma das análises anteriores, Zweig diz ter sofrido duplamente face ao nazismo: a primeira pelo seu pressentimento da catástrofe e a segunda com a infeliz realização deste pesadelo. Um *déjà-vu* com relação ao terror da Segunda Guerra.

Percebe-se que a *Shoah* coloca-nos frente a um novo paradigma. O escritor sentiu um impulso, um dever de relatar suas experiências, todavia, este se deu conta de que isso era impossível. Segundo Blanchot, “[...] já não é permitido calar-se. Você deve falar (ainda que falar sempre tenha feito demasiado ou demasiadamente pouco sentido). Mal tendo tomado essa decisão, regressa o você deve calar-se [...]” (BLANCHOT, 2011, p. 18). A palavra não consegue abarcar toda a barbaridade desse episódio, o real não é passível de simbolização.

É interessante notar que, neste cenário, o pensador Theodor Adorno declarou que não seria mais possível fazer poesia após Auschwitz, afinal como pensar em trabalhar

Londres, W. 1

Querido y respetado profesor:

[...] No soy capaz de decirle el sufrimiento que me provocan los tiempos que vivimos. Um dios terrible me concendió el don de prever muchas cosas, y lo que ahora está pasando lo sentían mis nervios desde hace cuatro años. Si no hubiera vivido aquí [Londres], no hubiera podido trabajar [...]. (ZWEIG, 2004, p. 56).

com as artes após tamanha barbárie humana? Todavia, na contramão de seu pensamento, Primo Levi também se pergunta, se realmente faz sentido tentar introduzir no mundo simbólico tamanha violência e, diferentemente do primeiro, conclui: apesar da dor sentida, ao narrar tamanhas atrocidades, é graças ao fato de conseguir colocar algo deste real no discurso, transformá-lo em simbólico que o sujeito inicia seu religamento ao mundo.

4.2. O EXCESSO INASSIMILÁVEL

*Tanto a violência do passado (trauma) como a do presente
(choque)
e a do futuro (apocalipse) nos rondam como um fantasma
tricéfalo da catástrofe (SELIGMANN, SILVA, 2015, p. 35).*

Até meados da primeira tópica freudiana, inconsciente, consciente e pré-consciente,⁴ Freud trabalhou com o deciframento de uma verdade das históricas, isto é, ainda se estava no campo da interpretação da fala, de um desejo oculto. Entretanto, as consequências durante e depois da Primeira Guerra Mundial geraram uma reviravolta nesse cenário hermenêutico. Como interpretar o trauma causado pela guerra aos soldados que conseguiram voltar do *front*? Estes, frequentemente, eram tomados por pesadelos, *flashbacks*, reminiscências da guerra. Em 1920, Freud publicou um de seus textos mais controversos e inovadores, o artigo *Além do princípio do prazer [Jenseits des Lustprinzips]*, no qual definiu o trauma como uma ruptura no escudo protetor do aparelho psíquico, que pode ser causado por uma grande carga de estímulos endógenos ou exógenos.

Esse excesso de estímulos excede a capacidade de assimilação do nosso aparelho psíquico, é devido a este

4- Na ordem: Das unbewusst, das bewusst und das vorbewusst.

sobressalto que nos assustamos, entramos em choque. Portanto, o *eu* não consegue prontamente uma representação para o evento. Há um contrassenso: não é possível representar diante deste excesso intraduzível. Surge então o fenômeno da repetição, começam os sonhos traumáticos, *flashbacks* etc. A repetição, por sua vez, é uma tentativa do aparelho psíquico de lidar com este material que não foi representado.

Se há uma memória do trauma, esta não passa pela via da representação, então, como se forma? Segundo Freud, no processo onírico ocorre um movimento regressivo, nossos pensamentos se transformam em imagens sensoriais, contudo, a ordem normal é a oposta. Nossos pensamentos são, na verdade, uma elaboração de percepções visuais que são conseqüências dos estímulos causados no aparelho psíquico (ANTONELLO; GONDAR, 2014). Assim, temos que a compulsão à repetição causada pelo trauma é uma vicissitude da não representação de certo evento e, como tal, este não é inscrito, não se torna possível representá-lo como um pensamento, porém, sua literalidade fotográfica, sua imagem, é retida em nosso aparelho psíquico. Nas palavras de Seligmann-Silva (2008, p. 69): “[...] o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa”.

A partir destas considerações, tecidas até aqui, analisemos outro fragmento da correspondência:

Langham 3693⁵
15 de nov. de 1937
49, Hallam Street
Londres, W. 1

5- Langham 3693
15 de nov. de 1937
49, Hallam Street
Londres, W. 1

Querido y respetado profesor:

[...] A decir verdad, el libro que habría que escribir es la tragedia del judaísmo, pero me temo que la realidad, llevada a su máxima intensidad, llegará a superar nuestras fantasías más temerárias.

Querido e respeitado professor:

[...] Para dizer a verdade, o livro que eu deveria escrever é a tragédia do judaísmo, mas temo que a realidade levada à sua máxima intensidade chegará a superar nossas fantasias mais temerosas.

[...] Respeitosa e fielmente seu,

Stefan Zweig (ZWEIG, [1937] 2004, p. 56).

Não suficiente, em seu livro autobiográfico, Stefan Zweig diz: “deveria ter um jornal, uma grande revista (Europa não conta) à nossa disposição. Nós não nos ouvimos [judeus]. Necessitamos de um megafone nesta época de barulho” (ZWEIG, 2014, p. 40). Portanto, se o trauma é algo inassimilável, um evento que o aparelho psíquico não consegue lidar, como podemos ler estes trechos citados de Zweig, por que essa insistência de dizer sobre o irrepresentável?

Ainda no texto *Além do princípio do prazer*, Freud apresentou uma pequena história. Seu neto pequeno, ao ficar em casa com o psicanalista, jogava e puxava um carretel preso por um barbante. Quando jogava o brinquedo, a criança gritava “ô...ô...ô” e, quando puxava de volta, gritava “dá...dá... dá”, e se alegrava com o retorno do brinquedo. Ele percebeu que, ao balbuciar “ô...ô...ô”, a criança estava dizendo *Fort*, que significa fora, ausente, ir embora; por sua vez, ao pronunciar “dá...dá...dá”, estava pronunciado aqui, em alemão. Ele intuiu que o jogo era uma forma de o garoto elaborar a ausência da mãe. Ao conseguir transformar a cena angustiante em lúdico, a criança conseguia sair de sua condição de passividade e passaria a uma condição ativa. “Ele se achava numa situação passiva, foi atingido pela vivência e, ao repeti-la como jogo, embora fosse desprazerosa, assumiu um papel ativo” (FREUD, [1925] 2011, p. 173).

Desta maneira, quando Zweig, Levi, dentre tantos

[...] Respetuosa y fielmente suyo,
Stefan Zweig (ZWEIG, 2004, p. 56).

outros, discorreram sobre um dever de narrar sua vivência traumática, era isto que estava em jogo: uma tentativa do sujeito de se apropriar de algo que ainda era da ordem do imperativo, da imagem traumática que não cessa. “Nessa modalidade literária [Literatura de Teor Testemunhal], podemos perceber mais claramente a inversão de uma posição passiva para uma posição ativa diante do trauma, sendo essa experiência ativamente revivida pela via da escrita” (ANTONELLO; GONDAR, 2014, p. 100). A partir do momento que esse traumático é posto no discurso, o sujeito, que até então era “assujeitado” por este exterior/interior inassimilável, consegue certa ordenação desse caos afetivo. Além disso, Lacan seguiu as pistas deixadas por Freud:

O trauma, enquanto tem ação recalcante, intervém *só depois nachträglich*. Naquele momento, algo se destaca do sujeito no próprio mundo simbólico que ele começa a integrar. Daí por diante, aquilo não será mais algo do sujeito. O sujeito não o falará mais, não o integrará mais. Não obstante, ficará lá, em alguma parte, falado, se é que se pode dizer, por algo de que o sujeito não tem o controle (LACAN, [1953-54] 2009, p. 222).

Ele teorizou, juntamente com o conceito de trauma, os três registros: Real; Imaginário e Simbólico. Todavia, o imaginário não corresponde à imaginação, o simbólico ao simbolismo e o real à realidade. Cabe-nos ressaltar que os três registros lacanianos não são conceitos forjados e apresentados em um dado Seminário e ponto, isto é, a tríade laciana foi pensada e trabalhada ao longo de toda sua teorização. O evento traumático, ao escapar do domínio simbólico, produz furos na história do sujeito. “Se a cena (da violência) tem uma repercussão tão grave, é porque ela mostra, a nu, o câncer da linguagem” (BARTHES, 2003, p. 176). Uma vez que o Real é da ordem do impossível, temos acesso a ele por fissuras,

dobras no simbólico.

E quanto às artes, principalmente a literatura, diante dessa impossibilidade de representar, narrar esse mal absoluto? Ora, a literatura e a ficção podem nos auxiliar no enfrentamento desse real traumático que nos invade. Como já dito, o trauma não pode ser representado em sua totalidade, contudo, obviamente há de se fazer tentativas de perlaborações do que for possível. Conforme explica Agamben:

No ano 386 de nossa era, João Crisóstomo compõe em Antioquia o seu tratado *Sobre a incompreensibilidade de Deus*. Ele tinha diante de si adversários que defendiam que a essência de Deus podia ser entendida, pois tudo o que Ele sabe de si, nós o encontramos facilmente também em nós. Ao sustentar vigorosamente, contra eles, a absoluta incompreensibilidade de Deus, que é indizível (*arrhetos*), inenarrável (*anekdiégetos*) e indescritível (*anepigraptós*), João Crisóstomo sabe muito bem que precisamente isso constitui o melhor modo para glorificá-lo (*doxan didonai*) e para adorá-lo (*proskýein*). Aliás, mesmo para os anjos, Deus é incompreensível; mas, tanto melhor, pois graças a isso podem prestar-lhe glória e adoração, elevando sem cessar seus místicos cantos. Às legiões de anjos, João contrapõe os que procuram inutilmente entender: Aqueles (anjos) dão glória, estes esforçam-se por conhecer; aqueles adoram em silêncio, estes afanam-se; aqueles desviam os olhos, estes não se envergonham de manter fixo o olhar na glória inenarrável. O verbo que traduzimos por adorar em silêncio é, no texto grego, *euphemein*. Desse temo, que significa originalmente observar o silêncio religioso, deriva a palavra moderna eufemismo, que indica os termos que substituem

outros que, por pudor ou boas maneiras, não podem ser pronunciados. Dizer que Auschwitz é indizível ou incompreensível equivale a *euphemein*, a adorá-lo em silêncio, como se faz com um deus; significa, portanto, independente das intenções que alguém tenha, contribuir para sua glória (AGAMBEN, 2008, p. 42).

Isto posto, calar-se face à intraduzibilidade total do evento traumático pode desembocar no famigerado pesadelo de Levi, no qual sonha que, ao contar sobre suas experiências no campo de concentração, as pessoas saiam do local, ou seja, temos a representação do silenciar absoluto. Com a ajuda da ficção, do poeta, devemos trabalhar as marcas deixadas pela cicatriz que não fecha e não cessa, na tentativa de dar suporte no processo de significação do sujeito. Conforme afirma Ginzburg:

Pode a literatura fazer alguma coisa contra a violência? Este livro defende que sim. Enfaticamente, na verdade. A convivência com a literatura permite criar um repertório de elementos – imagens, ideias, posições, relatos, exemplos – que interessa para a constituição de orientações éticas individuais e coletivas (GINZBURG, 2012, p. 106).

Frente a esse real que de tanta realidade nos sufoca, somente a ficção pode e deve nos auxiliar em sua elaboração. A literatura tem papel fundamental nessa árdua empreitada contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta escrita, percebemos que a correspondência é um tesouro para investigações acerca dos mais diversos aspectos. No caso específico deste livro, as missivas revelaram: o desenvolvimento da amizade entre Stefan Zweig e Sigmund Freud; os pequenos momentos em que houve mal-entendidos; a “trajetória” de algumas teorizações freudianas; os comentários de Freud acerca das obras de Zweig; e alguns trechos com explicações sobre a Segunda Guerra Mundial, o exílio e o antisemitismo. Logo, podemos dizer que a vida e as epístolas confundiram-se em vários momentos.

A carta assume uma intensidade de compor no papel aquilo que fazemos em nosso cotidiano: o exercício do diálogo, do endereçamento, da parceria, da conexão, das zonas de vizinhança que nos tiram de uma condição de apenas relatores solipsistas de conhecimento para uma relação imanente ao pensamento – o outro. [...]. A carta apresenta um caráter de indiscernibilidade entre escrita e vida (BERNARDES; TAVARES; MORAES, 2014, p. 9).

As missivas se constituíram em um valioso material de pesquisa que nos proporcionaram a possibilidade de adentrarmos na rede de relações construídas entre os dois intelectuais. Para esta compreensão maior, mais contextualizada de ambos, as cartas foram de extrema importância, pois nos revelaram sutilezas, pequenos detalhes, desconhecidos do público geral e, muitas vezes, até mesmo de “especialistas”. Quiçá, esta pesquisa de suas correspondências, Zweig/Freud, oferecerá a futuros pesquisadores subsídios para novas interpretações de determinados aspectos das obras destes intelectuais, afinal, tivemos maior contato com

seu contexto social, seus exílios, amizades, questões teóricas etc.

Tal como afirmado por Lacan em seu texto sobre a carta roubada, citado neste livro, percebemos que a letra/carta, após sua escritura, pode engendrar toda uma gama de acontecimentos, encontros e desencontros, sobre os quais quem a escreveu já não tem o menor controle. Apesar de ter um destinatário, o percurso da letra/carta e suas vicissitudes é imprevisível. Nesse sentido, a carta põe os sujeitos em movimento e não o contrário.

Várias implicações teóricas da psicanálise foram frequentemente debatidas e diversos textos de Zweig foram analisados por Freud em plena correspondência. No momento que abrimos uma carta, ou discutimos correspondências, adentramos no âmbito mais íntimo do escritor, e, obviamente, tal intimidade muito nos pode auxiliar a entendermos diversas nuances, inclusive, trazer à tona novas descobertas, até então, inimagináveis.

A leitura de cartas escritas aos companheiros de letras e familiares, bem como a de diários íntimos e entrevistas, tem pelo menos dois objetivos no campo duma nova teoria literária. Visa enriquecer, pelo estabelecimento de jogos intertextuais, a compreensão da obra artística (poema, conto, romance...), ajudando a melhor decodificar certos temas que ali estão dramatizados, ou expostos de maneira relativamente hermenêutica [...] (SANTIAGO, 2006, p. 63).

Nesse sentido, pela abrangência de uma epístola, que contem em si, enquanto potência, desde situações cotidianas até reflexões mais densas, podemos dizer que não cabe à carta um lugar fixo, ela passeia entre limites textuais, contendo assim elementos narrativos, argumentativos, ensaísticos etc. Tal como percebemos ao longo deste livro, foi exatamente este o cenário esboçado. Analisamos desde missivas com assuntos

cotidianos sobre encontros com amigos até complexas discussões teóricas.

A correspondência trocada entre Zweig/Freud nos fez refletir sobre a não exclusividade comunicativa da carta, sendo assim muito mais ampla, acolhendo as mais diversas possibilidades de discussões, tornando-se um verdadeiro “laboratório de experimentação”.

Dessa forma, a carta poderia ser utilizada para fins literários, ou seja, ela se tornaria laboratório de experimentação estética e narrativa, espaço de discussão sobre obras literárias e seu contexto discursivo e ainda seria um gênero híbrido – carta-ensaio, carta-poema, dentre outros (MOISÉS, 2013, p. 41).

Assim como tubos de ensaio, microscópios e centrífugas são de grande auxílio em qualquer laboratório de ciências exatas, biológicas etc., na área de humanas, nosso laboratório pode e deve contar com as correspondências. Abrir mão deste material para análise é desconsiderar a contextualização, menosprezar o aspecto singular da escrita epistolar e desperdiçar uma fonte rica de informações que, na maioria das vezes, não se encontra nos textos publicados.

Ademais, percebemos, pela análise da correspondência, que Zweig utilizou-se sobremaneira da psicanálise em seus escritos; o escritor buscava, de certa forma, trazer o inconsciente para o âmbito do romance. Conforme afirma Dines, “suas novelas vendem sucessivas edições graças aos toques psicológicos assimilados no convívio com Freud e cuja biografia fez o primeiro contato do grande público brasileiro com os mistérios da psique” (DINES, 2012, p.35). Tantos escritos de teor psicológico demonstram sensibilidade e acuidade psicológica por parte de Zweig, um desejo constante de escrever sobre os obscuros conflitos humanos. Freud percebeu esta visão no amigo e reconheceu neste um companheiro de estudo da alma humana; dois estudiosos que

visam o mesmo objeto por caminhos diversos. Não diferente foi Freud com a literatura de Zweig, ele utilizou do livro *24 horas na vida de uma mulher* em seu texto *Dostoiévski e o parricídio* para expor sua argumentação sobre a jogatina como um retorno à masturbação infantil.

A correspondência deixa claro que Zweig o respeitava muito, também pela sua idade, mas, principalmente, pela sua coragem em desnudar a natureza humana “sem rodeios”. Em carta a outro Zweig, o escritor romancista Arnold Zweig:

A Arnold Zweig¹

Londres, 30.XII 1937

[...] Freud foi uma consolação. Sempre a mesma força de espírito e com ela uma doçura que veio a ele com a idade (ZWEIG, [1937] 2008, p 259).

Não são raros os momentos que Freud elogia as obras zweiguerianas e compara o trabalho do escritor ao do psicanalista. Claro que, como toda relação que dura décadas, percebemos, em suas cartas, que houve momentos de pequenos desentendimentos, todavia, é perceptível que foram logo superados.

Ambos pensadores estudados ao longo dessa investigação, além de diversos teóricos que utilizamos como suporte partilharam da mesma língua materna, o alemão. Mas, muitas vezes, lê-se que a academia brasileira, a *intelligentsia*, é, maiormente, orientada pelo pensamento francês, pela Filosofia e Sociologia de língua francesa. É interessante observar que, quanto ao século XX, essa dita tradição não é tão sólida como se poderia pensar.

¹- A Arnold Zweig

Londres, 30.XII 1937

[...] Freud était une consolation. Toujours la même force d’esprit, et avec cela une douceur nouvelle qui ne lui est venue qu’avec l’âge (ZWEIG, 2008, p. 259).

Talvez não seja exagero dizer que, no Brasil do século XXI, o pensamento alemão do século XX, com todas as suas rupturas e contradições, se sente em casa. Essa estranha familiaridade, conquistada pouco a pouco durante o último século, pode ser percebida no modo como a universidade brasileira, antes dominada pela forte influência francesa, passou a incorporar vários autores alemães como referência obrigatória em diversos campos do saber, da sociologia à psicanálise, da filosofia à crítica literária (BADER, 2013, p. 9).

Não se trata aqui de querer estabelecer este ou aquele país como principal modelo intelectual para nós brasileiros; não nos cabe tal tarefa. Somente colocamos em questão o quanto o pensamento de língua alemã teve importância no Brasil e no mundo, principalmente, a partir do século XX.

A Alemanha encontra-se no centro da história do século XX, afirma o historiador inglês Eric Hobsbawm. Com razão, pois a Alemanha, como nenhum outro país europeu nesse século, foi o ponto de interseção de diversos processos históricos universais: a Primeira Guerra Mundial, o nacional socialismo, a Segunda Guerra Mundial, a divisão do país na linha de frente dos grandes blocos antagonistas da Guerra Fria, a reunificação em meio a uma situação mundial marcada pela crescente globalização (BADER, 2012, p. 9).

Temos autores de língua alemã que não só foram respeitáveis em suas respectivas áreas do conhecimento, mas que marcaram a própria história do pensamento ocidental. A título de exemplo: Karl Marx e o Marxismo; Albert Einstein e a Teoria da Relatividade Geral; Hannah Arendt e a Teoria Política; Sigmund Freud e a Psicanálise; Max Weber e a

Sociologia; a conhecida e ainda influente Escola de Frankfurt com: Theodor Adorno, Walter Benjamin, Jürgen Habermas, dentre outros. Ademais, lembremos a tradição alemã na filosofia, com nomes como: Immanuel Kant, Friedrich Nietzsche e Friedrich Hegel, apenas pra citar alguns. Não é por acaso que Caetano Veloso nos advertiu, ironicamente, em sua música *Língua*: “está provado que só é possível filosofar em alemão”.

Paradoxalmente, grande parte desse interesse pelo pensamento e pela literatura alemã se deve aos acontecimentos políticos mais trágicos do século XX. O próprio Stefan Zweig deixa isso claro no fechamento de uma carta ao editor americano Ben Huebsch:

A Ben Huebsch²
11, Portland Place
Londres W.
Londres, 6 novembre 1933
[...] * Na Europa, nós nunca tivemos paz,
e sempre foi a Alemanha a causa. (ZWEIG,
[1933] 2008, p. 84).

Assim, concluímos que as missivas, principalmente a partir da década de 1930, nos revelam um mundo que caminhava para o terror, um mundo que, alguns anos antes, era tido como o mais desenvolvido intelectual e tecnologicamente. Zweig, Freud, Hitler, dentre tantas outras personalidades importantes do século XX, caminharam pelas ruas de Viena, capital da música, dos cafés acompanhados de debates filosóficos, tamanha importância desta cidade ímpar, que ainda hoje se estuda o seu efervescente clima cultural.

²- Ben Huebsch
11, Portland Place
London W.
Londres, le 6 novembre 1933
[...] * En Europe, on n'a jamais la paix, et c'est toujours l'Allemagne qui en est la cause (ZWEIG, 2008, p. 84).

Paradoxalmente, foi justamente em Viena que Hitler iniciou em sua ideologia antisemita. Foi em um dos maiores clarões de esclarecimentos da humanidade que o feixe de sombras se anunciou. Por meio da correspondência, torna-se claro o paulatino aparecimento do horror da guerra, a tragédia anunciada.

Quão paradoxal e conflituosa foi a situação destes judeus exilados: pensar, escrever e ler em alemão, contudo, seus livros não puderam mais ser publicados nesta língua. Não podiam mais falar este idioma em outro país ou compartilhar com a política alemã. Todos seus livros, coleções, anotações, tudo foi deixado para trás. Neste sentido, foi necessário partir, renovar, e isso já na maturidade. Tanto Zweig quanto Freud não eram mais adolescentes aventureiros, nesta época, o primeiro já estava com mais de 50 anos de idade e o segundo era um octogenário. Vários exilados nessas condições sofreram um processo de pauperização, tornaram-se melancólicos e cometeram suicídio. Stefan Zweig foi apenas o mais “notório” dentre estes, pois muitos judeus “anônimos” passaram pelo mesmo processo melancólico e também decidiram tirar a própria vida.

Pela leitura de suas biografias, Zweig e Freud, ficou evidente que ambos se sentiram culpados por conseguirem escapar do terror nazista, enquanto vários pereceram. No caso específico de Freud, este perdeu irmãos em campos de concentração. Além disso, ambos recorreram ao mesmo método para aliviar esta “dor de sobrevivência”: a entrega aos seus trabalhos. Zweig escrevia duas, três obras ao mesmo tempo e Freud “mergulhou de cabeça” na escrita de seu Moisés.

Zweig e Freud, ambos exilados, têm seus livros queimados pela “nova inquisição”, compartilham interesses literários e psicológicos, são ligados à cidade de Viena e à fatídica interferência de Hitler em suas vidas. Deste modo, esses indivíduos compartilham o suicídio³ como último

³- Freud combinou com seu médico particular, Schur, que, quando viver

recurso metafórico. Segundo o escritor e filósofo francês Albert Camus, em seu livro *O mito de Sísifo* [*Le mythe de Sisyphe*], o suicídio é o único problema filosófico por excelência, essa é a questão basal da filosofia (CAMUS, 2010). Ora, de certa maneira, tal como defende Clóvis de Barros Filho, a própria filosofia nasce de um “suicídio”, pois Sócrates, ao ter a oportunidade de fugir de Atenas, esquivando da pena capital, disse não aos seus discípulos. Além do mais, conforme salienta Blanchot, “para uma humanidade bizarramente destinada a ser imortal, o suicídio seria, talvez, a única probabilidade de permanecer humano, a única saída para um futuro humano” (BLANCHOT, 2011, p. 104). Quiçá, os suicídios de Zweig, de Freud e, inclusive, de Benjamin tenham esse sentido; um “não” peremptório e ético, frente à violência.

Finalmente, essa investigação se pautou em estudar as missivas pelo viés de determinado recorte, seleção, como explicitado no início desta conclusão e sublinhado ao longo de todo o livro. Todavia, cabe-nos ressaltar que esta correspondência pode elucidar muitos outros aspectos. É uma questão de direcionamento do olhar. Esta sucinta investigação não pretende, em momento algum, esgotar este rico *corpus* textual, mas apenas apresentar nosso olhar sobre este material, discutí-lo com base na teoria e, quiçá, fomentar possíveis outras investigações sobre esses dois intelectuais, que, através de suas obras sólidas, sempre se mostram atuais.

não fizesse mais sentido, o médico não o deixaria sofrer. Após conversar com Anna Freud e conseguir seu consentimento, Schur aplicou em Freud, durante alguns dias, doses de morfina, as quais acarretaram no coma e, posteriormente, na morte do Herr Professor (GAY, 2012).

Escrever é conjurar os espíritos, é talvez libertá-los contra nós, mas esse perigo pertence à própria essência do poder que liberta (BLANCHOT, 2011, p. 73).

O psicanalista sabe que trabalha com as energias mais explosivas e que necessita da cautela e da escrupulosidade de um químico. Mas alguma vez se proibiu aos químicos de lidar com materiais explosivos, perigosos, é certo, mas indispensáveis em sua eficácia? (FREUD, 2010, p. 227).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha** (Homo Sacer III). São Paulo: Boitempo, 2008.

ANDRADE, Mauro Cordeiro. A experiência de Freud: escrita e invenção da psicanálise. **Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Faculdade de letras da Universidade Federal de Minas Gerais**. Belo Horizonte, 2008.

ANTONELLO, Diego Frichs; GONDAR, Jô. E quando não há fios lógicos?. **Cadernos Psicanalíticos**. CPRJ, Rio de Janeiro, v. 36, n. 30, jan/jun. 2014.

ARENDT, Hannah. **Compreender, formação, exílio e totalitarismo**. UFMG: Companhia das Letras. 2008.

ARENDT, Hannah. **Origens to totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2012.

BADER, Wolfgang. **O pensamento alemão no século XX: volume 1**. ALMEIDA, Jorge de; BADER, Wolfgang (orgs). Cosacnaify Portátil, 2012.

BADER, Wolfgang. **O pensamento alemão no século XX: volume 2**. ALMEIDA, Jorge de; BADER, Wolfgang (orgs). Cosacnaify Portátil, 2013.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Lisboa, Edições 70, 1983.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BARTHES, Roland. **Variaciones sobre la escritura**. Editorial: Paidós Iberica. 2002

BECK, Knut; BERLIN, Jeffrey B. **Stefan Zweig Correspondance 1932-1942**. Editora Grasset, Paris, 2008.

BERLIN, Jeffrey; LINDKEN, Hans-Ulrich; PRATER, Donald A. Correspondencia con Sigmund Freud In: **Stefan Zweig Correspondencia**: con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler. Editora Paidós Testimonios, Barcelona, 2004.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Walter Benjamin o anjo da história**. 2ª ed, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: **Walter Benjamin o anjo da história**. 2ª ed, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BERNARDES, Anita Guazzelli; TAVARES, Gilead Marchezi; MORAES, Marcia [org.]. **Cartas para pensar políticas de pesquisa em Psicologia**. Vitória: EDUFES, 2014.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BLANCHOT, Maurice. **Uma voz vinda de outro lugar**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BOLAÑOS, Roberto. **Entre paréntesis**. Barcelona: Anagrama, 2004.

BROWN, Craig. **Salvador Dalí desenha Freud**. In: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/07/1488026-salvador-dali-desenha-sigmund-freud.shtml>. Acesso: 7 de nov. 2015.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. São Paulo: Best Bolso, Ed 1. 2010.

CARDOSO, Elizabeth da P; ULRICH, Aline. A arte de escrever cartas. In: **Teresa revista de literatura brasileira [8/9]**. São Paulo 2008.

CEREIJIDO, Fanny Blanck. O olhar sobre o estrangeiro. **Psicanálise e cultura**. São Paulo. 2008.

D'ANGELO, Biagio; SANTOS, Waltecy Alves dos. Violação à intimidade: o gênero epistolar em *A cor púrpura*, de Alice Walker. **IPOTESI**. Juiz de fora, v.13, n.2. jul/dez 2009.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Tradução Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectivas. 2005. (Debates; 49/dirigida por J. Guinsburg).

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade**. Tradução de Antonio Romane; revisão técnica de Paulo Ottoni - São Paulo: Escuta, 2003.

DINES, Alberto. **Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig**. 4. ed., Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

FELMAN, Shoshana. Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino. In: **Catástrofe e representação: ensaios**. NETROVSKI, SELIGMANN-SILVA (orgs.). São Paulo: Escuta, 2000.

FLUSSER, Vilém. **Bodenlos: uma autobiografia filosófica**. Revisão Técnica: Gustavo Bernardo – São Paulo: Annablume, 2007. (Coleção Comunicações).

FREUD, Sigmund, (1920). **Além do princípio do prazer**. In: História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”); além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo. Companhia das Letras, 2010. v. XIV.

FREUD, Sigmund, (1916). **Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica**. In: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo. Companhia das Letras, 2010. v. XII.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos** (1900). Rio de Janeiro: Imago Ed, 2001.

FREUD, Sigmund. **Autobiografia** (1925). In: FREUD, Sigmund. O Eu e o Id, autobiografia e outros textos: volume 16. São Paulo. Companhia das letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Dostoiévski e o parricídio** (1928). In: Arte, Literatura e os artistas. Tradução Ernani Chaves. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

FREUD, Sigmund. Moisés e o monoteísmo (1939). In: FREUD, Sigmund. **Ed. Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XXIII. 1996.

FREUD, Sigmund, (1919). **O inquietante**. In: História de uma neurose infantil [“O homem dos lobos”], além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo. Companhia das Letras, 2010. v. XIV.

FREUD, Sigmund, (1914). **O Moisés de Michelangelo**. In: Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). São Paulo. Companhia das Letras, 2010. v. XI.

FREUD, Sigmund. **O poeta e o fantasiar** (1908). In: Arte, Literatura e os artistas. Tradução Ernani Chaves. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

FREUD, Sigmund. [carta]. Viena, 4 jul. 1908. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans-Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

FREUD, Sigmund. [carta]. Viena, 19 out. 1920. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans-Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

FREUD, Sigmund. [carta]. Viena, 27 out 1922. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans-Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

FREUD, Sigmund. [carta]. Viena, 14 abr 1925. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans-Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

FREUD, Sigmund. [carta]. Londres, 20 jul 1938. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans-Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

FREUD, Sigmund. [carta]. Viena, 7 dez 1911. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans-Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

FREUD, Sigmund. [carta]. Viena, 19 out 1920. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans-Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

FREUD, Sigmund. [carta]. Viena, 4 set 1926. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans-Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

FREUD, Sigmund. [carta]. Viena, 5 nov 1935. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans-Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

FREUD, Sigmund. [carta]. Viena, 4 dez 1929. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans-Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

FREUD, Sigmund. [carta]. Viena, 17 fev 1931. In: **Stefan Zweig Correspondência com Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans- Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

FREUD, Sigmund. [carta]. Londres, 10 jun 1938. In: **Stefan Zweig Correspondência com Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans- Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração**: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (org). **Prezado senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GAY, Peter. A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: **O coração desvelado**. São Paulo: Companhia das letras. 1999.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. (Coleção ensaios e letras).

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo. 2006.

LABARTHE, Philippe Lacoue; NANCY, Jean-Luc. **O mito nazista: o espírito do nacional-socialismo e o seu destino**. Tradução de Márcio Seligmann-Silva, Iluminuras, 2002.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud [1957]. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. Lituraterra [1971]. In: **Outros escritos**. 2003.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud** [1953-1954]. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise** [1954-1955]. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 3: as psicoses** [1955-1956]. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**. Tradução Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LOPES, Silvina Rodrigues. Na margem do desaparecimento. In: **Literatura, defesa do atrito**. Lisboa: Vendaval, 2003.

MANDIL, Ram. **Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce**. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Contra Capa Livraria. Faculdade de Letras UFMG, 2003.

MAZZARI, Marcus Vinicius. **Labirintos da Aprendizagem: Pacto fáustico, romance de formação e outros temas de literatura comparada**. São Paulo: Ed 34. 2010.

MAZZARI, Marcus Vinicius. **Romance de Formação em Perspectiva Histórica: O Tambor de Lata de Günter Grass**. Ateliê Editorial. 1999.

MOISÉS, Patrícia Cristina Biazão Manzato. **Kunst des Briefes - Arte da Carta: um estudo sobre cartas de Stefan Zweig no**

exílio. 2013. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Alemã) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. Memórias de un judio: el mundo visto por Stefan Zweig. **Arquivo Maaravi: Revista digital de estudos judaicos da UFMG**. Belo Horizonte, v. 5 n. 8, mar. 2011.

PONTALIS, Jean-Bertrand. Com Stefan Zweig. In: **Freud com os escritores**. 1 ed. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

REGO, Claudia de Moraes. **Traço, letra, escrita: Freud, Derrida, Lacan**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

RIVERA, Tania. **Guimarães Rosa e a psicanálise: ensaios sobre imagem e escrita**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Retorno á questão judaica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2010.

SANTIAGO, Silviano. **Ora (dizeis) puxar conversa!: ensaios literários**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SANTOS, Lúcia Grossi dos. A experiência surrealista da linguagem: Breton e a psicanálise. **Ágora**. v. V, n. 2, jul/dez 2002.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A cultura como trauma. In: **Revista Cult**, ano 18, setembro de 2015.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Márcio Seligmann-Silva (org). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Para uma filosofia do exílio: A. Rosenfeld e V. Flusser sobre as vantagens de não se ter uma pátria. **Revista Eletrônica do NIEJ/UFRJ**. Ano I – nº 3, 2010.

SOUZA, Edson Luiz André de. _____. In: **Arte, Literatura e os artistas**. Tradução Ernani Chaves. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015

TOLLE, O. _____. In: **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo. 2006.

VASCONCELLOS, Eliane. Intimidade das confidências. In: **Teresa revista de literatura brasileira [8/9]**. São Paulo 2008.

WILLEMART, Philippe. **Proust, Poeta e Psicanalista**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

ZILBERMAN, Regina. Privacidade exposta. In: **Teresa revista de literatura brasileira [8/9]**. São Paulo 2008.

ZWEIG, Stefan. **24 Horas na vida de uma mulher**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Salzburgo, 3 nov 1920. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans- Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Viena, princípios mai 1924. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans- Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Cannes, 18 mar 1927. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans- Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Salzburgo, jun 1933. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans- Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Londres, aproximadamente 10 jul 1938. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans- Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Salzburgo, 8 set 1926. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans- Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Londres, 2 mar 1938. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans- Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Salzburgo, 6 dez 1929. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans- Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Londres, 24 ago 1938. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans- Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Londres, principios jun 1938. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans- Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Estoril, jan/fev 1938. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans- Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Londres, 15 nov 1937. In: **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans- Ulrich; PRATER, Donald A (Org). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Viena, 18 mar 1935. In: **Stefan Zweig Correspondance 1932-1942**. BERLIN, Jeffrey B; BECK, Knut (Org). Paris: Bernard Grasset. 2008.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Salzbourg, 10 jun 1933. In: **Stefan Zweig Correspondance 1932-1942**. BERLIN, Jeffrey B; BECK, Knut (Org). Paris: Bernard Grasset. 2008.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Salzbourg, 27 abr 1933. In: **Stefan Zweig Correspondance 1932-1942**. BERLIN, Jeffrey B; BECK, Knut (Org). Paris: Bernard Grasset. 2008.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Petrópolis, 19 set 1941. In: **Stefan Zweig Correspondance 1932-1942**. BERLIN, Jeffrey B; BECK, Knut (Org). Paris: Bernard Grasset. 2008.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Londres, 6 nov 1933. In: **Stefan Zweig Correspondance 1932-1942**. BERLIN, Jeffrey B; BECK, Knut (Org). Paris: Bernard Grasset. 2008.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Londres, 30 dez 1937. In: **Stefan Zweig Correspondance 1932-1942**. BERLIN, Jeffrey B; BECK, Knut (Org). Paris: Bernard Grasset. 2008.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Montreux, não datada. In: **Stefan Zweig Correspondance 1932-1942**. BERLIN, Jeffrey B; BECK, Knut (Org). Paris: Bernard Grasset. 2008.

APÊNDICE

A tabela abaixo evidencia os números da correspondência entre Stefan Zweig e Sigmund Freud. Vejamos que o ano com maior número de missivas é 1938, os anos de 1911, 1922 e 1927 contam com apenas uma epístola enviada. Não suficiente, interessante notar que no período da Primeira Guerra Mundial, curiosamente, não temos registrada nenhuma missiva de ambas as partes.

ANO	REMETENTE	DESTINATÁRIO
1908	Sigmund Freud	Stefan Zweig
1908	Sigmund Freud	Stefan Zweig
1911	Sigmund Freud	Stefan Zweig
1914 - 1918	1ª Guerra Mundial, não há cartas.	
1920	Sigmund Freud	Stefan Zweig
1920	Stefan Zweig	Sigmund Freud
1922	Sigmund Freud	Stefan Zweig
1924	Stefan Zweig	Sigmund Freud
1924	Sigmund Freud	Stefan Zweig
1924	Stefan Zweig	Sigmund Freud
1924	Sigmund Freud; Anna Freud	Stefan Zweig
1925	Sigmund Freud	Stefan Zweig
1925	Stefan Zweig	Sigmund Freud
1925	Sigmund Freud	Stefan Zweig
1925	Stefan Zweig	Sigmund Freud
1926	Sigmund Freud	Stefan Zweig
1926	Stefan Zweig	Sigmund Freud
1926	Sigmund Freud	Stefan Zweig
1926	Sigmund Freud	Stefan Zweig
1926	Stefan Zweig	Sigmund Freud
1927	Stefan Zweig	Sigmund Freud
1928	Sigmund Freud	Stefan Zweig
1929	Sigmund Freud	Stefan Zweig
1929	Sigmund Freud	Stefan Zweig
1929	Stefan Zweig	Sigmund Freud
1929	Sigmund Freud	Stefan Zweig
1929	Stefan Zweig	Sigmund Freud
1929	Stefan Zweig	Sigmund Freud
1930	Stefan Zweig	Sigmund Freud
1930	Sigmund Freud	Stefan Zweig
1931	Stefan Zweig	Sigmund Freud
1931	Stefan Zweig	Sigmund Freud
1931	Sigmund Freud	Stefan Zweig
1931	Stefan Zweig	Sigmund Freud
1931	Stefan Zweig	Sigmund Freud
1931	Stefan Zweig	Sigmund Freud
1931	Sigmund Freud	Stefan Zweig
1931	Sigmund Freud	Stefan Zweig
1931	Stefan Zweig	Sigmund Freud

ANEXOS

Segue abaixo todas as cartas que foram citadas nesta pesquisa. Todas na íntegra e em seu original, isto é, em espanhol ou francês. Elas foram ordenadas de maneira crescente de acordo com a data contida na missiva. Elas se encontram nos livros: Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler e Stefan Zweig Correspondance 1932-1942.

4-7-08

Viena, IX, Berggasse, 19

Estimado señor:

Muchísimas gracias por su Balzac, que leí de un tirón: el torbellino que usted describe lo arrastra a uno. El hombre encaja bien con usted. No sé cómo era su Napoleón, pero de la pulsión de dominio de ambos se há llevado usted un bueno pedazo, sólo que usted la ejerce en el lenguaje (durante la lectura no podía deshacerme de la imagen de un jinete audaz sobre un noble corcel). Es fácil para mí meterme en sus pensamientos como si fueran viejos conocidos míos.

La tragedia Tersites es muy hermosa, en algunos momentos embriagadora pero, ¿ por qué llevar a este o aquel personaje tan al extremo? ¿ Por qué caricaturizar tanto al héroe que le da título? Es natural que alguien tan realista como yo haga estas preguntas.

Me parece muy bonito por su parte que se moleste en enviarme sus obras y me pregunto si podría tomarme la revancha ofreciéndole algún que otro texto de mi producción (claro que de un valor completamente distinto).

Suyo cordialmente afectísimo,

Freud.

7 dic. del 11

Viena, IX., Berggasse, 19

Muy apreciado señor:

Acepte mis más encarecidas gracias por el envío de sus historias para niños [Ertes Erlebnis. Vier Geschichten aus kinderland, 1911], tan sensibles y llenas de significados psicológicos. Por desgracia, así que leí la primera de ellas, el amplio círculo de lectores que vive en mi casa me arrebató el libro, al menos temporalmente. Pero quizá no le moleste haber ganado tantos lectores jóvenes a cambio de uno y viejo.

Respetuosamente suyo afectísimo,

Freud.

19 oct. del 20

Viena, IX., Berggasse, 19

Muy estimado señor:

Ahora que por fin he vuelto a la tranquilidad, pienso en cuán obligado estoy a agradecerle el espléndido libro que me encuentre al llegar y que, inmerso todavía en la vorágine de estas dos primeras semanas, leí con extraordinario deleite (de no ser así no tendría por qué decírselo). Su perfecta comprensión de los autores, unida a una magistral expresión lingüística, me causó una satisfacción nada corriente. Me interesa en especial la forma acumulativa y gradual en que sus frases se aproximan cuidadosamente a la esencia íntima de lo descrito. Es como la acumulación de símbolos que se produce en los sueños haciendo que lo oculto entreluzca con progresiva claridad.

Si me permite juzgar su obra con un criterio especialmente estricto diría que su dominio de Balzac y Dickens es total, pero eso no es demasiado difícil, ya que se trata de personalidades sencillas y directas. Sin embargo, con el ruso, tan enrevesado, la cosa no podía ser igual de satisfactoria: se nota que quedan lagunas y enigmas sin resolver. Deje que le aporte, hasta

donde mi condición de profano me capacita, algún material del que dispongo al respecto. Pudiera ser que aquí tuviera alguna ventaja el psicopatólogo, a cuya competencia remite Dostoievski.

Creo que no debería usted haberse contentado con la supuesta epilepsia de D. Es muy improbable que fuera un epiléptico. La epilepsia es una afección cerebral orgánica externa a la constitución psíquica y se asocia, por regla general, a una reducción y simplificación del rendimiento psíquico. Sólo se conoce un único ejemplo en que esta enfermedad se manifestara en un hombre de gran dotación espiritual (Helmholtz), un gigante del intelecto cuya vida emocional es poco conocida. Todos los otros grandes personajes a los que posteriormente se ha calificado de epilépticos eran en realidad histéricos. (El visionario Lambroso aún no era capaz de hacer un diagnóstico diferenciado). Sin embargo, esta distinción no es ninguna pedantería médica sino algo totalmente esencial. La histeria procede de la constitución psíquica misma, de cuya arcaica fuerza originaria – que se despliega en la genialidad artística – es expresión. Pero también es señal de un conflicto especialmente fuerte e irresuelto que devasta estas disposiciones originarias para posteriormente desgarrar la vida psicológica y seccionarla en dos partes. Creo que D. tendría que haberse construido en su totalidad a partir de su histeria.

Por muy preponderante que sea el factor de la disposición constitucional en una histeria como la de D., es curioso cómo también en su hincapié. Un fragmento de una biografía de D. me hizo ver algo que puede relacionar su dolencia posterior con castigo muy riguroso que, e niño, le impuso su padre en unas circunstancias muy serias (trágicas es la palabra que me viene – no sé si con acerto – a la memoria). Por <<discreción>> no se decía naturalmente de qué se trataba. Para usted será más fácil localizar el fragmento. Esta escena de infancia – no seré yo quien haga ver la verosimilitud de ello al autor de Erlebnis – es la que dio más tarde a su repetición, aun

antes de llegar a suceder, la fuerza traumática suficiente para reproducirse en forma de ataque. A partir de entonces toda la vida de D. estuvo dominada por una postura ambigua ante su padre (la autoridad): una voluptuosa sumisión masoquista y una rebelión indignada contra la misma. El masoquismo incluye el sentimiento de culpa que insta a la <<redención>>. Lo que usted llama <<dualismo>>, evitando el término técnico, nosotros lo denominamos ambivalencia, un sentimiento de ambivalencia heredado de la vida psicológica de los primitivos pero que es más fácil hacer consciente en el pueblo ruso, donde se ha conservado mucho mejor que en cualquier otra parte (como describí detalladamente hace pocos años en el historial médico de un paciente ruso genuíno). Esta fuerte ambivalencia, asociada a un trauma de infancia, puede ser determinante de la inusual violencia de la histeria. Los rusos no neuróticos también son claramente ambivalentes, al igual que las figuras de D. en casi todas las novelas.

Casi todas las particularidades de su obra, de las que casi no se le ha escapado a usted ni una, se remiten a su disposición psíquica, anormal para nosotros pero más habitual en los rusos; mejor dicho, se remiten a su constitución sexual, cosa que sería muy bonito demostrar en detalle: en primer lugar los aspectos más torturados y extraños. Dostoievski no puede entenderse sin psicoanálisis, esto es, no lo necesita, pues cada personaje y cada frase lo ilustran. Que Los hermanos Karamazov trate del problema más personal de D., a saber, la muerte del padre, y que su trasfondo se ala tesis psicoanalítica de la equivalencia de acto e intención inconsciente sería sólo un ejemplo de ello. También la singularidad de su amor sexual, que o bien es ardor instintivo o bien compasión sublimada: la inseguridad de sus héroes, que igual aman que odian: a quién aman, cuándo aman, etc.; todo ello muestra en qué suelo tan peculiar se desarrolla su psicología

De usted no tengo por qué temer que me malentienda y vea en este subrayado de lo así llamado patológico la voluntad de empequeñecer o explicar la grandeza de la fuerza poética de sus

obras. Concluyo esta carta, de todos modos demasiado larga, porque el papel es muy sufrido y da mucho de sí, no porque el material se haya agotado. Reiterándole mi agradecimiento y saludándole cordialmente, suyo.

Freud.

3 nov. 1920

Salzburgo, Kapuzinerberg, 5

Muy apreciado profesor: si he esperado hasta hoy para darle las gracias por su carta, tan profunda y valiosa para mí, há sido unicamente porque ayer volví a Salzburgo después de una gira de conferencias de tres semanas. Ya puede imaginarse lo interesante que me ha parecido su forma de interpretar la patologia de Dostoievski, pues es evidente que, a diferencia de la mía, tiene el valor del conocimiento teórico. Me consta que a Dostoievski, que sabí de todo, tampoco le resultaba extraña esta epilepsia ficticia (la recreó en su Smerdiaekov, dejando entrever que hay personas que hasta un cierto punto poseen la capacidad de reproducir más o menos conscientemente la enfermedad a voluntad). Pues bien, creo que él mismo, por una misteriosa sensación de placer, sentia el deseo de sufrir cierto tipo de ataques: he aqui sin duda uno de los misteriosos más sugestivos para un psicopatólogo.

Me avergüenza y al mismo tiempo me complace ver cuántos esfuerzos há dedicado a mi estudio, y créame por favor si le digo que agradezco en lo más íntimo tanta entrega. Desde un punto de vista espiritual pertenezco a una generación que, por lo que respecta al conocimiento, a nadie debe tanto como a usted, y siento, a una con ella, que se acerca la hora en que la vasta importancia de su descubrimiento del alma se conertirá en un patrimonio común, em ciencia europea. En cada carta que recibo de Inglaterra o América me preguntan acerca de usted y de su obra. Quizá, poco a poco, también en nuestra patria será manifiesto cuán infinitamente nos ha enriquecido

usted. Espero tener pronto la ocasión de expresarle todo esto abierta e extensamente.

Con agradecido respeto,

Suyo afectísimo,

Stefan Zweig.

Viena, 27-X-22

Querido señor,

Recibido su bello libro, que leeré <<con deleite>>. Las palabras manuscritas que hay en su interior son inmerecidamente excesivas.

Cordialmente suyo,

Freud.

Provisionalmente en Viena, IX., Garnisonsgasse, 10

[principios de mayo de 1924]

Muy apreciado profesor:

Romain Rolland, que pasa unos días en Viena, me pidió que le transmitiera su deseo de visitarle y le preguntara cuándo sería bienvenido en el caso de que usted no tuviera inconveniente. Para mí es un honor, estimado profesor, hacerle llegar esta petición y espero que nada se oponga al ardiente deseo de Rolland de poder conocerle personalmente.

¿ Puedo rogarle una respuesta bien a él mismo (Linke Wienzeile, 4, en casa de Rieger), bien a mí (Garnisonsgasse, 10)? Si quiere llamarme por telefono me encontrará en el número 16327 sólo por las mañanas de 8:30 a 9:30 (después de esa hora acompaño a Rolland).

Aprovecho gustosamente la ocasión, estimado profesor, para expresarle nuevamente mi cariño y mi profundo respeto.

Suyo sinceramente afectísimo,

Stefan Zweig.

Viena, IX., Berggasse, 19

14-IV-25

Querido señor:

¡Muchísimas gracias por su espléndido libro! El primer artículo, el dedicado a Hölderlin y verdaderamente más conseguido, lo leí de un tirón, haciendo alguna pausa para recobrar el aliento y reflexionar.

Debo decirle que consigue usted hacer con el lenguaje algo que ningún otro que yo sepa puede imitar. Tiene la capacidad de ajustar tanto la expresión al objeto, que uno es capaz de captar sus más finos detalles y cree comprender relaciones y cualidades que hasta ahora jamás había expresado palabra alguna. Ya hacía tiempo que me torturaba encontrar una comparación para su manera de trabajar y ayer se me ocurrió por fin gracias a la visita de un amigo que es epigrafista y arqueólogo: su proceder es como sacar un calco en papel de una inscripción. Como sabrá, se coloca un papel húmedo sobre la piedra haciendo que la ductilidad del material se adapte a las más mínimas concavidades de la superficie de la inscripción. No sé si la comparación le parecerá satisfactoria. Mi reconocimiento es tanto mayor cuanto no existe una manera de representar exactamente lo que usted quiere describir, deficiencia que se ve obligado a compensar con las más variopintas comparaciones procedentes de otros ámbitos de la percepción.

Respecto al problema fundamental, la lucha con el demonio, habría tanto que decir que sería demasiado extenso hacerlo por escrito. Mi concisa manera de luchar con el demonio es describirlo como un objeto comprensible para la ciencia.

Saludos cordiales

Suyo, Freud.

Semmering
Viena, IX., Berggasse, 19
4 sept. 26

Querido señor:

Casi desearía no haber conocido nunca personalmente al señor doctor St. Zweig y que éste nunca se hubiera comportado tan amable y respetuosamente conmigo, pues ahora me asalta la duda de si la simpatía personal no habrá confundido mi juicio. Si este volumen que há llegado a mis manos lo hubiera escrito un autor desconocido para mí, hubiera afirmado sin vacilar que había tropezado con un creador de primera categoría y una obra de alto nivel artístico.

Creo realmente que estas tres narraciones – o, más estrictamente, dos de ellas – son obras maestras. La primera ya la conocía y ya puse reparos entonces a algún que otro detalle que ahora no he vuelto a encontrar. Si despertó mi interés fue sobre todo porque admitía, incluso exigía, una interpretación psicoanalítica, y al hablar con usted me convencí de que no sabía nada de este sentido oculto, a pesar de haberlo expresado bajo un disfraz impecable. Probablemente no admita usted la posibilidad de semejante interpretación, quizá le resulte detestable, pero yo no puedo descartarla y esta vez incluso la assumo más completamente. El psicoanálisis nos permite suponer que la gran riqueza, aparentemente inagotable, de los problemas y situaciones que los literatos tratan puede remitirse a un pequeño número de <<motivos primitivos>> que proceden en su gran mayoría de las vivencias reprimidas de la infancia, de modo que las ficciones son reediciones disfrazadas, embellecidas, sublimadas de aquellas fantasías infantiles. Esto es especialmente fácil de observar en la primera narración, cuyo núcleo inconsciente, expresado con toda franqueza, provoca repugnancia. Me refiero al motivo de la madre que, entregando su propia persona, inicia al hijo en la relación sexual con el fin de salvarlo de los peligros del onanismo que parece amenazar gravemente la vida del niño. Algunas personas recuerdan – incluso conscientemente

– haber tenido esta clase de fantasías en su pubertad y en el inconsciente no faltan nunca. También están en el trasfondo de las ficciones redentoras de, por ejemplo, las óperas wagnerianas. El onanismo es completamente inaprovechable para la elaboración poética y tiene que sustituirse por algo (en su narración el sustituto adecuado es el juego). La imperatividad, la irresistibilidad, las reincidencias a pesar de los firmes propósitos de enmieda, la amenaza para la vida, son rasgos directos del viejo modelo. La primera denominación que se encontró para el onanismo en la infancia fue la de <<juego>> (un juego peligroso, se le decía al niño: uno se vuelve loco o se muere) y el acento que usted tan magistralmente pone en las manos y en la actividad de las mismas es verdaderamente revelador. En la masturbación la mano ejerce su función genital. En su narración, el papel de hijo del joven jugador está tan inconfundiblemente perfilado que resulta difícil creer que no le guiara ninguna intención consciente. Sin embargo, sé que no es así y que usted dejó trabajar a su inconsciente. Así, por ejemplo, el joven polaco tiene 24 años, exactamente la misma edad que tiene el hijo mayor de la mujer de 42, que se había casado a los 17.

La frase de que toda mujer está abandonada a impulsos imprevisibles, que aparece en la introducción, no es más que una fachada destinada sobre todo a acabar negando el inconsciente, pues el contenido de la narración da a entender que estos impulsos son perfectamente determinables. La preocupación de la viuda, decidida a mantener su compromiso de fidelidad, es protegerse de la tentación de otros hombres, pero lo que no sabe es que, como madre, tiene una fijación libidinosa en su hijo que puede activarse en cualquier momento y que ese punto débil puede decidir su destino, cosa que la narración refleja de una manera absolutamente correcta. Pero estoy hablando en términos psicoanalíticos en vez de intentar hacer justicia a la belleza de la obra.

La segunda narración decae un poco. Se nota la escasa implicación personal del autor. El motivo psicoanalítico no

requiere interpretación alguna, es palmario: los celos que siente el padre de la sexualidad de la hija que crece y que desde tiempo inmemorial había sido su objeto sexual, su propiedad. Pero este motivo nos lleva inconscientemente a tomar partido contra él. Nos parece que su pretensión está caduca, que realmente no es rival para el joven, que ya ha cumplido su misión al procurar sustento material a las mujeres de su casa y que, una vez hecho esto, resulta supérfluo.

En la tercera narración tampoco hay nada que interpretar. El motivo básico está claro: el hombre que entrega su amor a otro. Ahora bien, ésta es una situación problemática, al menos para muchos, para todos los que se consideran normales. Pero, ¿por qué no puede un hombre aceptar el amor físico de otro hombre a pesar de sentirse muy vinculado a él espiritualmente? No habría en ello nada contrario a la naturaleza de Eros, para quien sería un triunfo sonado vencer la rivalidad masculina natural. Por otra parte, el amor entre hombres sería desde el punto de vista del desarrollo de la historia más fácil, quizá más satisfactorio, ya que no habría que vencer ese resto de extrañeza entre el hombre y la mujer y eludiría ese plus de sadismo que envenena las relaciones entre los dos sexos. Además, dicho amor no sería contrario a la <<naturaleza>> humana, pues ésta es bisexual. Es más, este amor no siempre há sido una tara: sólo lo es en nuestro presente y no para todos. Donde se da, es invencible. Quien tropieza con él sufre sin remedio. ¿Cuál es el porqué de este rechazo que parece elemental y sin embargo no puede explicarse elementalmente? No lo sabemos y en la narración no se hace ningún intento de descubrirlo (seguramente con razón): apunta a la relación infantil con el padre y muestra la exageración violenta de la virilidad como intento de compensación pero se limite a presentar el problema tal como se lo encuentra.

No obstante, lo hace con un arte, una franqueza, un amor por la verdad y una profundidad tales, tan libre de la mendacidad o el sentimentalismo de la época, que confieso gustoso que no puedo imaginarme nada más afortunado. Claro que esta

alabanza puede convertirse en una censura. El arte de esta forma de narrar que se amolda a cada pliegue del objeto y hace perceptible cada matiz de emoción casi perjudica el efecto sobre el lector: no le deja nada por adivinar, por completar, y la admiración hacia el narrador casi pasa delante del interés por lo descrito.

La crítica difícilmente podrá hacer justicia a la obra. No alcanzará la sinceridad del autor y pondrá el acento sobre algo accesorio, buscará la <<confusión de los sentimientos>> en la relación amorosa con la mujer del profesor admirado. Sin embargo, en esta obra la mujer sólo es una figura de contraste. El conflicto reside únicamente en el hecho de que el joven desea corresponder al amor del hombre pero no puede hacerlo debido a una oculta prohibición interior.

Si comparo sus narraciones con las obras de aquel hombre al que hemos reconocido la emotividad más profunda (fruto de la represión de su inconsciente), hay una diferencia que juega a favor de usted: D. era un neurótico perverso grave en cuya producción se nota el egoísmo compulsivo y la necesidad de liberar la tensión mediante una satisfacción, al menos simbólica (por eso aprovecha la ocasión de horrorizar y maltratar al lector). Usted es del tipo observador, alguien que escucha atentamente con benevolencia y afecto, luchando por comprender lo que es inquietantemente excesivo. Usted no es violento.

Rogándole que me perdone por estos pedazos de vivisección, le doy las gracias y le saludo cordialmente.

Suyo,
Freud.

Kapuzinerberg, 5

Salzburgo, 8 de septiembre de 1926

Apreciadísimo profesor: además de su obra intelectual, practica usted maravillosamente otro gran arte: el de avergonzar con su amabilidad. Lo que me causa auténtico desconcierto – tanto, que ayer no pude coger la pluma – no son sólo las palabras que me dedica sino también el hecho de que encuentre en sus raros de descanso, abrumado y asediado como está por toda suerte de personas y problemas, la tranquilidad para penetrar tan profundamente en una obra que, por cierto, tanto y tan infinitamente tiene que agradecerle.

Deje que le diga claramente por qué yo y muchos otros tenemos que darle las gracias: por el coraje que há aportado a la psicología. Usted ha eliminado las inhibiciones de toda una época, así como las de innumerables escritores en particular. Gracias a usted muchos vemos, gracias a usted muchos decimos cosas que, de no ser por usted, jamás se hubieran visto ni dicho. Si aún hay quien no se da cuenta de lo que acabo de afirmar, es porque aún no contempla nuestra literatura historicamente, en sus formas matrices (dentro de una o dos décadas se descubrirá qué dio de repente una audacia psicológica diferente a un Proust em Francia, a un Lawrence y un Joyce en Inglaterra, a unos pocos alemanes: su nombre). Y nosotros nunca negaremos la grandeza de este hombre que nos abrió el camino que deberíamos seguir.

Para mí, la psicología es hoy la passion de mi vida (nadie como usted comprenderá lo que digo), y por esta razón deseo aplicarla, si soy capaz de ello, al objeto más difícil de todos: a mí mismo. También la autobiografía será en los tiempos posteriores a Freud más transparentes y audaz que nunca. Ahora mismo estoy estudiando este aspecto en Tolstói, que cada día se persuade de ser atrevido y veraz pero huye de las verdades realmentes diáfanas. Hasta hoy nadie le há puesto seriamente las manos encima al respecto y yo tengo muchas ganas de hacerlo. De entre los nuevos, fue audaz (pero sin conocimiento suficiente) Hans Jäger en Christianiaboheme y

Kranke Liebe, y al parecer también lo es libro de Frank Harris, para mí aún inaccesible. Pero creo que los conocimientos y documentos que quedarán de nuestro tiempo escasamente productivo serán fruto de un coraje que habrá que agradecerle a usted.

Mi deseo más ferviente es que tu salud sea estable y que su obra siga creciendo: aún es usted el factor decisivo en la lucha invisible por comprender el alma, el único que nos explica creativamente la mecánica de lo espiritual. Necesitamos más que nunca que siga activo.

Con amor, agradecimiento y admiración
Suyo fielmente afectísimo,
Stefan Zweig.

Hôtel-Château Saint-Georges

Route de Fréjus – Cannes, 18-III-1927

Estimado profesor: dos días antes de irme de aquí, me atrevo a dirigirle unas breves palabras. Sin duda el Festival Beethoven será motivo de que le importunen con visitas, pero aun así me permito escribirle unas palabras de presentación de Jules Romains, no porque sea éste uno de los mejores poetas de Francia sino porque fue él, el primero de los poetas franceses, quien escribió para la Nouvelle Revue Française aquel artículo sobre su obra que tanta influencia tuvo. Romains irá a Viena con motivo del Festival Beethoven y la idea de poder verle la haría muy feliz. Espero que su salud le permita dedicarle media hora.

Mi admiración siempre y mis pensamientos a menudo quedan afectos a usted.

Fielmente suyo,
Stefan Zweig.

4-XII-1929

Viena, IX, Berggasse, 19

Muy estimado señor:

Le hago partícipe de mi asombro. Hoy, mientras daba mi paseo habitual, me há llamado la atención un gran cartel en el que un tal señor Ch. Maylan anunciaba con todos los medios de los anuncios publicitarios una conferencia que tiene previsto pronunciar en mi contra el día 7 de diciembre. Bien pudiera ser, se trata de un necio pernicioso, un ario fanático. De Berlín, adonde fue para formarse como psicoanalista, le echaron al cabo de unos meses por anormal e inútil. Inmediatamente después, probablemente para vengarse y hacerse famoso, publicó un libro pseudoanalítico sobre mí, que el doctor Drill calificó decididamente en el Frankf, Zeitung de <<infâmia>>. Además, se hizo con la posibilidad de reproducir mi imagen engañando a la esposa del prof. Schmutzer, me escribió cartas que eran una mezcla extraña de humildad y descaro, etc.

En ese cartel se reproducían tres recomendaciones de su libro. La de más arriba era de C. G. Jung; la de más abajo, anônima, extraída de um periódico berlinés; la de em medio, de usted. ¿Como puede ser? ¿Há leído usted el libro? ¿Se le há escapado la intención del mismo? ¿Cómo es que se há dejado usted enganar? ¿O acaso es ésa realmente su opinión?

Puesto que nuestras relaciones son estrechas, desearía saberlo por usted.

Suyo cordialmente afectísimo, Freud.

Salzburgo, 6-XII-1929

Kapuzinerberg, 5

Muy apreciado profesor:

Lo que me cuenta en su atenta carta me resulta lamentable en extremo. No conozco al tal señor Maylan ni he publicado ninguna reseña de su libro, que me envió em algún momento

junto con una carta. Lo hojeé un poco, sin gran profundidad y sólo porque había un retrato suyo en la primera página que me dio a entender que el tema principal era usted. Después escribí a Maylan diciéndole que en aquel momento, dado que yo mismo estaba redactando un extenso trabajo sobre usted, el libro me parecía importante y juzgaba interesante aplicar el método al autor, si bien me parecía que él iba, por así decir, algo desencaminado. Entonces recibí una carta del señor Maylan en la que me rogaba que le especificara qué entendía yo por <<desencaminado>>. No le conteste y ahora, para mi asombro, me dice usted que Maylan há reproducido en anuncio alguna de las frases de la carta que le escribí por urbanidad para agradecerle que me hubiera enviado el libro. No sé cuál habrá citado, naturalmente no recuerdo en absoluto qué fue lo que le escribí. Pero abusar así de palabras sueltas extraídas de mis cartas es realmente intolerable y voy a exigir enseguida a ese señor que se abstenga de hacerlo. Realmente, tiene uno que ir con cuidado.

Le agradezco, estimado profesor, sinceramente que no haya creído usted ni por un momento que yo sabía algo de esta maquinación. Nunca he sido más afín a su obra y a usted que precisamente ahora, y por eso una interpretación tan mala y zafia de su obra tenía que interesarme también a mí en el momento que la leí (ahora me propongo leer el libro a fondo). Puede que algunas interpretaciones erróneas de sus teorías le provoquen un enfado personal pero desde fuera lo vemos de otra manera, sabemos que tales excrecencias y ramificaciones son comunes a toda obra y que con el transcurso del tiempo todos estos colgantes, le <<cuelgan>> realmente pero en otro sentido: como hojas podridas que acaban cayendo. Al final lo que queda es el tronco puro, la estructura. Precisamente acabo de ler quizá cuarenta o cincuenta opúsculos que algunos contemporáneos escribieron contra Mesmer (la mayoría partidarios al principio de sus teorías). Pues bien, de todos esos panfletos – que no hicieron sino acrecentar el interés por él – lo único que ha quedado ha sido el hombre y su idea

creadora. En este trabajo sobre Mesmer encontrará usted múltiples paralelismos con su propio destino. Me parece casi fatalista que precisamente en la misma ciudad, después de casi cien años exactos, la curación psíquica haya tenido que justificarse de nuevo y que la Academia y los profesores de 1885 tengan una similitud tan desesperante con los de 1785. Espero que el espíritu del libro le interese. Para mí, Mesmer es como Colón en el sentido de ser el descubridor del método de la curación psíquica pero también en el sentido de que Colón pensó durante toda su vida haber descubierto el camino hacia la India cuando en realidad había descubierto América. A decir verdad, quisiera valerme de esta comparación para defender que Mesmer estaba a un paso del fenómeno de la sugestión y la hipnosis pero que no se dio cuenta ni lo comprendió porque lo obcecaban sus delirios medievales sobre el magnetismo. Pero habrá que probar, primero, que Mesmer nunca fue un charlatán sino un hombre idealista y un investigador honesto y, segundo, que la Academia y las universidades lo han malentendido durante cien años de la manera más cerril y envidiosa.

Después del extenso artículo sobre Mesmer viene un interludio sobre Mistress Eddy – medio en serio, medio en broma – y la segunda parte del libro la constituye el trabajo sobre usted y su obra que planeaba desde hacía años: así pues, por lo que se refiere al método de curación psíquica (a la <<curación por el espíritu>>, que es como se llamará el libro), Mesmer es la intuición y usted el saber.

Ya le he pedido a su estimada hija que me deje trabajar ocho o quince días en el archivo psicoanalítico de Viena y puede que también ponga a mi disposición algún material privado. Para establecer la analogía con Mesmer necesito precisamente los documentos de refutación, burla, rechazo, los documentos sobre el comportamiento de las universidades y las mofas aparecidas en panfletos y llevadas a los escenarios; y para ello espero la ayuda de sus amigos. Ahora ya tengo completamente claro cómo encauzar el trabajo y quizá no sea presuntuoso

decir que tensaré más el arco que la mayoría. No me centraré tanto en el efecto curativo como en el efecto sobre el mundo, en la transformación total de la imagen espiritual y moral operada por este descubrimiento.

Una vez más, le agradezco, querido y admirado profesor, que no me echara las culpas en este asunto. Voy a expresarle claramente mi opinión a ese señor enseguida.

Con ferviente respeto.

Su siempre afectísimo,

Stefan Zweig.

17-2-1931

Viena, IX., Berggasse, 19

Muy estimado señor:

He recibido su última obra y la he leído de nuevo, esta vez, naturalmente, con un interés personal mayor que en el caso de otras producciones suyas igualmente fascinantes. Si me permite ser crítico en mis impresiones, le diré que la parte de Mesmer me parece la más armoniosa, fundada y elegante. Igual que usted, pienso que hasta hoy no se ha apreciado la verdadera esencia de su hallazgo, la sugestión, y que ahí sigue habiendo terreno para decir cosas nuevas. Por lo que respecta a Mary E. B., me molesta que haya resaltado usted tanto su intesidad. A los que, como yo, no podemos evitar verlo todo desde el punto de vista patológico eta intesidad nos impresiona mucho menos. Sabemos que el frenético, cuando sufre un ataque, desarrolla una fuerza de la que no es capaz en estado normal. En cambio, en su descripción no se resalta lo que de demencial y desafortado tiene el caso Mary B. E., así como tampoco la tristeza indecible de su pasado americano.

Que a uno no le guste el retrato que le hacen o no se reconozca en él es algo común y sobradamente conocido. Por eso me

apresuro a expresar mi satisfacción por el hecho de que, en mi caso, haya captado usted acertadamente lo más importante, a saber, que por lo que respecta a los resultados, hay que atribuirlos más al carácter que al intelecto. Éste es el núcleo de su interpretación, que yo mismo comparto. Con todo, podría objetarle que ha acentuado usted en mí demasiado exclusivamente el elemento de corrección pequeñoburguesa. Y el tipo es algo más complicado: su descripción no contempla que he tenido mis dolores de cabeza y mis fatigas como cualquiera, que he sido un fumador apasionado (quisiera seguir siéndolo) que debía la mayor parte de su autodomínio y constancia en el trabajo a los puros; que, a pesar de mi ensalzada sencillez, he hecho muchos sacrificios por mi colección de antigüedades griegas, romanas y egipcias y he leído en realidad más sobre arqueología que sobre psicología: que, antes de la guerra, e incluso alguna vez después, tenía que ir a Roma al menos una vez al año y pasar allí unos días o semanas, etcétera. Ya sé por el arte de género menor que el formato fuerza al artista a simplificaciones y omisiones, pero entonces la imagen que resulta es falsa.

Probablemente no me equivoco al suponer que cuando empezó a redactar el libro el contenido del psicoanálisis le era desconocido. Tanto más reconocimiento merece, pues, que desde entonces se haya familiarizado tanto con él. Hay dos aspectos que pueden criticársele: apenas menciona la técnica de la asociación libre, para muchos la novedad más relevante del psicoanálisis, la clave metodológica de los resultados del mismo, y que atribuya usted mi comprensión de los sueños a los sueños de infancia, lo que es históricamente inexacto y sólo expuse así con intención didáctica.

También su última duda sobre si el psicoanálisis es apropiado para que lo practiquen personas comunes se debe al mismo desconocimiento de la técnica. En el tiempo en que el microscopio era un instrumento nuevo en manos del médico, uno podía leer en los manuales de fisiología que los que manejaban ese aparato estaban obligado a poseer cualidades

nada frecuentes. Lo mismo se les exigió a los cirujanos posteriormente. Hoy, todos los estudiantes aprenden a usar el microscopio y las escuelas forman Buenos cirujanos. Que eso no los haga a todos igual de buenos es algo contra lo que no hay remedio en ningún terreno.

Deseando que pase unas buenas vacaciones y saludándole cordialmente,
Suyo, Freud.

A Friderike Maria Zweig

[Montreux, non datée;

Cachet de la poste: 9.3.1933]

Chère F. Terminé pour Berne et Zurich, très réussi dans les deux cas; Zurich demande que je recommence sans délai car la salle affichait complet comme à Berne, et ceux qu'on a refusés faisaient du scandale: il m'a fallu signer quelque huit cents exemplaires de mes livres dans les deux librairies. Ici, on continue à acheter copieusement. J'ai vu quelques-uns des réfugiés venus de Berlin, Döblin, très sympathique, qui était auprès de moi pendant la conférence et après (il a eu la femme de Roth parmi ses patients, un cas désespéré), Max Herrmann-Neisse et Toller, dont ils ont vidé l'appartement berlinois, et puis Wilhelm von Scholz, le conseiller d'administration Wettstein, et, à Berne, l'indestructible Benno et son Ida italienne (qui est superbe). Chez les intellectuels, l'apanique est vraiment forte, il paraît chaque jour de nouvelles diatribes contre les écrivains juifs, toujours plus violentes, et à ce qu'on dit, il se passe bien plus de choses que ce qu'on lit dans les journaux. Pour l'instant, je vais fort bien même si je ne suis pas arrivé à dormir, je t'écris cette lettre dans le train et au crayon parce que mes plumes (trois) sont épuisées par tant de signatures. Et le nouveaux rendez-vous ne manquent pas: le 15, je verrai la collection de manuscrits autografes de Beethoven et j'irai

avec Bloch à un concert privé; il surgit de partout des gens auxquels je ne m'attendais pas ou que j'avais oubliés. Mais, dans l'ensemble, cette série de conférences était tout de même une bonne chose, car ici l'atmosphère est encore pure, et les gens sincèrement révoltés par l'hitlérie. Il y aura bientôt ici une colonie allemande non négligeable.

Je me réjouis d'avance d'avoir un jour de repôs... pouvoir dormir tout son saoul pour une fois, prendre un bain, changer de linge: de toutes les manières, indépendamment des questions politiques, aller à Strasbourg aurait été trop fatigant. Je mange chez Rolland à midi et je me réjouis de pouvoir prendre son avis comme dans les jours difficiles d'autrefois. La soirée à Genève sera difficile, tous ces gens que je connais, et puis il faut encore que je signe des livres pour Payot, encore une conférence à m'ingliger – mais il ne faut pas se soustraire aux gens qui sont bien disposés à votre égard; il en existe des millions pour vous haïr et vous mépriser au pied levé. Prends soin de toi, mon enfant, je m'appête à passer par Berne où l'éternel Benno va venir me saluer à la gare. Je n'ai malheureusement pas pu résister tout à fait aux importations qui m'étaient proposées, et très concrètement, je n'ai pas eu le temps de m'acheter la moindre gomme à mâcher. Affectueusement.

S.

A Enrico Rocca

[Cadenabbia, non datée;

Vraisemblablement 27 avril 1933

Cher ami, je me suis subitement décidé à partir tout de même passer 8 ou 10 jours en Italie; qui sait ce qui nous attend encore en ces temps impossibles. Tu as certainement lu les journaux allemands et tu peux imaginer ce qu'ils ne disent pas et ce que nous savons! Bien entendu, comme j'occupe une position de premier plan, ma position est très fortement attaquée (comme celle de Thomas et Heinrich M.), mes livres

sont boycottés, et comme toutes les productions <<étrangères au peuple>>, ils seront solennellement brûlés à la mi-mai dans toutes les universités d'Allemagne (Heinrich Heine lui aussi me tiendra compagnie). En outre, évidemment, les gens cherchent à nous liquider systématiquement à l'étranger aussi... Je m'en rends compte ici avec le Marie-Antoinette pour lequel leurs efforts ont manifestement déjà porté leurs fruits. Mais, mon cher, je n'ai pas à me plaindre, après tout, j'ai déjà fait mon travail, j'ai eu du succès, j'ai encore largement de quoi vivre, mais les autres! La jeunesse! Ceux qui débutent! La campagne antisémite est aucun exemple dans l'histoire... ah, mon cher, j'aurais de quoi raconter des jours durant. Fais donc en sorte de venir en Autriche cet été!

J'ai déjà parlé à Lavinia! Mille salutations à ta chère épouse!

Je reste ici une huitaine de jours, puis je rentre. Mais j'avais besoin de t'envoyer un mot dès la première heure.

Ton fidèle
Stefan Z.

A Romain Rolland [lettre en français]
Wells était ces jours-ci chez moi: très intelligent, mais sans force de la sainte passion.
Salzbourg, le 10 juin 1933

Mon cher ami, avant tout j'espère que cette lettre vous trouve en bonne santé. La semaine dernière j'avais la visite de la baronne de Budberg, la secrétaire de Gorki, qui est retourné en Russie (par Constantinople) – les nouvelles qu'elle me donnait de là-bas ne sont pas très bonnes, mais où est-ce qu'on en entend de meilleures. La situation en Allemagne est terrible, le seul quotidien lisible, la Deutsche Allgemeine Zeitung, interdite, et les détails qu'on apprend chaque jour, affreux. Nous sommes très menacés ici en Autriche, la situation économique permet

aux nazis de recruter chaque jour des nouveaux partisans. Depuis qu'ils ont vu qu'on chasse en Allemagne des milliers d'employés brutalement pour mettre des nazis à leur place, tout afflue vers eux dans l'espoir d'un avancement matériel. Nous souffrons énormément de la lâcheté de nos confrères, pas un seul écrivain <<allemand>> (nous ne sommes pas de vrais Allemands pour eux) n'a osé une petite parole. Furtwängler a parlé pour les musiciens, Kokodchka pour les peintres, Planck pour les confrères de la science – mais pas un seul de nos poètes, ni Hauptmann, ni tous les autres n'ont élevé leur voix pour Thomas Mann et nous autres. Quant à nous, Juifs, nous ne pouvons pas dire un mot maintenant pour ne pas nuire aux <<otages>> car le gouvernement ne cherche que des prétextes pour de nouvelles brutalités, il est furieux que nous ne leur donnions rien de cette sorte, que notre silence (provisoire!!) ne le laisse pas fructifier. Et vous comprenez, il est dur pour nous, ce silence, il est honteux que nous attendions déjà depuis des semaines qu'un de nos confrères allemands non brûlés prenne – la parole – et il aurait pu voir qu'il ne risque rien, car ils sont lâches comme tous les despotes, ils n'ont pas osé toucher à Furtwängler. Oh mon ami, il est triste de voir combien la conscience humaine a été affaiblie par la grande guerre: on accepte maintenant l'injustice, pourvu qu'on ne la glorifie pas, comme maints de nos confrères le font.

Et maintenant entre nous: je suis quasi sûr que je quitterai Salzbourg cet automne. Il est impossible de vivre dans un milieu de haine, à deux pas de la frontière allemande. J'ai hésité longtemps. Mais maintenant je suis décidé à quitter tout, ma maison, mes livres, mes collections. Je n'ai plus l'ancienne joie de ces choses, je sens que tout ce qu'on possède a le pouvoir de diminuer la liberté intellectuelle et personnelle. Je ne sais seulement pas encore où m'installer. J'aurais préféré Rome, mais hélas, la politique! Je n'aimerais pas m'installer en Suisse, surtout pas en Suisse allemande, et près de Paris je crains d'être trop mêlé à la foule sur la place. Tout est difficile à décider et peut-être que je vivrai une année ou deux sans

place fixe (Thomas Mann s'installe à Bâle, mais cette ville est trop bourgeoise pour mon goût). Vous comprendrez mon hésitation. Il est bien dur, après trente ans de travail honnête, de venir dans un pays comme un fuyard, comme exilé. Mais l'atmosphère ici est devenue impossible, Salzbourg est trop national-socialiste. A Vienne on pourrait mieux supporter le choc. Mais pour un homme qui veut être libre ce sera difficile partout. Donc je cherche, je tâte. Peut-être que je laisserai la maison fermée derrière moi pour gagner un peu de temps. Mais avec le coeur, j'ai dit adieu à tout. La décision est prise et si je savais où aller, tout serait déjà réalisé.

Peut-être que je fais avec cela un bien à moi-même. Peut-être que cela amène un rafraîchissement de l'énergie vitale et créatrice. Peut-être que cela ne sera qu'un épilogue. Qui sait? Et je ne veux même pas savoir. D'un jour à l'autre le monde entier peut être en flammes – impossible de prévoir, impossible de prévenir. Seul espoir, pouvoir être encore un peu utile avec son existence, trouver un sens ou un symbole pour toute cette souffrance morale. Dompter la folie en la décrivant. Se recréer soi-même après la destruction des formes anciennes. Je n'ai pas peur. Seulement il y a des heures où le dégoût paralyse l'énergie, où on n'aime plus assez ce pauvre bétail humain qui par peur court toujours dans la fausse direction, toujours vers le <<boucher>>: l'éternelle attraction du vertige crée ces sortes de panique en certaines époques, cette fascination perverse qui fait que les hommes s'empressent de baiser la main qui les presse sous le joug.

J'espère que vous travaillez bien! Mille amitiés de votre
St. Z.

[Salzburgo, junio de 1933]

Muy apreciado profesor: usted conoce (además de mi estima) cuánto respeto su tiempo y que nunca osaría llevar a su casa a un simple curioso. Pero el gran escritor inglés H.G Wells, que mantiene en estricto secreto su estancia en Viena, al único que alimenta el ferviente deseo de ver es a usted. Creo poder decir que esta visita no sería sino una gran alegría para usted.

¿ Tendría la bondad de decirle cuándo podría recibirlo? Con fiel respeto y afecto

Suyo sinceramente,

Stefan Zweig.

A Bem Huebsch
11, Portland Place

London W.

Londres, le 6 novembre 1933

Cher ami!

Merci pour votre aimable lettre, pour le cheque qui est bien arrivé, pour le virement express et pour la bonne nouvelle concernant la cession du film. Tout cela représente une quantité d'éléments réjouissants particulièrement appréciable de nos jours. Je vais reprendre les différents points les uns après les autres: vous dire, tout d'abord, que je continue à me sentir très bien à Londres, et que j'y resterai vraisemblablement jusqu'au 18 ou au 20, à moins que quelque chose ne vienne subitement m'em empêcher. Je ne vois pas grand monde, délibérément, pour pouvoir avancer dans mon travail, mais hier j'ai vu quelqu'un qui m'a fait douloureusement penser à vous: Schalom Asch, dont le livre, conformément à mes pronostics, est un réel succès d'un côté comme de l'autre de l'océan. Mais venons-en aux détails. Je suis en train d'établir la liste exacte des nouvelles, avec leurs titres allemands, et j'en profite pour vous informer de quelque chose qui doit rester entre nous. Ces messieurs de chez Cassel ont manifestement

eu des propos très durs sur les dernières traductions des Paul, et j'ai eu des échos analogues par d'autres biais; par ailleurs, j'ai moi-même le sentiment qu'elles laissent un peu à désirer, et il serait peut-être bon de les revoir de plus près avant impression. Quant à savoir s'il ne faudra pas opter pour quelqu'un d'autre à l'avenir, ou être davantage sur leur dos, la question mériterait d'être envisagée.

Deuxièmement, je vous encourage vivement à prendre le livre de Werfel. Je ne l'ai pas encore lu personnellement, mais j'en ai entendu dire du bien de tous côtés, et vous devriez vous en assurer les droits rapidement, car il n'y a pas grand monde de as trempe aujourd'hui.

Troisièmement, mes nouveaux travaux progressent. Il ne me restera plus, une fois que je serai parti d'ici, qu'à me mettre au calme quelque part pendant un mois ou deux et à tout dicter. Je voudrais aussi boucler l'Erasmus d'ici février ou mars au plus tard.

Seulement, il m'est arrivé récemment une histoire très pénible qui peut-être, probablement même, mettra fin à mes relations avec les éditions Insel. Vous avez peut-être lu les protestations que Thomas Mann, Schickele et Döblin ont publiquement formulées après qu'on a annoncé qu'ils collaboraient à la <<Sammlung>> de Klaus Mann, lequel en réalité nous avait dit qu'il s'agirait d'un journal totalement apolitique. J'ai également écrit une lettre aux éditions Insel à ce propos, et les ai informées que je désirais me retirer de la <<Sammlung>>, faute de quoi Kippenberg aurait eu des problèmes avec mes livres. Cette lettre, Kippenberg l'a publiée dans la Börsenblatt, sans mon autorisation, et je me retrouve maintenant, comme les autres, accusé d'avoir trahi les émigrés. J'ai fait face un bon moment, mais là, c'est un coup dur, et je ne vais avoir du mal à expliquer au monde que tout cela s'est fait dans mon dos tandis que je me trouvais en Voyage. Je ne pense pas qu'il sera possible de préserver mes relations avec les éditions Insel sur le long terme, et je vais probablement me retrouver sans patrie avec tous mes livres allemands. Mais cela ne pouvait pas

durer, les apports perdaient de leur sincérité, et maintenant il me faut subir les railleries en plus des dégâts. Par bonheur, en grande partie grâce à votre aide, il se trouve que je peux me permettre de renoncer entièrement aux éditions allemandes pendant un ou deux ans. Toutes ces histoires ont bien troublé ce séjour agréable, mais les bonnes nouvelles ne vont jamais sans les mauvaises, et dans la mesure où j'avance dans mon travail, tout le reste est accessoire*.

Mille mercis encore et mes amitiés les plus sincères. Je vous télégraphierai ma nouvelle adresse dès que je partirai.

Sincèrement et avec toute ma reconnaissance.

Votre

Stefan Zweig

* En Europe, on n'a jamais la paix, et c'est toujours l'Allemagne qui en est la cause.

5-XI-1935

Viena, IX, Berggasse, 19

Querido, muy respetado señor:

Le agradezco su carta y el recorte del Sunday Times. Su artículo es una manifestación de amistad: más que lo que leo, me complace lo que hay detrás, en el sentir del autor. Con todo, me entero por el recorte, no sin sorpresa, de que se me ha concedido el tan apetecido premio Nobel pasando por encima de la propuesta de la Universidad de Viena. Puede que esta noticia sea una de las tergiversaciones que el periódico, como usted deplora, ha hecho de su texto. O puede que sea otra de sus <<medidas tácticas>>. En este último caso, probablemente no surtirá efecto. Ya debe de haber oído usted la de dificultades y obstáculos que la ciudad de Francfort tuvo que vencer para lograr que me concedieran el premio Goethe.

Después de su visita del 15 de sept. me hice serios reproches por haberme extendido tanto sobre el contenido de mi

Moisés, en vez de dejar que me hablase usted de sus trabajos y proyectos. Mi Moisés nunca verá la luz pública
Gracias cordiales y saludos
Suyo,
Freud.

Langham 3693
15 de nov. de 1937
49, Hallam Street
Londres, W. 1

Querido y respetado profesor: sólo quiero decirle lo feliz que fui al ver su letra y con cuánta estima y fidelidad pienso en usted (de quien he estado hablando mucho con Arnold Zweig). No soy capaz de decirle el sufrimiento que me provocan los tiempos que vivimos. Um dios terrible me concendió el don de prever muchas cosas, y lo que ahora está pasando lo sentían mis nervios desde hace cuatro años. Si no hubiera vivido aquí [Londres], no hubiera podido trabajar (¡que vivan los benditos que tienen <<ilusiones>>!). Estos días recibirá un <<apêndice>> del Magallanes, pero en lo que estoy trabajando ahora es en una noela psicológica, muy difícil sin ser larga, que se llamará Mord durch Mitleid y que va de que la debilidad, de que una compasión a medias que no lleve al sacrificio extremo, son más mortíferas que la violencia. Se trata de un retorno a su mundo y el libro toca cuestiones médicas (es mi consuelo). A decir verdade, el libro que habría que escribir es la tragedia del judaísmo, pero me temo que la realidad, llevada a su máxima intesidad, llegará a superar nuestras fantasias más temerarias. Usted tiene un consuelo: su obra, inolvidable e impertubable. Usted habrá dado testimonio de que no fuimos totalmente inútiles, si bien puede que nuestro mensaje fuera desoído (no obstante siempre queda el deber de intentar hacerlo lo mejor que se pueda).

Cuando pienso en Viena y me pongo melancólico, pienso en usted. De año en años su hosca rigurosidad se convierte en un modelo para mí y cada vez me siento más agradecido y unido a usted.

Respetuosa y fielmente suyo,
Stefan Zweig.

A Arnold Zweig

Londres, 30.XII 1937

Cher Arnold Zweig, je ne vous ai pas écrit pour votre anniversaire une aussi longue lettre que je l'aurais voulu... mais vous savez que parfois la main se rebelle contre les longues lettres. Mais j'ai bien pensé à vous, et je voulais, avant que l'année ne cède la place (comme l'on dit chez nous de quelqu'un que l'on deteste), vous envoyer encore mes amitiés; à dire vrai, je songeais à déposer une requête de visiteur pour la Palestine, mais cela me semble frivole de m'en aller voguer si loin dans cette mer précise au moment où la terre de soucis enfle sans discontinuer – la Roumanie est sans doute, pour le judaïsme, et au-delà même, pour l'Europe, le coup le plus terrible que l'on puisse imaginer; je m'attends à des répercussions en Pologne, en Hongrie, à des conséquences pour l'Autriche, et alors nous pouvons tous briser nos plumes, car il n'est pas d'imagination poétique qui puisse se représenter ce qui arrivera à notre peuple. Je ressens toujours davantage la nécessité d'une organisation telle que nous l'évoquions; c'est une catastrophe que nous vivons tous ainsi éloignés, que chacun croule sous les préoccupations. Ce serait tellement crucial que nous nous retrouvions tous chaque été, un cercle restreint, pour garder le contact et penser en commun ce qui nous est commun. Mais pas d'autre unité que l'unité commune, et tout de suite, le désespoir impuissant! Excusez-

moi de devenir si amer alors que je voulais simplement vous saluer, mais je suis allé à Vienne (chez Freud notamment) et j'ai porté sur cette ville le même regard que si les ennemis étaient déjà aux portes. Freud était une consolation. Toujours la même force d'esprit, et avec cela une douceur nouvelle qui ne lui et venue qu'avec l'âge.

Je n'ai pas encore reçu votre roman, espérons que cela ne tardera pas; dans l'intervalle, mès deux livres sont sans doute venus vous trouver, mais je ne veux pas engager vos yeux à les lire. Cela ne presse pas; la seule chose importante à notre époque est d'avoir un regard limpide et clairvoyant (de ces deux qualités je ne parviens malheureusement qu'à la dernière).

Je n'ose donc pas vous dire: l'année prochaine à Jérusalem! Mais peut-être que le hasard y pourvoira malgré tout. Amitiés à vous et votre épouse, de
Stefan Zweig.

Estoril (Portugal) por breve tiempo
[Enero/febrero de 1938]

Estimado profesor: me dan la alegre noticia desde Londres de que su Moisés (o lo que enseña de él al mundo) se ha publicado. Dentro de cuatro semanas estaré de vuelta y entonces podré darle las gracias adecuadamente. Aquí el aire es indescriptiblemente transparente y soleado (¡ay!, cómo le deseo un intermezzo en el sur como éste). Respetuosa y fielmente suyo,
Stefan Zweig.

Langham 3693
2, marzo de 1938
49, Hallam Street,
Londres, W. 1

Mi muy apreciado profesor: después de mi regreso de Portugal lo primeiro que hice fue leer su estudio sobre Moisés y, sinceramente, admiro la franqueza con que defiende una hipótesis que en su exposición resulta absolutamente convincente. Las ideas no tienen ninguna pátria verdadera en la Tierra. Flotan en el aire entre los pueblos, entre los seres humanos, y apenas hay conocimiento, fe o religión que no mezcle lo propio con lo adventicio, así como tampoco hay ningún invento puro: todo inventar es un encontrar. Quizá choque usted contra un necio nacionalismo judío que se sienta desposeído por el hecho de que presente usted la religión judía como una religión adventicia, pero sólo la estrechez de miras puede dejarse condicionar por tal vanidad colectiva. Una proeza no tiene por qué perder su valía a causa de que otro la haya sonado antes. Que Moisés, el real, el corporal, fuera de esta o aquella estirpe no empequeñece ni la figura del creador que há transmitido a la humanidad el monoteísmo como problema ni la del pueblo que partiendo de su lengua y su espíritu lo há convertido en una idea de vigencia mundial. Para mí, esta obra, aparentemente secundaria, está estrechamente asociada a su ser y a su obra y es una de las pruebas más bellas de su osadía espiritual y de su firmeza humana. Cuántos después de mí no le darán todavía las gracias por haber escogido como campo de batalla espiritual – en aquellos años en que los más firmes ceden y los más audaces se amedrentan – el más difícil y quizá menos pensado de todos los problemas: el religioso. Qué ejemplo. Y entre mí me digo una y otra vez: la ayuda que nos ha prestado con su actitud humano no ha sido menor que la que nos ha dado con su obra; en medio de mis muchas indecisiones miro interiormente hacia usted y sin querer siento un escalofrío en la nuca.

También suelo pensar en usted em estos días críticos. Gustosa, incluso maliciosamente, podría dárme las de superior por haberme ido cuatro años contrariando toda esa perversa charlatanería, pero sufro por todos los que siguen em Viena llenos de inquietud exactamente igual que si se tratara de mí mismo. Pero ya sabe que no dejaré de exigir que su editorial siga editando sus libros: su obra tiene que continuar, accesible y presente, precisamente porque encierra mucho futuro en su interior. Que la salud acompañe su alegría de trabajar. Tenga usted la certeza del amor fiel y el respeto de
Stefan Zweig.

10-6-1938

39 Elsworthy Road

Londres, N W 3

Querido señor:

¡ Qué enorme montón de impresiones, peticiones y compromissos em estos primeros días! Predominan las amabilidades: saludos y felicitaciones de amigos, adeptos y conocidos (pero en buena parte de desconocidos que no quieren sino expresar su simpatía y alegría sin exigir nada a cambio). Además, naturalmente, me han enviado todo un contingente de extravagancias, tratados y evangelios y me han pedido autógrafos, solicitado entrevistas periodísticas e invitado a escribir artículos presuntamente bien pagados. Hasta alguna consulta médica, pero no muchas: no parece que vaya a poder vivir demasiado bien de mi profesión médica.

Su atenta carta estaba entre las primeras de todas. Es verdad que estoy cansado pero eso sólo afecta a mi movilidad. Mi corazón reclama ahora muchos cuidados. Pero ésta es mi undécima carta hoy y no veo ningún motivo para privarme durante más tiempo del placer que ya aanticipaba mentalmente

cuando pensaba en Londres, a saber, el de verle y hablar con usted. Estoy casi siempre en casa y, si llama estos próximos días al 2940 de Primrose, fácilmente concertaremos una cita. Así pues, hasta muy pronto.

Cordialmente suyo,
Freud.

49, Hallam Street,
Londres, W.1 (principios de junio de 1938)
Langham 3693

Querido, respetado profesor; aunque la mano y el corazón me lo exigían ardientemente, no le escribí a Viena, pero todos mis pensamientos estaban a diario con usted. Ahora respiro con la sensación de que aquí [Inglaterra] está usted a salvo. ¡Incipit vita nuova!

Imagino que le estarán atosigando y que necesita usted paz. Por eso sólo iré a visitarle cuando usted me lo autorice (tengo teléfono pero no está en la guía). Ya sabe con cuánto gusto acudiré a cualquier hora del día. Nada es más importante para mí que ver que ha resistido usted esta prueba, la más amarga de todas.

Muchos saludos cordiales a los suyos,
Suyo fielmente afectísimo, Stefan Zweig.

Prof. Sigmund Freud 49, Hallam Street,
Londres, W. 1.
Langham 3693

(aproximadamente del 10-7-1938)

Estimado profesor: a Salvador Dalí, el gran pintor, que es un admirador fanático de su obra, le gustaría verle y no se

me ocurre quién podría interesarle a usted más. Yo aprecio extraordinariamente su obra y estaría muy contento si pasara usted un rato con él.

Respetuosa y fielmente suyo,
Stefan Zweig.

20-7-1938

39 Elsworthy Road

Londres. N. W. 3

Querido señor:

De verdad, debo darle las gracias por la iniciativa de traer a casa a los visitantes de ayer [Dali e James], pues hasta ese momento había tendido a tener a los surrealistas por absolutamente (digamos en un noventa y cinco por ciento, como el alcohol) locos. El joven español, con sus ojos ingenuos y fantásticos y su innegable maestría técnica, me mereció una valoración diferente. De hecho, sería muy interesante investigar psicoanalíticamente el nacimiento de un cuadro así. Sin embargo, como crítica, podría seguir diciéndose que el concepto de arte rehúsa ampliarse si la relación cuantitativa entre el material inconsc. y la elaboración preconsc. no se atiene a unas ciertas fronteras. En cualquier caso, problemas psicológicos serios. Por lo que respecta a los otros visitantes, me gustó ponerle dificultades al candidato a fin de comprobar su proclividad e incrementar su disposición al sacrificio. El análisis es como una mujer que quiere que la conquisten pero que sabe que la valorarán poco si no ofrece resistencia. Si Mr. J. se lo piensa demasiado, tendrá que acudir a otro, a Jones o a mi hija.

Me dicen que se olvidó algo al macharse, unos guantes o algo así. Ya sabe, eso es una promesa de volver.

Cordialmente suyo, Freud.

24 de ag. de 1938
49, Hallam Street,
Londres, W. 1
Langham 3693

Querido, respetado profesor, no califique usted mi silencio de infiel o indolente: un amigo querido há sufrido una operación difícil y tengo que acudir con frecuencia a su lado y mi madre, que tenía ochenta y cinco años, murió en Viena. Qué tiempos vivimos; noto que apenas siento pena sino más bien consuelo por el hecho de que mi madre no tenga que seguir viviendo en ese infierno que es Viena, sin poder unírseños.

Mañana me pondré en contacto con usted y espero verle pronto. Creo que aquel joven, Edward James, se decidirá pronto; estuve hablando con él la semana pasada.

Respetuosa y fielmente suyo,
Stefan Zweig.



ISBN: 978-85-67803-96-8



9 788567 803968


Edibrás
Gráfica e Editora